

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
MESTRADO EM TEOLOGIA SISTEMÁTICA

CARLOS AUGUSTO DE AZAMBUJA ALVES

**DEUS NA PERIFERIA DO MUNDO:
UM ESTUDO SOBRE O NÚCLEO DE
PASTORAL DA REGIÃO DAS
ILHAS DE PORTO ALEGRE**

Prof. Dr. Luiz Carlos Susin

Orientador

Porto Alegre
2012

CARLOS AUGUSTO DE AZAMBUJA ALVES

**DEUS NA PERIFERIA DO MUNDO:
UM ESTUDO SOBRE O NÚCLEO DE PASTORAL DA
REGIÃO DAS ILHAS DE PORTO ALEGRE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Teologia, área de concentração: Teologia Sistemática.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Susin

Porto Alegre

2012

CARLOS AUGUSTO DE AZAMBUJA ALVES

**DEUS NA PERIFERIA DO MUNDO:
UM ESTUDO SOBRE O NÚCLEO DE PASTORAL DA
REGIÃO DAS ILHAS DE PORTO ALEGRE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Teologia, área de concentração: Teologia Sistemática.

Aprovado em 31 de agosto de 2012, pela Banca Examinadora.

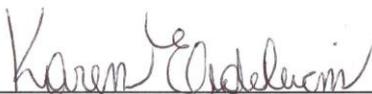
BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Luiz Carlos Susin
(Orientador)



Prof. Dr. Érico João Hammes



Profª. Drª. Karen Eidelwein

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, que me oportunizou e me deu as forças necessárias para chegar ao término dessa dissertação.

Ao Irmão Antônio Cechin e à sua Irmã Matilde Cechin, que foram a minha inspiração durante todos esses anos de convívio com o núcleo de pastoral.

Ao meu Orientador, Luiz Carlos Susin, que me incentivou a realizar esse estudo.

A minha Mãe e ao meu Pai, que sempre me incentivaram e me ajudaram nos momentos difíceis.

Aos Professores e funcionários do PPG em Teologia da PUC-RS, que me possibilitaram a realização deste estudo, em especial, aos Professores Leomar Brustolin e Érico João Hammes.

Aos meus colegas, funcionários do DMLU, que me apoiaram para a conclusão dessa dissertação.

Aleluia

Aleluia! Aleluia! Aleluia!

*Todos os povos da terra,
Da terra sem males,
Louvem ao Pai!*

*O Evangelho é a palavra
De todas as culturas,
Palavra de Deus na Língua dos Homens!*

*O Evangelho é a chegada
De todos os caminhos.
Presença de Deus na marcha dos Homens!*

*O Evangelho é o destino
De toda a história. História de Deus na História dos Homens!*

(Trecho da Missa da Terra Sem Males)

RESUMO

A presente dissertação trata de uma pesquisa que buscou registrar o convívio do pesquisador por mais de 20 anos junto ao Núcleo de Pastoral da Região das Ilhas de Porto Alegre, o qual se focou nas atividades realizadas com os “coletores-urbanos”, catadores. Trata-se de um estudo que fez a articulação dos conhecimentos da Teologia e das Ciências Sociais, visando à potencialização das ações de mudança na realidade de exclusão e discriminação dos coletores-urbanos dessa comunidade, por meio das atividades realizadas pelo Núcleo de Pastoral, para melhoria na qualidade de vida desses moradores. A partir dos métodos “ver, julgar e agir” da Teologia e da “pesquisa-ação” das Ciências Sociais foram construídas as etapas que definiram a estrutura da pesquisa. Foi feita uma abordagem histórica da participação da Igreja Católica Apostólica Romana nessa região, a partir da Teologia da Libertação, bem como foram relatados os erros e os acertos dessa caminhada. Foi um estudo do lugar teológico, do lugar social, de um espaço e de um tempo na vida de muitas pessoas que habitam as ilhas e das que cruzam o seu caminho.

Palavras-chave: Pastoral. Pobres. Coletores-urbanos. Ação. Libertação. Igreja.

RÉSUMÉ

Le présent travail est une enquête qui cherche à enregistrer l'interaction du chercheur depuis plus de 20 ans au Centre pour la région pastorale des îles de Porto Alegre, qui a porté sur les activités avec les urbain-cueilleurs. Il s'agit d'une étude qui a fait l'articulation de la connaissance des sciences de la théologie et social, avec la ferme intention que la recherche peut potentialiser les actions de changement dans la réalité de l'exclusion et la discrimination de cette communauté des collectionneurs-urbaines et des actions organisées générés par le Centre Pastoral pour l'amélioration de la qualité de vie des résidents. Parmi la méthode «voir, juger et agir» de la théologie et la recherche-action en sciences sociales, nous discutons des étapes qui ont défini la structure de l'enquête. Nous avons mené une approche historique de la participation de l'Eglise catholique romaine dans cette région, à partir de la théologie de la libération, ainsi que les erreurs qui ont été signalées et le succès de cette aventure. Il s'agit d'une étude de la théologie, de la place sociale, d'un espace et du temps dans la vie de beaucoup de gens qui habitent les îles et ceux qui croisent leur chemin

Mots-clés: Pastoral. Pauvres. Action. Libération. Église.

ABREVIATURAS E SIGLAS

APA – Área de preservação ambiental

AVESOL – Associação do Voluntariado e da Solidariedade

CAJU – Casa da Juventude Marista

CEBS – Comunidades Eclesiais de Base

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

COOPAL – Cooperativa de Prestação de Serviço Mista do Arquipélago

COOPARIG – Cooperativa dos Artesãos do Rio Grande do Sul

CUT – Central Única dos Trabalhadores do Brasil

DMLU – Departamento Municipal de Limpeza Urbana

DSR- Divisão de Projetos Sociais Reaproveitamento e Reciclagem

GUM – Grupo Universitário Marista

ICYE – *International Christian Youth Exchange*

MNCR – Movimento Nacional dos Catadores de Rua

MST – Movimento dos Trabalhadores Sem Terra

ONGS – Organizações não governamentais

OP – Orçamento Participativo

PMPA – Prefeitura Municipal de Porto Alegre

PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

SADI – Sociedade dos Amigos das Ilhas

SEMA – Secretaria Estadual do Meio Ambiente

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 DEUS NA PERIFERIA DO MUNDO: O LUGAR HISTÓRICO	15
1.1 AS PRIMEIRAS IMPRESSÕES DO LOCAL: 1989	15
1.2 O COLETOR DE ONTEM E O COLETOR DE HOJE.....	18
1.3 A ILHA GRANDE DOS MARINHEIROS E O SANTUÁRIO NOSSA SENHORA APARECIDA.....	21
1.4 O COMEÇO DA ORGANIZAÇÃO: O GALPÃO E A DESCRIÇÃO FÍSICA.....	22
1.5 AS PARCERIAS INICIAIS DO NÚCLEO DE PASTORAL.....	24
1.6 AS MORADIAS DOS COLETORES-URBANOS: COMPARAÇÃO COM OS COLETORES DE “ONTEM”	25
1.7 O PARQUE ESTADUAL DELTA DO JACUÍ.....	27
1.8 AS DIFICULDADES DA VIDA DOS COLETORES URBANOS: A REALIDADE DO ABANDONO.....	29
1.9 O NÚCLEO DE PASTORAL.....	31
1.9.1 Irmão Antônio Cechin e Matilde Cechin.....	35
1.9.2 Irmã Marie Eve	38
1.9.3 A atuação do <i>International Culture Youth Exchange</i> na Sociedade dos Amigos das Ilhas	40
1.9.4 A Comunidade dos Irmãos Maristas	42
1.9.5 O Grupo Universitário Marista	44
1.9.6 O Clube de Mães	47
1.10 O ESTIGMA DOS COLETORES URBANOS QUE UTILIZAM VEÍCULOS DE TRAÇÃO ANIMAL	48
1.11 OS VÍNCULOS: OS OUTROS.....	53
2 DEUS NA PERIFERIA DO MUNDO: A HERMENÊUTICA DO CONTEXTO	57
2.1 OS POBRES E O PODER	59

2.2 OS POBRES, O LUGAR TEOLÓGICO	61
2.3 OS POBRES E A SALVAÇÃO	64
2.4 O ROSTO DE DEUS NA PERIFERIA DO MUNDO.....	66
2.5 AS CONTRADIÇÕES NA INTERVENÇÃO PASTORAL.....	67
2.6 O LADO DE QUEM “RECEBE” A INTERVENÇÃO PASTORAL.....	70
2.7 OS SABERES NESSE LUGAR SOCIAL.....	72
2.8 OS DISCURSOS.....	74
2.9 A TRADIÇÃO HISTÓRICA E OS FRAGMENTOS ATUAIS.....	77
2.10 AS QUESTÕES DIFUSAS EM MEIO À TRADIÇÃO DE LIBERTAÇÃO	80
2.11 A AFIRMAÇÃO DA TRADIÇÃO DE LIBERTAÇÃO	81
2.12 O DIÁLOGO DA TRADIÇÃO DE LIBERTAÇÃO COM AS ORGANIZAÇÕES JÁ EXISTENTES	83
2.13 O SER PERSEGUIDO POR SEGUIR A DEUS	84
2.14 OS DIFERENTES TEMPOS DA ILHA.....	85
2.15 A CRUZ DOS COLETORES URBANOS	88
2.16 O MOSAICO.....	91
3 DEUS NA PERIFERIA DO MUNDO: O PESQUISADOR E A PRÁXIS	94
3.1 O HOJE, A PARTICIPAÇÃO E AS AÇÕES: 2012.....	96
3.2 A ERGONOMIA: AS DIFICULDADES DO GRUPO	99
3.3 UM ATUALIZAR DAS AÇÕES.....	103
3.4 AS POLÍTICAS PÚBLICAS NA REGIÃO.....	105
3.5 A BUSCA DE ALIADOS E AS AÇÕES CONCENTRADAS DO NÚCLEO DE PASTORAL.....	107
3.6 A COMUNICAÇÃO VISANDO À COOPERAÇÃO E SOLIDARIEDADE.....	109
3.7 A AÇÃO DE LIGAÇÃO DO DEUS NA PERIFERIA COM O DEUS DA PERIFERIA	110
CONSIDERAÇÕES FINAIS: AS LEMBRANÇAS E A CONCLUSÃO QUE NÃO TERMINA.....	112
REFERÊNCIAS.....	115
APÊNDICE A - ENTREVISTA COM IRMÃO ANTÔNIO CECCHIN	119

INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como foco de pesquisa o estudo do Núcleo de Pastoral das Ilhas de Porto Alegre e, a partir do “ver, julgar e agir”, visa a produzir conhecimento acadêmico, bem como colocar em prática os conhecimentos da universidade e da comunidade. Há, portanto, uma união entre teoria e prática. Pretende-se, igualmente, demonstrar, dentro de suas possibilidades e limites, o Deus na periferia, um Deus presente e atuante na comunidade que estabelece o lugar teológico, o lugar social, o espaço da narrativa na história, um lugar real, concreto, de muitas vidas em relação constante.¹

Esse é o espaço e o tempo de muitas histórias, de muitas relações, de encontros e desencontros ao longo do caminho dos que participaram desse núcleo de Pastoral da Região das Ilhas de Porto Alegre. Pretendeu-se organizar estes fragmentos históricos, muitas vezes, aparentemente perdidos e desconectados da lembrança do pesquisador e dos pesquisados, dando formato a esta dissertação.

Para a análise deste fenômeno, pesquisado a partir do saber teológico, juntamente com as Ciências Sociais, utilizam-se referenciais teóricos que possibilitam trazer à luz uma amostra situacional, observada ao longo do tempo de convívio do pesquisador com esse grupo e que permitiu a reflexão acerca do contexto, do cotidiano e das atividades do Núcleo de Pastoral nesta comunidade.

Michel de Certeau, ao referir-se sobre o cotidiano, sugere que este é “aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente”.²

Como avaliar a dimensão teológica em uma realidade existente na qual há uma carência de respostas e encaminhamentos para um conjunto de pessoas que

¹ Cf. Francisco de Aquino Junior, [...] (1) o lugar social, além de “matéria prima” da teologia e “meio no qual” o teólogo vive, constitui um meio com o qual se faz teologia – ele não fica simplesmente atrás (pressuposto) ou na frente (visada) do processo teórico, mas é parte do próprio processo teórico – e que (2) o mundo dos pobres e dos oprimidos é o lugar social fundamental da teologia, enquanto atividade intelectual (JUNIOR, F. A. *A Teologia como inteligência do reinado de Deus*. O método da teologia da libertação segundo Ignacio Ellacuría, p. 315).

² DE CERTEAU, M.; GIARD, L. *A invenção do cotidiano vol.2*. Morar, cozinhar, p. 31.

vive em situação de extrema necessidade? Esse é um lugar onde a ausência do pão do corpo e da alma é a realidade mais próxima, em que a fome e a desnutrição são características marcantes, cheio de contradições no aspecto econômico, mas, não refratária à mensagem evangélica.

O desafio diário maior é levar o Evangelho a um espaço de grandes dificuldades, um lugar teológico, o do pobre. É um espaço, no qual o saber teológico tem que ser traduzido e decodificado, para que o entendimento aconteça no sentido da troca, uma vez que não há conhecimento sistematizado para a libertação dessas pessoas que se apresentam em estado de abandono. Em outras palavras, a comunidade local não consegue elaborar sozinha estratégia de melhoria em sua qualidade de vida. Mas verifica-se o poder de resistência à dominação, construída a partir das trocas de conhecimento entre os agentes pastorais e a comunidade, a qual vai implicar a revelação de Deus nesse lugar. Deus está presente na aflição do povo.

Nesta dissertação, portanto, destaca-se a presença da fé em todos os momentos e movimentos que foram realizados pelo pesquisador e pelos membros do Núcleo. A força da fé, (cf. Mt 17.20), a “fé que move montanhas”, é observada no sentido da vida; a fé através da qual o povo, mesmo na dificuldade, tira forças para vencer as adversidades e, principalmente, se organizar para a resistência contra a opressão.

Entre as muitas idas e vindas à Ilha, na busca do passado e na tentativa de interpretação do presente, foram registrados os movimentos de mudança, os novos entendimentos, as construções e as conexões estabelecidas, tendo tudo isto desdobramentos no presente. Sendo assim, o presente estudo descreve o fenômeno e a suas influências no processo histórico dessa comunidade, bem como são apresentados os pontos que foram observados e interpretados e estão “vivos” na memória tanto do pesquisador quanto da comunidade local.

Para que os objetivos sejam alcançados, o estudo está dividido em três capítulos. O primeiro trata das questões de campo, históricas, do pesquisador e de sua chegada a essa região, assim como de seu conhecimento do local e da sua relação com o contexto encontrado, sendo estes aspectos focados a partir do Núcleo de Pastoral da Região das ilhas de Porto Alegre. Além disso, são expostos: a

relação desse Núcleo com os outros setores da sociedade, com as instâncias sociopolíticas, bem como o diálogo macroecumênico com outras religiões existentes na região.

Nesse capítulo, tratar-se-á sobre a temática que envolve a questão do estigma, a marca social relacionada aos pobres, que é verificada diretamente na atividade dos coletores de resíduos, em particular, os coletores de rua, como é o caso dos carroceiros e carrinheiros. Esse é um dos aspectos de destaque neste estudo, uma vez que é algo presente na rotina do Núcleo de Pastoral e na vida desses trabalhadores, o estigma e a invisibilidade de trabalhar com o lixo (resíduo).

Ocorre, na atualidade, um aumento da estigmatização dessa atividade, como, por exemplo, a retirada desses trabalhadores de circulação: das carroças e dos carrinhos a partir de 2012 das ruas de Porto Alegre. Segundo o teólogo, Jon Sobrino, citando passagens do Evangelho, fica evidenciada a discriminação histórica sofrida pelos pobres, aqui representados na figura dos catadores, dos coletores-urbanos:

Para Jesus, os pobres são os pecadores, publicanos, prostitutas (Mc 2,6; Mt 11,19; 21,32; Lc 15,1); são os simples (Mt 11,25), os pequenos (Mc 9,2; Mt 10,42; 18,10.14), os menores (Mt 25,40.45); os que exercem profissões desprezadas (Mt 21,31; Lc 18,11). Neste sentido, são pobres as pessoas difamadas, as que gozam de má reputação e estima, os incultos e os ignorantes aos quais a ignorância religiosa e o seu comportamento moral fechavam, segundo a convicção da época, a porta de acesso a salvação.³

Outro aspecto que será tratado nesse capítulo é o envio de Deus pelos agentes de pastoral a esse local, com o *anúncio da boa nova* (Lc 2.8-11). Agentes levando esperança de dias melhores, não em um sentido abstrato, distante, porém, em algo possível, real e concreto, algo alcançável, a partir da organização da luta e esperança para o povo excluído. Esses enviados são pessoas que dedicaram boa parte de suas vidas a essa causa, como é o caso do Irmão Antônio Cechin e da sua Irmã Matilde Cechin. Na história, encontraremos relatos de torturas e humilhações, algo comum na vida dos primeiros cristãos (cf. At 8.1-4). Mesmo com esses

³ SOBRINO, J. *Jesus na América Latina: seu significado para a fé e a cristologia*, p. 133.

problemas enfrentados, constata-se que a fé desses religiosos manteve-se firme e inabalada, objetivando levar o Evangelho a esses locais periféricos.⁴

O segundo capítulo detalha e aprofunda as interpretações que envolvem as mediações, a hermenêutica do contexto histórico, a reflexão acerca do Deus presente em todos os momentos, e que se faz mais próximo, justamente nas horas mais difíceis, e só poderemos perceber as suas ações a partir da fé. É feita igualmente uma reflexão em torno das atividades, isto é, daquilo que foi produzido ao longo dos 22 anos de atuação tanto da Pastoral quanto do pesquisador nessa região. Esta reflexão não é somente fundamentada na razão, mas, sobretudo, a partir da fé em Deus, de um Deus presente, que abençoa e ilumina o cotidiano, que dá forças ao Núcleo de Pastoral e, conseqüentemente, à população da região das Ilhas de Porto Alegre.

Nesse capítulo, será focada também a questão da cruz, como símbolo da caminhada do cristão rumo à Ressurreição, da morte que se transforma em vida, do sofrimento que se transforma em luz. A cruz vista como referência que está no santuário Nossa Senhora Aparecida, na Ilha Grande dos Marinheiros, e que se faz presente ao longo de todos esses anos de atuação do Núcleo de Pastoral da Região das Ilhas de Porto Alegre.

O terceiro capítulo trata da *práxis* do pesquisador. A partir dos métodos utilizados, ver, julgar e agir e pesquisa-ação, buscou-se dar um caráter objetivo ao estudo, fundamentado no processo de acúmulo histórico, sendo feita a articulação de forças, para o fortalecimento e a continuidade das atividades do Núcleo de Pastoral. Esta é uma dinâmica empregada no sentido de produzir movimento, uma vez que se direcionou este estudo a servir como um instrumento potencializador de organização e resistência dos moradores através das ações do Núcleo de Pastoral e, por conseguinte, que estão envolvidas na luta dos coletores-urbanos, pelos seus direitos básicos, quais sejam: ao trabalho, à circulação, à possibilidade de ir e vir e de um local adequado que lhes permita realizar o seu trabalho.

Assinala-se que essa organização pastoral está voltada para defender os direitos básicos dos moradores das Ilhas, a partir da liberdade em Deus, a

⁴ O trabalho cotidiano do Irmão Marista Antônio Cechin junto aos excluídos é realizado há mais de 50 anos e continua até hoje.

verdadeira liberdade, eis que Jesus Cristo travou uma luta constante para nos libertar de tudo que nos oprime e escraviza.

Ao longo desses anos de convívio com os habitantes da Ilha, foram investigados, na história, no testemunho da fé e nas obras desse grupo, elementos que possibilitassem acrescentar um novo ritmo ao que estava com um movimento lento, e essa diferença pode ser observada no Galpão de Reciclagem da Ilha Grande dos Marinheiros. Essa ação, que tem como suporte a fé, visa a uma organização permanente de resistência de base. Enfatizamos, no entanto, que o trabalho de Pastoral nas comunidades periféricas sempre esteve sob constantes ataques realizados pelas fortes estruturas de dominação, detentoras do poder econômico, que não querem a libertação do povo. Sofrer constantes agressões, por atuar pelos excluídos, é algo presente no cotidiano de quem leva a mensagem de libertação.

1 DEUS NA PERIFERIA DO MUNDO: O LUGAR HISTÓRICO

O Núcleo de Pastoral da Região das Ilhas de Porto Alegre ocupa um lugar concreto, situa-se em um espaço e um tempo e é um lugar histórico. Neste capítulo, portanto, serão relatadas as situações vividas ao longo dos anos de convivência do pesquisador no local estudado, através de suas muitas idas e vindas à comunidade das ilhas de Porto Alegre, mais especificamente com o Núcleo de Pastoral da Igreja Católica.

Nessa imersão, o que se pretende é descrever, com o maior nível de detalhes, essa participação integrada do pesquisador com o Núcleo na região, objeto desta pesquisa. Os assuntos foram organizados em uma cronologia a partir dos primeiros contatos, em uma postura interativa tanto da comunidade quanto do Núcleo de Pastoral.

1.1 AS PRIMEIRAS IMPRESSÕES DO LOCAL: 1989

A chegada à região das Ilhas de Porto Alegre ocorreu por meio do trabalho de assessoria do pesquisador ao Departamento Municipal de Limpeza Urbana (DMLU), órgão municipal, autarquia da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, responsável pela coleta e destinação final dos resíduos produzidos pela população da cidade, no ano de 1990, com a função de articular e organizar o problema dos resíduos sólidos na região das ilhas da cidade. O termo “lixo” é tecnicamente hoje chamado de “resíduo sólido”, que é o conceito que será utilizado nesta dissertação.⁵

Desde o início da gestão, na Prefeitura Municipal de Porto Alegre, tendo à frente um partido de esquerda, da Administração Popular (que teve início em 1989),

⁵ O termo técnico “resíduo sólido” começou a ser amplamente utilizado a partir de 1990, em substituição à palavra “lixo”. Esses estudos encontram-se no Projeto de Gerenciamento Integrado dos Resíduos Sólidos de Porto Alegre, que foi realizado pelo DMLU, em 1993.

um dos eixos de atuação e proposta de governo municipal era o de combate à miséria, através da inclusão social, sendo a geração de renda, em médio prazo, uma das metas a serem alcançadas.⁶ Uma das questões prioritárias em relação aos projetos era a de organizar as comunidades carentes, sendo a sua maioria localizada nas regiões periféricas da cidade.

A proposta era objetiva, mas era preciso que fossem criados espaços de trabalho, na forma de associações e de cooperativas nas comunidades, onde houvesse moradores que trabalhassem com a catação de resíduos. As associações foram sendo organizadas para que pudessem absorver o máximo de pessoas, já que o índice de desemprego na época era elevado, principalmente nas regiões periféricas das grandes cidades brasileiras.

Desde a criação desse formato de organização, agentes de pastorais, ligados à Igreja Católica, foram convidados a participar do planejamento e da constituição dessa atividade socioambiental. Dois locais eram prioritários, a região das Ilhas de Porto Alegre e o antigo “lixão” da zona norte, localizado na Av. Sertório. A organização nas Ilhas ficou sob a responsabilidade dos agentes de pastorais, em parceria com o DMLU; e a organização dos catadores da Sertório, de uma equipe de técnicos do DMLU.⁷

O primeiro contato, mais efetivo, do pesquisador aconteceu há aproximadamente 22 anos – período em que ocorreu a primeira ida a essa região e mais precisamente o encontro com a comunidade católica, núcleo de atividade pastoral. A principal atuação do pesquisador era o de dar assessoria às atividades relacionadas ao início da Coleta Seletiva em Porto Alegre, compreendendo desde o acompanhamento e articulação das reuniões com o grupo, até a elaboração e o registro das planilhas com dados estatísticos do projeto. O principal foco de atuação do Núcleo de Pastoral nessa época estava relacionado ao começo dos trabalhos do Galpão de Reciclagem, em uma das ilhas do Parque Estadual Delta do Jacuí, a Ilha Grande dos Marinheiros.

⁶ Uma frente de esquerda foi encabeçada pelo Partido dos Trabalhadores. Olívio Dutra eleito o prefeito da cidade.

⁷ A equipe técnica do DMLU, organizada e focada na questão do trabalho da implantação da coleta seletiva e na organização dos catadores, foi criada em 1988. Na sua origem, participaram técnicos e ambientalistas renomados, entre eles o Engenheiro Agrônomo Jacques Saldanha, um símbolo da luta ambientalista e também participante das CEBS.

O núcleo, nesse período, também atuava junto aos carroceiros e carrinheiros que tinham vínculos com o Galpão de Reciclagem, seja no parentesco com os que trabalhavam diretamente no Galpão ou com os seus próprios trabalhadores do Galpão que buscavam eventualmente os resíduos nas carroças e nos carrinhos para separação dos resíduos, nos pátios de suas próprias casas. Essa separação dos resíduos no local em que moram sempre foi algo presente, e ainda hoje, em 2012, no cotidiano dessa comunidade, ocorre essa prática de separação dos resíduos coletados nos pátios (Ilha Grande dos Marinheiros e Pavão). As primeiras impressões da forma como viviam e faziam o seu trabalho de catação foram muito importantes, uma vez que já davam um indicativo sobre a questão do envolvimento desses moradores com a atividade com resíduos.

A chegada ao local, em uma perspectiva antropológica, ocorreu através de um olhar crítico. Sendo assim, antes de ir a campo, de ter contato com a comunidade e participar da vida dela, foi preciso superar as pré-concepções. Segundo Gilberto Velho, “A antropologia tem grande vantagem de ter uma saudável tradição de ceticismo e crítica, que pode nos ajudar a rever e a superar as ideias velhas e preconceituosas”.⁸

Assim, os primeiros contatos com o Galpão da Ilha dos Marinheiros fez que o pesquisador fosse tendo uma visualização a respeito dos trabalhadores, de suas condições no espaço de trabalho e do local, onde eles habitavam desde o início. Nesse sentido corrobora o pensamento de Erving Goffman, ele nos diz que as impressões iniciais de determinada situação são importantes, para um entendimento do fenômeno a ser estudado. “Na vida cotidiana, por certo, há clara compreensão de que as primeiras impressões são importantes”.⁹

Conforme vão sendo relatadas as imagens dos momentos vivenciados nas ilhas, elas vão tomando uma nova forma, e as lembranças, resgatadas sob um novo ponto de vista, merecem um olhar atualizado do contexto no qual se apresenta. Essas lembranças estão relacionadas às várias percepções e perspectivas relacionadas ao Núcleo de Pastoral da Região das Ilhas de Porto Alegre. A observação e a interpretação desses fatos são atos constantes – exercícios que se

⁸ VELHO, G. *O desafio da cidade* – Novas perspectivas da antropologia brasileira, p. 20.

⁹ GOFFMAN, E. *A Representação do eu na vida cotidiana*, p. 19.

repetem cada vez que se vai a campo. Segundo Eckert, “para compreender o presente do grupo estudado, é preciso conceber o tempo social como uma série de rupturas, evitando perceber a sua história num eixo temporal contínuo e uniforme”.¹⁰

1.2 O COLETOR DE ONTEM E O COLETOR DE HOJE

Foi utilizada, nesta pesquisa, em determinadas circunstâncias, a expressão “coletor-urbano”, no sentido de melhor definir e ampliar o campo de análise da prática cotidiana, a atividade que é realizada por esses trabalhadores diariamente nas ruas de Porto Alegre, nos galpões de reciclagem, nas residências, na coleta formal e informal dos resíduos.

Estabeleceu-se uma relação com os coletores-caçadores das florestas, de outrora, que buscavam, através da coleta dos alimentos, a sua sobrevivência diária. Este termo, utilizado antigamente, é semelhante ao empregado hoje, isto é, os “coletores-urbanos”. Em uma análise mais ampla, portanto, é possível aproximar as especificidades de cada grupo, as fronteiras dentro da própria atividade. As outras nomenclaturas, normalmente utilizadas para designar os trabalhadores que desempenham suas atividades de coleta, catação, triagem e destinação dos resíduos sólidos, são as seguintes: catadores, papaleiros, carrinheiros, carroceiros, recicladores, que estão inter-relacionadas às práticas dessas atividades.¹¹

O termo “coletor-urbano”, utilizado neste estudo, busca, introdutoriamente, fazer uma correlação da Antropologia com a história dessa prática de sobrevivência, a partir da coleta do alimento nas florestas no passado e da utilização dos veículos de tração humana e animal, utilizados para o transporte de carga hoje na coleta dos resíduos sólidos.

Esses coletores, na época de Jesus Cristo, habitavam outras partes do mundo, por exemplo, os índios na América, que ainda não havia sido descoberta. Ao largar a

¹⁰ ECKERT, C. "Memória e Identidade", p. 15.

¹¹ Hoje, o termo “catador” é o mais utilizado no Brasil e dá o nome ao Movimento nacionalmente organizado pelos catadores o MNCR. (MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES. Disponível em: <<http://www.mnccr.org.br>>. (Acesso em: 23 maio 2012).

rede no Mar da Galileia, ao pescar, estava-se coletando algo para a sobrevivência do corpo e do espírito, (cf. Mt 13.47-51). O ato de jogar a rede para a busca do alimento está associado ao de coletar o resíduo hoje para sobreviver, a fim de se obter o pão de cada dia. Inclusive, na atualidade, alguns pescadores da região das Ilhas de Porto Alegre, mais especificamente na Ilha da Pintada, na Colônia de Pescadores, em certos períodos do ano, a coleta de resíduos é feita em troca de cestas básicas, devido à falta de peixes, situação que cada vez mais se agrava, devido ao alto nível de poluição de nossos rios e da própria baixa, em função da estiagem. Ressalta-se que determinados rios do Estado do Rio Grande do Sul estão literalmente secando.¹²

A coleta do resíduo, na busca diária pela sobrevivência, através da circulação de uma carroça, do puxar um carinho de papeleiro, do caminhar a pé catando, coletando as sobras, os restos de uma sociedade, voltada ao consumo, criam, no mínimo, estranhamentos e preconceitos em relação à atividade desempenhada por esses trabalhadores. Observa-se que tanto os que faziam as coletas nas florestas no passado longínquo quanto os coletores-urbano enfrentam os perigos diários das mais variadas formas, como o do trânsito. Os coletores, com os seus veículos frágeis, as suas carroças e carinhos, ficam expostos a acidentes, por serem os automóveis e os caminhões maiores e mais potentes.

No início dos tempos da humanidade, diariamente, as frutas e as raízes coletadas, os animais caçados para a sobrevivência são hoje substituídos pelos resíduos descartados, símbolos da atual sociedade de consumo. Tanto o coletor do início da história da humanidade quanto o atual catador, o coletor urbano, tem, nesse seu circular, nas idas e vindas, a necessidade como aspecto central desse movimento. A necessidade da atividade que traz o alimento, antes a coleta direta do alimento, hoje, é a coleta do resíduo para posterior aquisição do alimento, uma vez que o ganho dos coletores-urbanos, em sua maioria, restringe-se à compra da alimentação básica.¹³

¹² O ESTADO do Rio Grande do Sul vive uma das piores secas da sua história. *Correio do Povo*, Porto Alegre, n. 246, 02 jun. 2012. p. 23.

¹³ Cf. Estudos realizados pelo DMLU, no período de 1999 a 2001, o ganho do coletor, em média, tinha variações, de acordo com a situação do coletor ao fazer a coleta. Nesse caso citado, aproxima-se mais ao ganho do coletor-carrinheiro que, dentro de uma escala, era o que tinha a renda menor. Ver. Em documentos internos. DSR – Divisão de Projetos Sociais do DMLU.

Nos dias de hoje, a coleta do “resíduo”, do descarte do artificial, daquilo que foi produzido e transformado pelo homem, que é uma matéria-prima já transformada, passa a ser coletada, ou seja, “caçada” pelos coletores urbanos. Existe, assim, uma luta, uma disputa constante para se coletar esse resíduo na “selva de pedra” dos nossos dias.

Marvin Harris, em seus estudos sobre as adaptações das questões culturais, é uma referência no enfoque aqui apresentado. Percebem-se, desta forma, algumas semelhanças nas formas da coleta, a partir da necessidade de sobrevivência:

[...] os caçadores-recolectores tinham de passar todo o tempo à procura do suficiente para comer. Não podiam produzir um excedente acima do nível de subsistência, de forma que viviam à beira da extinção, cronicamente doentes e com fome.¹⁴

O autor cita algo bem presente na realidade passada e atual dessas pessoas, elas vivem hoje à beira da extinção, visto que são rotuladas de arcaicas, e a doença e a fome são inseparáveis, decorrentes do trabalho extremamente insalubre e da baixa remuneração que essa atividade tem. Com a Lei aprovada na câmara de vereadores de Porto Alegre, em 2008, a questão atual da extinção das carroças e dos carrinhos é o exemplo dessa situação.

Se o coletor, carroceiro ou carrinheiro, não realizar a sua coleta sistemática, acabará enfrentando sérias dificuldades para viver, já que muitos deles vêm exercendo essa ocupação por muito tempo e, em vários casos, existe uma tradição familiar que é passada dos pais para os filhos. Essa atividade, por conseguinte, tornou-se uma opção de trabalho, e a Ilha Grande dos Marinheiros e Pavão são exemplos de locais, onde um grande número de famílias depende dessa atividade para as suas sobrevivências. Conforme Darós, “as pessoas em situação de pobreza na Ilha Grande dos Marinheiros vivem, em sua maioria, da catação e separação de lixo urbano”.¹⁵

¹⁴ HARRIS, M. *Canibais e reis*, p. 21.

¹⁵ Cf. A psicóloga Marilene Liége Darós, que atuou por muitos anos na comunidade das Ilhas, é uma das referências no trabalho de organização comunitária (DARÓS, M. L. “*Pobreza, ressentimentos e lutas por reconhecimento: um estudo na Ilha Grande dos Marinheiros*. Porto Alegre”, p. 20).

Há uma necessidade diária de coletar o seu alimento indireto ou, algumas vezes, o seu alimento direto dos resíduos. A atividade do coletor-urbano que circula atualmente pelos grandes centros urbanos tem semelhanças às desenvolvidas pelos caçadores-coletores de milhares de anos atrás, principalmente por depender da atividade diária de coleta para a sua sobrevivência e de suas famílias. Os perigos da floresta de milhares de anos atrás hoje são transferidos para a floresta urbana.

1.3 A ILHA GRANDE DOS MARINHEIROS E O SANTUÁRIO NOSSA SENHORA APARECIDA

O Núcleo de Pastoral da região está situado na Ilha Grande dos Marinheiros, local central das atividades, pois ali se encontram o Santuário Nossa Aparecida e o Galpão de Reciclagem, projetos pioneiros do Núcleo e principais espaços para que a reflexão, o estudo e a prática evangélica se concretizem.

É no entorno do Santuário que sempre se concentrou o maior número de habitantes, a população de baixa renda. Para a construção deste espaço, levou-se em consideração a proximidade dos participantes do Núcleo com a comunidade que é muito pobre, visando a um trabalho de geração de renda. Criou-se, assim, uma estrutura de acolhimento e formação, tanto por meio do Santuário quanto do Galpão, sendo estes os promotores de vínculos, de coesão e de cooperação mútua. Tornou-se o Santuário um polo de referência no sentido religioso e ético na comunidade.

O Santuário foi construído em meio à vegetação nativa da região, com uma arquitetura que tinha como propósito integrar e preservar o ambiente natural e a espiritualidade, sendo este um local de fácil acesso para a comunidade, podendo ser visualizado a partir de vários pontos da Ilha.

Quanto às Ilhas, essas se constituem em um lugar periférico, ficando à margem do centro e do restante da cidade “formal”. A periferia está localizada no entorno do centro e, normalmente, nas grandes cidades, são espaços ocupados pela população de baixa renda. Porto Alegre é um exemplo dessa forma de ocupação, pois, na região metropolitana, existiam e ainda existem outras comunidades, onde

residem coletores-urbanos, os quais vivem em condições iguais ou piores que as das regiões das ilhas, em termos de infraestrutura.

Caldeira, ao definir o termo “periferia”, o campo de atuação desta pesquisa, diz que este é um local visto por olhares diferenciados, onde há disputas de poder e inúmeros interesses, além de ser importante no atual contexto da sociedade, haja vista que nela moram milhões de brasileiros. Para a autora:

Nos últimos anos, a periferia tornou-se algo importante. Pouco a pouco a palavra foi adquirindo novos sentidos e hoje é moeda corrente em conversas de políticos, programas de partidos, nos planos de governo, em discursos de militante de base e, como não poderia deixar de ser, nas análises dos cientistas sociais.¹⁶

Em termos de localização, mesmo que a região das ilhas seja circulada pelo rio Jacuí e o rio Guaíba, ela não fica isolada, já que essas ilhas estão conectadas a outras cidades pela BR 290. Nesse caso, estamos tratando das ilhas do Pavão, Ilha Grande dos Marinheiros, Flores e Pintada, situação diferente de outras Ilhas no arquipélago, cuja ligação somente é feita por meio de barcos, e estes foram um dos elementos facilitadores para a migração de pessoas para o local.

1.4 O COMEÇO DA ORGANIZAÇÃO: O GALPÃO E A DESCRIÇÃO FÍSICA

O Galpão de Reciclagem começou a ser organizado e construído em 1988, em caráter transitório, principalmente, por estar situado em uma ilha, em um parque estadual, porém veio a se tornar permanente, estando no mesmo local até os dias de hoje. Cabe salientar que não havia uma definição dada pelos órgãos governamentais competentes no tocante à legislação, de fato vigente, que regulamentasse as disposições do Parque. Não existia nada claro no que concerne à permissão da construção de um local, em que os coletores pudessem trabalhar com materiais oriundos da coleta seletiva de Porto Alegre. Esse problema era e

¹⁶ CALDEIRA, T. *A política dos outros*, p. 7.

ainda é enfrentado pela maioria dos moradores da Ilha, que sofriam e ainda sofrem constantes ameaças de remoção para outros locais.

Em relação ao Galpão de Reciclagem, como espaço de trabalho, esse foi construído de madeira de baixo custo, uma vez que os recursos eram escassos e provenientes de doações. O Galpão não tinha pintura, e o seu piso fora feito de cimento, que logo veio a se deteriorar, devido ao tipo de terreno no qual fora construído, isto é, em um aterro sobre um banhado, e, também, ao fluxo constante de pessoas e caminhões, que tanto entravam para descarregar os materiais coletados da coleta seletiva, quanto para carregar os oriundos da triagem que eram comercializados após terem sido classificados e enfardados.

O local de trabalho, desde a sua origem, não possuía um sistema de água encanada (rede normal de tubulação), eis que esse serviço não era oferecido à comunidade nesse setor da Ilha. No entanto, para amenizar um pouco a situação, havia um motor que bombeava a água do rio para os banheiros e ainda servia para lavar o piso do Galpão no final das atividades. A água, para ser bebida, era trazida pelos caminhões-pipa da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, que abasteciam a região uma vez por semana. Conforme Hiwatashi, “a organização desta unidade foi resultado de um trabalho da comunidade da Ilha e dos religiosos que lá atuavam”.¹⁷

Em 2002, devido às precárias condições em que se encontrava o prédio, trazendo sérios riscos para a segurança dos associados, foi então desmanchado e construído ao lado do antigo, pelo DMLU, um novo Galpão, com dimensões menores, e por meio do reaproveitamento de materiais de obras usadas e também dos que puderam ser aproveitados do antigo Galpão, como as telhas, por exemplo. Foram utilizados do antigo Galpão equipamentos, como as prensas e carrinhos de transporte de fardos.

No novo Galpão, estabeleceu-se uma certa tranquilidade em relação a rotina de trabalho, uma vez que o prédio antigo representava uma seria ameaça a segurança dos trabalhadores.

¹⁷ HIWATASHI, E. *O processo de reciclagem dos resíduos sólidos inorgânicos domiciliares em Porto Alegre*, p. 67.

1.5 AS PARCERIAS INICIAIS DO NÚCLEO DE PASTORAL

A partir do trabalho incessante do Núcleo de Pastoral, o Galpão tornou-se uma referência de trabalho e uma das poucas fontes formais de economia reconhecida e estabilizada, nesse setor da Ilha, na parte da Comunidade Nossa Senhora Aparecida. Esse reconhecimento, no que se refere à “formalidade”, deu-se pela parceria estabelecida entre a Pastoral e a Prefeitura Municipal de Porto Alegre, para a entrega de cargas oriundas da coleta seletiva, realizada pelo DMLU, principal parceiro do setor público até os dias de hoje. As cargas, entregues inicialmente, eram coletadas no bairro Bom Fim e na Cidade Baixa.

Ao longo do tempo, através da parceria estabelecida entre o Poder Público Municipal, o Núcleo de Pastoral e a Associação dos Catadores, os problemas na Unidade de Triagem/Galpão de Reciclagem foram sendo diagnosticados pelos técnicos, que acompanhavam as atividades ali realizadas. Um desses problemas observados era o fato de o Galpão não estar oportunizando maior colocação de associados para o trabalho de triagem. Essa questão foi gradativamente solucionada com a participação de membros do Núcleo de Pastoral que, a partir das reuniões sistemáticas, realizadas na comunidade, elaboraram um plano de aumento das vagas. Então, na época, em 1995, houve um aumento do número de associados – cerca de 40%, totalizando 28 associados.¹⁸

No Santuário Nossa Senhora Aparecida, eram realizadas reuniões com propostas de ampliação do número de trabalhadores. No ano de 2000, houve uma nova campanha de aumento nos postos de trabalho, e este fato demonstrou a força da organização do Núcleo que teve, através do seu coletivo, formas de dialogar, pressionar, resistir e definir a sua própria linha de atuação, mais autônoma, sem ficar refém do Poder Público. A autonomia foi conquistada a partir da cooperação e da coesão de seus participantes. Porém, ao longo dos anos, essa forma que se apresentava com uma maior liberdade de ação para a organização do trabalho no

¹⁸ O problema do esvaziamento e da circularidade de pessoas no Galpão de Reciclagem e do Núcleo de Pastoral são aspectos que vão servir de instrumento de avaliação da participação da comunidade nesses espaços.

Galpão de Reciclagem sofreu muitos ataques por parte dos setores que planejavam tutelar esse setor, na realidade queriam impor um método de dependência.¹⁹

1.6 AS MORADIAS DOS COLETORES-URBANOS: COMPARAÇÃO COM OS COLETORES DE “ONTEM”

Ainda, seguindo os mesmos parâmetros, nessa correlação histórica quanto à habitação dos coletores-caçadores da Pré-história, as suas moradias podem ser comparadas às dos coletores-urbanos, que moram em palafitas, casebres, em condições muito precárias, como no caso das encontradas na região das Ilhas. São habitações insalubres e construídas em meio a todos os tipos de resíduos. Constatase que as contradições na região das Ilhas no aspecto das moradias são absurdas, já que, em algumas partes das Ilhas, as casas são luxuosas e, em outras, impera as condições de miserabilidade. E o mais grave é a passividade e a cumplicidade daqueles que tratam do assunto, isto é, das autoridades responsáveis. Nessa comparação, referida a partir dos estudos de Harris na questão das habitações de nossos antepassados, pode-se dizer que:

Contrariamente às ideias populares, os “homens das cavernas” sabiam fazer abrigos artificiais, [...] e a utilização que faziam de cavernas e ressaltos de rocha dependia das possibilidades regionais e das necessidades da estação.²⁰

Uma parcela de moradores de alto poder aquisitivo que reside no lado sul da Ilha Grande dos Marinheiros, com as suas grandes casas, mansões, nunca viram com bons olhos os pobres ao seu redor. Existiu e ainda existe a intenção constante de remoção dos pobres da região. Um dos projetos é a construção de unidades habitacionais para moradores de baixa renda, e quem mais lucra com a edificação são as grandes construtoras, que normalmente recebem muito e constroem casas

¹⁹ A tentativa de imposição de um método que estava em desacordo com o trabalho desenvolvido pelo Núcleo de Pastoral da Região das Ilhas de Porto Alegre.

²⁰ HARRIS, M. *Canibais e reis*, p. 22.

de péssimas condições. Oliven já identificava essa situação nos anos 70 e 80, e atualmente tal prática aumentou:²¹

Na prática, todo o Sistema Nacional de Habitação foi enormemente distorcido e se presta a uma série de manobras e manipulações. Por um lado, a indústria da construção civil fez grandes lucros, construindo conjuntos habitacionais.²²

Em um debate interno realizado pelo Núcleo, comentou-se, na região das ilhas de Porto Alegre, acerca da diferença de classe que se apresenta de forma extrema: de um lado, há pessoas vivendo em meio ao lixo, em palafitas e, de outro, há poucos metros de distância, há outras vivendo, nos grandes condomínios, como os da Flórida, nos EUA. Segundo o relato de moradores históricos do lado sul da Ilha Grande dos Marinheiros, para o futuro, pretende-se transformar a região das ilhas do Rio Guaíba em um local somente para grandes condomínios, de alto luxo.

A moradia dos pobres, conforme Leonardo Boff, não pode ser vista apenas como um lugar solto, sem referência na relação ao ambiente, existe toda uma história de vínculos estabelecidos pelos seus moradores que não podem ser esquecidos, o local no qual se vive, portanto, é especial, é um espaço, no qual o indivíduo se constrói e se identifica:

Ethos/morada não é constituída simplesmente pelas quatro paredes e o teto. Essa é uma visão exterior e física da casa. A casa precisa ser vista a partir de dentro, numa abordagem existencial, como uma experiência originária e, por isso, como um dado irreduzível. Então, ela aparece como o conjunto das relações que o ser humano estabelece com o meio natural, separando um pedaço dele, para que seja sua morada [...]²³

Destacamos um aspecto que sempre chamou a atenção dos que chegavam à Ilha dos Marinheiros e do Pavão pela primeira vez: o fato de alguns moradores utilizarem o resíduo, oriundo das coletas, para o aterramento de suas casas, uma

²¹ Um exemplo recente da má qualidade das casas populares é das habitações construídas para o reassentamento dos moradores da Vila Dique, Santíssima Trindade, uma comunidade de muitos catadores e local onde foi realizado um trabalho de pastoral semelhante aos das Ilhas de Porto Alegre.

²² OLIVEN, R. G. *Urbanização e mudança social no Brasil*, p. 115.

²³ BOFF, L. *Ética e Moral a busca dos fundamentos*, p. 33.

vez que os aterros com saibro eram muito caros. Atualmente, os melhores aterros ainda ficam restritos a quem detém o poder econômico. Os resíduos que são utilizados nesse tipo de aterro utilizado nas Ilhas, transportados diariamente, ficam misturados com terra e restos de vegetação, o que representava riscos, em vários sentidos, para a saúde das pessoas, visto que podem ser vetores de doenças que se proliferavam naturalmente.

1.7 O PARQUE ESTADUAL DELTA DO JACUÍ

As Ilhas, localizadas no Parque Estadual Delta do Jacuí, são administradas pela Fundação Zoobotânica, que está diretamente ligada à Secretaria Estadual de Meio Ambiente (SEMA), órgãos esses atrelados ao governo do Estado do Rio Grande do Sul. Essa Fundação, devido à carência de recursos e à falta de interesse político das sucessivas administrações, deixou de fazer, ao longo desses anos de existência do parque, um trabalho adequado em benefício dessa comunidade, quanto às diretrizes de trabalho para a região. Esta situação é verificada através das condições em que foram e ainda são deixadas as pessoas de baixa renda que habitam a região.

Tendo em vista esse setor da Ilha ter sido um Parque Estadual e tido uma legislação própria em relação ao manejo ambiental, foram utilizadas essas justificativas para a não aplicação de recursos, objetivando a melhoria da infraestrutura local. A legislação, criada para a proteção do ambiente natural, não protegia nem as áreas de preservação natural, nem os moradores.

O Parque nunca foi implementado de fato, sempre ficou em uma situação de abandono. Muitas vezes, nos discursos, comentava-se que a não aplicação de recursos ocorria em função da legislação, que servia como uma "desculpa" por parte do poder público, para não haver nenhum tipo de investimento na localidade. A transferência de obrigações e competências tornou-se cotidiana nas reuniões, nos fóruns e seminários, que foram realizados no intuito de encaminhar soluções para os problemas de urbanidade da região.

Para o local, foi criado o Orçamento Participativo, em 1990, porém esta acabou sendo uma região diferenciada na aplicação dos orçamentos, já que existia uma “legislação” que limitava as construções na ilha.²⁴ Os limites ficavam restritos aos pobres, pois inúmeras mansões foram construídas nesse período, não somente na área do parque em Porto Alegre, mas também, nas cidades vizinhas, tais como Eldorado do Sul e Guaíba. Conforme dados da Plandel:

[...] O Parque Estadual Delta do Jacuí foi criado pelo Decreto nº 24.385 de 14 de janeiro de 1976 e, posteriormente, ampliado pelo Decreto nº 28.161, de 16 de janeiro de 1979, totalizando uma área de 17.245 hectares, abrangendo os municípios de Porto Alegre, Canoas, Nova Santa Rita, Triunfo e Eldorado do Sul [...]²⁵

A legislação, na maioria dos casos, não foi e não é cumprida. Eis que não são realizados estudos de impacto ambiental, em várias situações, para que os aterros sejam feitos, os quais são depositados nos banhados da região, que são protegidos por legislação federal. Esses aterramentos desordenados trouxeram sérios problemas para o ambiente natural, já que o Delta do Rio Jacuí é de suma importância para o ecossistema da Região Metropolitana de Porto Alegre. Nas cheias, o rio acaba levando boa parte desses materiais, dos resíduos, para outras partes da cidade.

Na atualidade, os aterros estão praticamente liberados, e, principalmente, pessoas com renda mais alta da região são os mais favorecidos, em função de suas influências políticas.²⁶

²⁴ Destaca-se, no OP, da década de 1990, a questão da não aplicação dos recursos, as limitações destes, devido às características da região, como, por exemplo, a pavimentação e a colocação de rede de esgotos.

²⁵ PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. *PLANDEL*. Secretaria Municipal de Planejamento. Porto Alegre, 1979, p. 17. O Plandel, foi o estudo elaborado por um grupo técnico que organizou detalhadamente a implantação do Parque Estadual Delta do Jacuí. Sem dúvida, este é o principal conjunto de documentos que trata desde questões histórico-geográficas da região até os aspectos da flora e da fauna, em um estudo aprofundado.

²⁶ O choque de realidades entre a extrema miséria e a extrema riqueza fica mais acentuado no lado Sul da Ilha Grande dos Marinheiros e na Ilha das Flores. Importante fonte para se ter uma visualização dessa contradição nessa região é o Premiado filme de Jorge Furtado – “Ilha das Flores”, que foi gravado na Ilha Grande dos Marinheiros (FURTADO, Jorge. *Filme Ilha das Flores*. Porto Alegre, 1989. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=KAZhAXjUG28>. Acesso em: 02 maio 2012).

Um aspecto a ser salientado é o que diz respeito aos resíduos sólidos, oriundos da região das Ilhas, e mesmo os que vêm dos principais rios que deságuam no Rio Guaíba – Rio Jacuí, Rio Gravataí, Rio dos Sinos, e Rio Taquari – pois esses ficam depositados em grandes quantidades ao longo da orla, além de outros problemas, como os da poluição dos esgotos, somados aos da poluição química, contribuindo, assim, para a contaminação e a poluição da Região Metropolitana.

1.8 AS DIFICULDADES DA VIDA DOS COLETORES URBANOS: A REALIDADE DO ABANDONO

O entorno do Galpão, na Ilha Grande dos Marinheiros, há 22 anos, ainda apresenta uma situação de extrema dificuldade. Ainda em 2012, o serviço de estrutura básica de saneamento não existe, principalmente em relação aos esgotos e tratamento dos resíduos. A luz era e continua sendo precária, e, quanto aos atendimentos de saúde, existia um posto médico que não conseguia dar atendimento ao grande número de pessoas que para ali se dirigia. Não havia médicos especialistas nem tratamento odontológico, e os trabalhos de prevenção não existiam. O atendimento de doenças mais graves não era feito no local, e os pacientes eram, normalmente, encaminhados para as emergências hospitalares.

Foram realizadas algumas campanhas de conscientização na área da saúde, nessa região, contra a cólera, a dengue, a AIDS e outras doenças, mas, segundo relatos de moradores, ao longo desse período, houve poucos avanços em termos de atendimento à população na área da saúde, que sempre ficou aquém do que a comunidade precisava.

No que se refere ao acesso das pessoas ao local, esse continua ruim, pois a Rua Nossa Senhora Aparecida, uma estrada coberta por saibro, apresenta muitos buracos, é estreita, sem recuo, sem proteção para os pedestres que têm que caminhar no meio dos carros, caminhões e carroças. Há muito barro no inverno e muita poeira no verão, algo difícil de imaginar em um local próximo do centro da

capital do Estado, em dez minutos, de automóvel, chega-se ao perímetro urbano de Porto Alegre.

Ao nos reportarmos aos becos, percebemos que esses dificilmente recebiam algum tipo de manutenção, eram uma mistura de lodo e resíduos no inverno e de buracos e entulhos no verão. O problema de acesso à Ilha, com as cheias dos canais do Jacuí, é agravado, principalmente na Rua Nossa Senhora Aparecida, ficando alguns trechos intransitáveis no inverno.²⁷ As enchentes do rio formador do Delta são periódicas, não previsíveis, e o fato de o local ser de fácil acesso às águas do rio Jacuí, criou um nível de dificuldade maior do que em outros pontos da cidade no que diz respeito à habitação.

Observou-se, nos anos 90, um aspecto grave na vida dessa comunidade que era o consumo direto das águas dos canais do rio Jacuí, tanto para banhar-se, quanto para lavar roupas e louças. Ainda, nos dias de hoje, as pessoas, principalmente nos dias quentes do verão, banham-se nos canais do rio Jacuí. Um agente sanitário fez o seguinte comentário a respeito do fato:

[...] o que se acompanhou muitas vezes foi o consumo direto da população, e hoje ainda existem famílias que utilizam essas águas para lavarem roupa e utensílios de cozinha e até mesmo tomar banho nas margens do rio [...] (J.C.S.37. E não duvido que, em alguns casos, alguém ainda tome água direto [...])²⁸

Os banhos de rio ainda representam um sério problema de saúde para a população local, visto as descargas dos banheiros da Ilha ocorrerem a poucos metros do local – as pessoas, assim, ficam em contato direto com os coliformes fecais. Somando a isso, há os resíduos químicos de indústrias que vêm de outras cidades por meio dos rios, aumentando, por conseguinte, os riscos de contaminação.

²⁷ A Rua Nossa Senhora Aparecida é a principal e mais extensa na Ilha Grande dos Marinheiros. É a rua onde estão localizados: o Santuário Nossa Senhora Aparecida, o Galpão de Reciclagem, a Comunidade Marista das Ilhas e o Centro Social Marista.

²⁸ Relato do agente sanitário, J. C. S, em inspeção sanitária à Ilha Grande dos Marinheiros em março de 2001.

1.9 O NÚCLEO DE PASTORAL

O Núcleo de Pastoral da Região das Ilhas de Porto Alegre foi e é formado por: religiosos; leigos, moradores nas ilhas; e leigos, de outras regiões da cidade. Como se constata, nem todos os participantes eram coletores, e, nesse conjunto, as motivações pessoais para atuarem no núcleo eram diferenciadas. Na forma que se estrutura atualmente, foi organizado pelo irmão Antônio Cechin, com a participação direta de sua irmã Matilde Cechin. Os participantes vinham muito motivados pela sua história de vida, pelas lutas anteriores já realizadas. No próximo subcapítulo, serão destacados os aspectos da vida do Irmão Antônio e Matilde Cechin. Salienta-se que, “no ano de 1987, Antônio e Matilde migraram para Porto Alegre, com o objetivo de trabalhar com os “catadores de lixo” nas Ilhas do Guaíba”.²⁹

A atuação do Núcleo de Pastoral está em conformidade com a lógica cristã de uma igreja voltada para ações concretas no âmbito social, principalmente a educação evangelizadora das comunidades. A Igreja não deve ser algo imóvel no que se refere à condição humana.

O projeto de Pastoral era amplo em termos de atuação na região, porém o foco estava nos coletores-urbanos. Foi sendo construída, ao longo do tempo pelo Núcleo de Pastoral, a ideia de levar o Evangelho a um lugar de enormes sofrimentos, através de suas ações.

O trabalho simples e eficaz constituía-se em recolher o material seletivo que era armazenado e separado em um primeiro momento, apenas em algumas Igrejas Católicas da região. Depois, ele era entregue ao Galpão de Reciclagem que tinha, na forma jurídica, o nome de “Associação das Mulheres Papeleiras da Ilha Grande dos Marinheiros”.

As mulheres foram uma das prioridades nas atividades do Núcleo de Pastoral das Ilhas, sendo colocadas como símbolo de mudança e de luta. A partir do trabalho e do exemplo de organização, concretizou-se a criação da Associação das Mulheres Papeleiras da Ilha Grande dos Marinheiros. Em outros locais, as atividades foram organizadas pelo Irmão Antônio Cechin e pela sua Irmã Matilde Cechin. As mulheres

²⁹ PEREIRA, P. *O irmão dos pobres – Antônio Cechin: uma biografia*, p. 124.

sempre foram destacadas e eram normalmente a maioria, que tinha compromisso e liderança nos trabalhos. As mulheres, coletoras-urbanas, são pobres, trabalhadoras e lutadoras. Segundo Araujo, referindo-se a Pierre Sanchis, situa as mulheres nesse contexto, dizendo que “Assim, num primeiro momento, tratava-se de identificar os ‘rostos’ sob a categoria um tanto abstrata do ‘pobre’, membro da classe explorada. Negros e indígenas, num outro sentido mulheres, forneceram a esse ‘pobre’ as suas fisionomias”.³⁰

No início da Administração Popular, em 1989, um fato que merece destaque e durou por longo tempo foi a relação tumultuada da coordenação do Núcleo de Pastoral, do Irmão Antônio Cechin, com a direção do DMLU. Uma das questões em discordância estava em como se fazer a coleta seletiva na cidade de Porto Alegre. A direção do DMLU, na época, defendia uma coleta feita com a frota e os funcionários do próprio DMLU, e o Irmão Antônio defendia e ainda defende uma coleta realizada pelos próprios coletores-urbanos, os catadores, e esta proposta é aceita pelo Movimento dos Catadores na atualidade.

No começo, no que concerne à organização do trabalho junto aos coletores-urbanos, o grupo, ligado ao Núcleo de Pastoral na Ilha dos Marinheiros, fazia o recolhimento dos materiais reciclados em um caminhão emprestado pelos Freis Capuchinhos. Esta congregação católica, que possuía uma casa de trabalhos pastorais na Ilha da Pintada, teve um importante papel no Núcleo de Pastoral, tanto na parte logística quanto na organização inicial desses trabalhadores.

O Núcleo de Pastoral é sinônimo de Comunidades Eclesiais de Base, CEBS, em uma versão conceitual mais simples em relação ao que envolve toda uma estrutura de comunidade eclesial. Esse Núcleo teve e tem objetivos bem claros, e a sua metodologia está centrada na Teologia da Libertação, com um forte conteúdo baseado nas ideias de autores, como Leonardo Boff. Essa metodologia é formada pelos aspectos do tripé básico que os agentes pastorais têm no trabalho na comunidade, *ver, julgar e agir*, e todo o movimento está no sentido da libertação. Como salienta Boff:

³⁰ ARAUJO, C.R. Um balanço dos trinta anos de história da igreja na América Latina: Contribuições à teologia da libertação. In: SUSIN, L. C. (Org.). *Sarça ardente: teologia na América latina: prospectivas*, p. 362.

A teologia da libertação pretende atualmente ser a maneira mais coerente de articulação entre fé cristã e práxis libertadora. Depois de muitos tateios, equivocações, polarizações, obscuridade teórica e inexatidões metodológicas, hoje ela já conseguiu elaborar, com o suficiente rigor, as várias mediações exigidas pela missão a que se propõe.³¹

Tem-se, aqui, o alicerce de projeto de trabalho das CEBS. Primeiro, identifica-se o problema, observando e captando o maior conjunto de situações e de condições que estão nele envolvidos. Segundo, a partir das mediações, das ponderações, das reflexões, é que são definidas as estratégias e as táticas a serem adotadas. Por fim, há a concretização da ação, através da aplicação do planejamento que procurou a solução para o problema juntamente com a comunidade envolvida.

Organiza-se uma estratégia voltada a reflexão e a instrumentalização das ações de resgate do oprimido, preparando-o para ser um agente de mudança. A libertação da opressão é um processo que ocorre através da organização popular e da comunhão com Deus, que vai se concretizar na história. Conforme Gutiérrez:

Cristo é a verdade, verdade que nos liberta; libertação integral que compreende todas as dimensões da existência humana e que nos conduz à plena comunhão com Deus e entre nós. Libertação, portanto, que se inicia na história, caminho para a plenitude além dela mesma.³²

No tocante ao início das atividades do Núcleo, assinala-se que a participação da comunidade nas celebrações, na ritualística, na leitura dos textos bíblicos, nos cantos e nos debates, que ocorriam após a celebração, era intensa. O tempo das celebrações não era longo, em torno de 30 minutos, e o restante, aproximadamente 20 minutos, era destinado para que os membros da comunidade trouxessem questões individuais que pudessem ser discutidas com o grupo. De acordo com os problemas apresentados, os encaminhamentos coletivos eram propostos, e a ideia central era a de fortalecer a cidadania, por meio da construção organizada do coletivo.

³¹ BOFF, L. *A fé na periferia do mundo*, p. 11.

³² GUTIÉRREZ, G. *A verdade vos libertará*, p. 129.

Quanto à atividade pastoral, ela está voltada às questões sociais e estabeleceu-se nas Ilhas Pavão, Marinheiros, Flores e Pintada, por meio de núcleos, constituídos por religiosos e leigos. Cabe ressaltar o grande número de congregações religiosas católicas que tiveram os seus representantes nessa região, sendo algumas mais atuantes, como as dos Freis Capuchinhos, Franciscanos, Jesuítas, irmãs Cônegas de Santo Agostinho, Carlistas, Jesus Cristo Crucificado, etc. Destaca-se a atuação dos Irmãos Maristas ao longo dos anos da existência do Núcleo de Pastoral da Região das Ilhas de Porto Alegre.

Nessas comunidades periféricas, há aspectos que se assemelham quanto à organização popular, elas ficam centradas e pautadas, normalmente, em questões ligadas à exclusão social, ao desemprego, à habitação, tratam da sobrevivência, sendo, a partir dessa condição estabelecida a Pastoral, um espaço aberto ao Evangelho.

Outras pastorais da Igreja Católica atuaram e atuam nessa região, como, por exemplo, a Pastoral da Criança, que tem forte atuação nas ilhas. Os núcleos de pastoral que atuam na região são instâncias ramificadas das pastorais sociais da Igreja Católica Romana, os quais estão sujeitos às normas e à hierarquia. Cabe salientar que foi criado, no mesmo período, um trabalho de pastoral, voltado à ecologia, que já está estabelecido nessa mesma região e realizado na Capela Nossa Senhora Aparecida e no Galpão de Reciclagem.

A Pastoral da Ecologia, desde o seu princípio, devido à influência direta do Irmão Antonio Cechin e de sua Irmã Matilde Cechin, sempre teve um direcionamento para a reciclagem e ao trabalho socioambiental, realizado pelos coletores urbanos. De acordo com Pilato Pereira, o Irmão Antônio iniciou uma pastoral específica de ecologia no Rio Grande do Sul, e a CNBB Sul 3 logo oficializou a causa.³³

Hoje, em nível de Igreja, mesmo que alguém do que poderia ser realizado por suas instâncias, a questão que trata sobre a ecologia está tendo um maior espaço de reflexão. Nesta perspectiva holística, em que é tratada a ecologia, determinados assuntos são enfatizados e pautados especificamente, e um desses pontos é o que trata justamente do consumismo e da questão dos resíduos, aspectos fundamentais

³³ PEREIRA, P. *O irmão dos pobres – Antônio Cechin: uma biografia*, p. 129.

para o presente estudo. Schwertz, fazendo forte crítica a uma das nossas práticas contemporâneas impactantes, enfatiza que:

Vivemos em uma sociedade onde as coisas novas, belas e uteis são as que têm valor. Portanto, tudo aquilo que não se adapta a esse preceito deve ser atirado fora, jogado no lixo. Isso é estimulado pelo consumismo desenfreado [...]³⁴

Sendo assim, esse trabalho da Pastoral da Ecologia é feito de uma forma ecumênica, integrando, através do diálogo, outras religiões nas reuniões e nas celebrações, tendo, na Romaria das Águas, o seu maior evento, que ocorre todos os anos, no dia 12 de outubro, no dia de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil. Nesse caso, recebe o nome de Nossa Senhora Aparecida das Águas, uma vez que a imagem foi resgata por pescadores e colocada no Galpão de Reciclagem, tornando-se referência espiritual dessa comunidade. Foi escolhido também o dia 12 de outubro como dia do catador.

Nos subcapítulos que seguem, serão destacados aqueles participantes que tiveram maior atuação, ao longo da história, do Núcleo de Pastoral da Região das Ilhas de Porto Alegre, que dedicaram e dedicam as suas vidas em prol dessa comunidade.

1.9.1 Irmão Antônio Cechin e Matilde Cechin

A organização do Núcleo da Pastoral da Região das Ilhas de Porto Alegre, desde a sua criação, tinha uma linha de concentração definida, que era o trabalho junto aos coletores urbanos. É esse o espaço onde o Irmão Antônio Cechin e a sua Irmã Matilde vão, a partir de suas longas experiências de organização popular no sentido pastoral, levar o Evangelho aos pobres. Todo esse acúmulo de experiências

³⁴ SCHWERTZ, Inácio; NETO, Osvaldo G. *Ensino social da igreja e ecologia*, p. 30.

trazidas por eles foi o desencadeador de todo o processo desenvolvido naquela região.³⁵

No entanto, duas dificuldades centrais foram enfrentadas no início das atividades nessa região: a ausência da Igreja atuando na base e a falta de opção de trabalho de seus moradores. Faltava o acesso à espiritualidade e à organização do povo, visando à geração de renda. Nesse sentido, é que o Irmão Antônio e a sua Irmã Matilde concentraram os seus esforços para a organização de base, o resgate da autoestima e da própria sobrevivência, através do trabalho digno, do coletor, que dá a ele tanto o pão do corpo quanto o pão do espírito, levado pelo Evangelho.

O Irmão Antônio tem uma participação histórica e ativa dentro da Igreja Católica Romana, como defensor da Teologia da Libertação, vivenciada pelo Irmão diariamente, em suas lutas cotidianas na defesa dos excluídos. Nos anos de Ditadura Militar no Brasil, foi perseguido, preso e torturado. Nessa sua resistência e luta pela democracia e pelos mais pobres, tornou-se uma referência da Igreja Católica. O seu trabalho, incansável junto aos sem-terra, sem teto e catadores, torna a sua práxis um exemplo de vida, um testemunho cristão na aplicação do Evangelho, de estar onde está o sofrimento e de trazer às pessoas o Evangelho, como forma de mudar a realidade, resgatando e dignificando, assim, o trabalho do povo excluído.

O Teólogo Luiz Carlos Susin organizou o livro *Memórias para o Futuro: nos passos de irmão Antônio Cechin*, no qual diversos articulistas narram as suas vivências, os diálogos teóricos teológicos e as atividades práticas na organização e implantação de projetos nas comunidades empobrecidas da cidade de Porto Alegre e da América Latina. O livro é um documento escrito a partir da experiência do Irmão Antônio. Segundo Frei Susin: “A própria Teologia da Libertação deve muito a este dinamismo vital encontrado em pessoas como Irmão Antônio”.³⁶

É muito importante salientar que junto ao Irmão Cechin sempre esteve a sua irmã Matilde Cechin, que o acolheu e o acompanhou até hoje nas suas lutas,

³⁵ Matilde Cechin sempre lutou pela causa dos direitos das mulheres. Tem reconhecimento internacional pelo seu trabalho, e um dos exemplos é a sua participação na Conferência Internacional em Pequim, 1995, que tratou da organização das mulheres e seus direitos a nível internacional.

³⁶ SUSIN, L. C. (Org.). *Memória para o futuro: nos passos de irmão Antônio Cechin*, p. 23.

principalmente quando foi abandonado à sua própria sorte nos anos de ditadura. Segue, no Apêndice A, trechos da entrevista realizada com o Irmão Antônio Cechin, em 2002, com uma atualização.

Atualmente, o Irmão Antônio Cechin, além da coordenação do Núcleo de Pastoral da Região das Ilhas, coordena e articula diretamente outras associações ligadas às Pastorais da Igreja, tais como: a associação Caminho das Águas, o projeto ECOPROFETAS, Devoção Nossa Senhora Aparecida e Nossa Senhora dos Pobres.

De acordo com o Irmão Antônio, a humanidade vive, hoje, o risco de extinção, devido a todos os impactos ambientais que são realizados diariamente contra o Planeta, e um desses está relacionado ao consumismo desenfreado e com o posterior descarte dos produtos e de suas embalagens. Sugere o Irmão Antônio que, “Nos dias de hoje, em nosso planeta Terra, a espécie humana corre o risco de extinção. A causa principal é a avassaladora poluição provocada pelo excesso de lixo produzido pela sociedade consumista”.³⁷

O Irmão Antônio sempre teve uma maneira simples e eficaz de levar o Evangelho às pessoas, uma vez que conseguiu aglutinar pessoas dispostas e com fé ao seu redor. É um trabalho que realiza com paciência há mais de sessenta anos. Esse núcleo de pastoral e vários outros que organizou até hoje são os frutos oriundos de sua obra, de seu plantio e de sua colheita coletiva (cf. Lc.8.4-15) que hoje beneficiam e saciam a fome de muitos excluídos que diariamente vêm buscar nessa fonte forças para sobreviver (cf. Jo.4.5-15). O irmão Antônio está para os coletores-catadores, como Moisés esteve para o povo de Israel no deserto:

Irmão Antônio Cechin, o Irmão dos pobres, é um Moisés de nosso tempo. Empenhou a sua vida em favor dos empobrecidos. Caminhou ao encontro dos excluídos pelo sistema de ganância. E os colocou de volta a caminho como Povo de Deus, num novo modo de vida, baseado na solidariedade, no amor e na justiça do Reino que Jesus anunciou.³⁸

³⁷ SCHWERTZ, I; NETO, O. G. *Ensino social da igreja e ecologia*, p. 30.

³⁸ PEREIRA, P. *O irmão dos pobres – Antônio Cechin: uma biografia*, p. 12.

Da mesma maneira que Moisés abriu o mar para salvar o povo de Israel do Egito, Irmão Antônio abriu o mar no sentido da esperança para milhares de coletores que estão podendo fazer essa travessia da miséria e do sofrimento para uma condição mais digna de vida.

1.9.2 Irmã Marie Eve

Em uma ordem cronológica, as ações realizadas pela Irmã Marie Eve vieram antes das articulações mais intensas do Irmão Antônio nessa região. Porém, em um sentido didático, pois já se vinha citando a participação do Irmão Antônio na história do Núcleo de Pastoral, optou-se por fazer o detalhamento de suas ações antes da Irmã pertencente à Congregação das Cônegas de Santo Agostinho, que veio da Europa no início da década de 70, para uma missão no Brasil.³⁹

Em relação à participação de religiosos na história do Núcleo de Pastoral, uma das precursoras que teve participação direta na comunidade foi a Irmã Marie Eve, religiosa nascida na Bélgica que realizou inúmeras atividades pastorais na região das Ilhas de Porto Alegre, nos anos 70. Foi ela quem fundou a Sociedade dos Amigos das Ilhas, instituição que teve atuação de destaque na comunidade nesses anos de existência do Núcleo de Pastoral.

O foco de atendimento da Irmã estava no atendimento socioeducativo de jovens e adultos. A irmã faz parte da história da participação da Igreja Católica nessa região, uma atuação concentrada, primeiramente, na Ilha Grande dos Marinheiros, em seu lado norte, em uma área que fica a 3 km da BR-290. As suas atividades não se restringiram somente a esse local, mas também, uma vez consolidada a sua atuação nessa ilha, começaram os desdobramentos de suas atividades nas Ilhas vizinhas e em outras localidades da cidade.

A irmã foi a fundadora da Sociedade dos Amigos das Ilhas (SADI), espaço de atividade pastoral que se tornou referência comunitária, e seu trabalho sempre teve

³⁹ Dados coletados no relatório histórico da Congregação das Irmãs Cônegas de Santo Agostinho, no Brasil, em maio de 1995.

o reconhecimento da comunidade que tinha uma participação atuante nos projetos realizados. Ainda hoje, a irmã é lembrada pela população mais antiga que conheceu o seu trabalho, e os relatos sobre ela são os melhores possíveis.

A SADI também oferecia à população local um berçário, uma creche, uma escola e cursos profissionalizantes. Tudo isso foi realizado no período em que a Irmã Marie estava na liderança do projeto.

Salienta-se ainda que Irmã Marie Eve se destacou, pela luta incessante na ajuda diária aos excluídos, aos pobres, bem como atuou e esteve presente nas dificuldades do povo e na articulação deste, a fim de conseguir ajuda para as questões mais básicas. Organizou a chegada de inúmeras doações de roupas e alimentos que eram classificados e distribuídos, conforme o grau de necessidade da comunidade.

Outro projeto de destaque, criado pela Irmã e que tem as suas atividades em funcionamento ainda hoje, é o da Cooperativa dos Artesãos do Rio Grande do Sul (COOPARIG), sendo a sua principal atividade a produção de fios e confecções de lã. Todo processo era feito artesanalmente, destinado à confecção de vestuário e cobertores, sendo parte dessa produção exportada para lojas europeias, com compromissos socioambientais. Informações relativas aos anos de 1994 e 1995 relatam que os produtos eram fornecidos a essas lojas que vendiam, por um preço justo, incentivando as redes solidárias de trabalhos cooperativados.⁴⁰

Quanto ao primeiro contato que o pesquisador teve com essa instituição, a SADI, este ocorreu em 1991 e, a partir daí, é que passou a conhecer e a participar da reorganização dessa instituição. A reorganização era referente aos projetos sociais que estavam acontecendo e da organização dos que estavam parados, em espera. Essa significativa diminuição nos projetos se deu a partir da volta da irmã para Bélgica e do seu posterior falecimento. Sendo assim, os seus projetos foram reduzidos, até mesmo porque era a própria irmã que buscava recursos para a manutenção das atividades.⁴¹

⁴⁰ Ver detalhes: (Cf. COOPERATIVA DOS ARTESÃOS DO RIO GRANDE DO SUL (COOPARIG). Disponível em: <www.cooparigs.com.br/index.php>. Acesso em: 07 jul. 2012).

Destaca-se ainda o relato de moradores mais antigos da comunidade, que enaltecem o trabalho da Irmã, dizendo que este era incansável: noite e dia, procurava recursos para a manutenção das obras assistências. Foram salientadas também por esses moradores situações em que a Irmã, pela sua boa fé, fora enganada por empresários que tentaram se apropriar da área dos seus projetos. Essa área, atualmente, pertence aos Irmãos Maristas, que constituíram uma associação para administrar os projetos ali realizados.

Alguns anos depois, no final dos anos 1990, iniciaram-se os contatos com a Congregação dos Irmãos Maristas, e o objetivo principal dessa aproximação era fazer com que a congregação viesse assumir o projeto, com o apoio da PUC-RS. O Irmão Avelino Madalozzo foi o principal interlocutor nesse processo de transição, que na época, era coordenador do Projeto Solidariedade da PUC-RS. Além disso, houve uma articulação na busca de novos e antigos parceiros, para dar suporte a essa obra social. Entretanto, manter o projeto com qualidade dispndia muitos recursos, e havia custos permanentes da instituição: o pagamento do salário dos funcionários, a alimentação das crianças, os materiais para as oficinas de arte, a estrutura do ensino profissionalizante, a manutenção do prédio e o transporte.

Toda essa estrutura, antes dos Irmãos Maristas assumirem o Projeto, era mantida através de doações de alguns convênios estabelecidos com setores públicos. Cabe assinalar ainda, na história da SADI, uma parceria em nível internacional, com uma ONG de Luxemburgo, coordenada pela Sra. Sylvie Félix, que sempre apoiou o projeto, enquanto este estava sob a coordenação das Cônegas de Santo Agostinho.

1.9.3 A atuação do *International Culture Youth Exchange* na Sociedade dos Amigos das Ilhas

Na chegada a esse local, o pesquisador articulou, nesse período, uma parceria com uma organização internacional de intercâmbio cultural, o ICYE –

⁴¹ Foi relatado pelos moradores mais antigos da Ilha Grande dos Marinheiros que a Irmã estava bastante enferma e retornou para Bélgica com grande pesar, haja vista que a sua intenção era de permanecer na comunidade.

Internacional Christian Youth Exchange. Foi aí que se obteve o apoio de jovens intercambistas estrangeiros de três países diferentes.⁴² Eles se interessaram pelos projetos das Ilhas e vieram participar durante o seu ano de intercâmbio, como voluntários. Participaram jovens do México, da Alemanha e da Suíça, e a atuação daqueles foi fundamental, uma vez que, na época, não havia recursos para a contratação de monitores para a realização dos projetos.

O projeto simbólico, desenvolvido com a participação popular entre 1990 e 1993, foi o da formação profissional de panificador. Nesse período, foram realizadas edições do curso que possibilitaram aos moradores não somente ter a formação profissional e pastoral, como também fazerem os pães e os levarem para casa, contribuindo, nesse sentido, para a melhoria da qualidade da alimentação das famílias.

Os participantes dos cursos eram, em sua maioria, procedentes da Ilha Grande dos Marinheiros, principalmente, da comunidade Nossa Senhora Aparecida e da comunidade mais ao norte da Ilha. Na época, o projeto ainda não tinha um nome definido, hoje, entretanto, é denominado “Nossa Senhora dos Pobres”.

Já, nesse período, a questão do *fazer o pão* tinha uma abrangência simbólica que servia para reunir as pessoas, a fim de discutir os seus problemas e refletir espiritualmente sobre questões do Evangelho, no sentido de serem organizadas ações solidárias.

Cabe salientar que, nas discussões do Núcleo de Pastoral, foram constatadas diferenças na perspectiva da atividade do trabalho voluntário dos jovens que vinham principalmente da Europa, e uma delas foi uma maior intensidade no seu engajamento nas atividades. Observou-se que existia a dificuldade de se conseguir apoio dos jovens brasileiros, sendo a prática dessa atividade, na época, ainda muito pouco divulgada, com exceção das atividades realizadas pelas Igrejas.

⁴² O *International Culture Youth Exchange*, anteriormente chamada de *International Cristian Youth Exchange*, é uma instituição internacional que foi fundada no pós guerra, a partir de grupo de voluntários das Igrejas Católica e Luterana que foram para a Alemanha destruída, com a finalidade de ajudar na reconstrução e no trabalho de pastoral (*INTERNATIONAL CULTURE YOUTH EXCHANGE*. Disponível em: <www.icye.org>. (Acesso em: 20 jun. 2012).

1.9.4 A Comunidade dos Irmãos Maristas

Dentro dessa lógica e de todo o investimento de forças que a Igreja Católica Romana disponibilizou, na questão específica do trabalho de Pastoral na Região das ilhas, enfatiza-se o esforço dos irmãos maristas, que tiveram e ainda têm uma participação atuante na região das ilhas, com uma metodologia própria, no sentido da organização.

A articulação para a ida dos irmãos Maristas às ilhas de Porto Alegre e a consequente criação de uma comunidade dos Irmãos foram realizadas pelo Irmão Antônio Cechin, uma vez que, nesse período final dos anos 1990, os projetos de atendimento socioeducativos eram coordenados pela Congregação das Cônegas de Santo Agostinho, que estavam com diversas dificuldades financeiras para manter os projetos de atendimentos na região. O Irmão Antônio planejou, juntamente com o Núcleo de Pastoral, a ida dos seus Irmãos Maristas para a região.⁴³

Uma das questões, constatadas no trabalho de Pastoral nas Ilhas, foi a diferenciação de método utilizado pelo Irmão Antônio do restante da comunidade dos Irmãos Maristas, quanto à relação com a comunidade. Por sua história de engajamento e militância, o seu método se voltava mais para uma organização de base, enquanto a organização, ligada diretamente à Congregação Marista, era mais voltada à instituição.

Na organização da comunidade Marista, na Ilha Grande dos Marinheiros, no início, salienta-se a atuação do Irmão Jaime Biazus que, na época, foi o articulador e coordenador da comunidade em sua implantação. Nesse período, residiam também na comunidade o Irmão Laurindo e o Irmão Miguel, tendo este uma participação muito atuante na comunidade das ilhas e nas demais obras sociais da Congregação Marista. Atualmente, também, ocupa a coordenação da AVESOL, entidade voltada à organização e gestão de projetos relacionados à economia solidária.⁴⁴

⁴³ As reuniões que prepararam essa transição do trabalho das Irmãs Agostinianas, realizado na região das Ilhas de Porto Alegre, para os Irmãos Maristas, ocorreram em um primeiro momento na PUC-RS.

⁴⁴ AVESOL. Disponível em: <www.avesol.org.br>. Acesso em: 25 maio 2012.

Desde a sua criação, a comunidade dos irmãos, na Ilha Grande dos Marinheiros, tem se caracterizado por uma organização institucional, com foco na educação, como uma proposta de resgate social. A comunidade das Ilhas tem nos irmãos referenciais de valores e de postura de vida pastoral.

Os irmãos, na sua história de atuação, ganharam o respeito pelo projeto de trabalho realizado com os jovens e os adultos nessa região. Seus principais projetos estão concentrados no Centro Social Marista e na Creche Marista Tia Juçara. A Creche Tia Juçara foi construída inicialmente, com o propósito de atender prioritariamente os filhos dos trabalhadores do Galpão de Reciclagem, para que, enquanto esses estivessem trabalhando, tivessem um lugar para deixar os seus filhos.

Essa linha de atuação no investimento das obras sociais era prioritária por parte da Província Marista e não se restringia apenas às obras assistências das Ilhas, mas sempre foi uma característica das outras obras espalhadas pelo Brasil. Conforme Nadir Bonini:

A Província Marista de Porto Alegre, através de sua entidade civil mantenedora USBEE, desempenha sua missão educativa e solidária por meio das obras assistenciais, localizadas nos locais propícios para favorecer aos mais carentes.⁴⁵

Nesse sentido, as duas obras assistências dos Irmãos Maristas, na região das Ilhas de Porto Alegre, sempre tiveram como meta principal resgatar os fundamentos básicos do fundador da Congregação dos Irmãos Maristas: Marcelino Champagnat, a solidariedade e o espírito de cooperação na ajuda aos pobres:

No ano de 1816, Marcelino é enviado como coadjutor na paróquia de Lã Valla. Lá, começa a se dedicar à visita aos doentes, à catequese das crianças, ao atendimento aos pobres e ao acompanhamento da vida cristã de várias famílias. Em 2 de janeiro de 1817, reúne seus dois primeiros discípulos para fundar a Congregação dos Irmãozinhos de Maria, ou Irmãos Marista, e passa a se dedicar ao ministério paroquial, além de formar seus

⁴⁵ BONINI, N. *Ação inovadora dos Irmãos Maristas no Sul do Brasil*, p. 563.

Irmãos, preparando-os para a missão de mestres cristãos, catequistas e educadores dos jovens.⁴⁶

A continuidade da obra de São Marcelino Champagnat hoje está bem concretizada nas inúmeras obras sociais dos Irmãos Maristas, espalhadas pelo mundo e bem exemplificadas no caso específico das Ilhas.

1.9.5 O Grupo Universitário Marista

Uma parceria que se deu na comunidade dos Irmãos Maristas nas Ilhas foi com o Grupo Universitário Marista (GUM), cuja estruturação do grupo aconteceu no mesmo período da constituição da comunidade dos Irmãos. O início das atividades desse grupo ocorreu como uma forma de propiciar uma atividade voluntária aos alunos da PUC-RS, que participavam do grupo de Pastoral Universitária. A intenção era a de se ter um trabalho permanente e direto com as comunidades da periferia.

A organização do GUM ocorreu logo após um retiro, realizado pela Pastoral Universitária da PUC-RS, em março de 2001, na Casa da Juventude no bairro Vila Nova, em Porto Alegre. O Grupo Universitário Marista ativou-se, a partir desse encontro, uma vez que já existia a ideia da criação do grupo. A organização priorizou o suporte das ações de solidariedade já executadas pela Pastoral Universitária e, principalmente, das realizadas através das obras sociais dos Irmãos Maristas.⁴⁷

Em conversas informais entre o pesquisador e os outros alunos da PUC-RS, ocorridas na Casa de Retiro e formação dos irmãos Maristas, CAJU, surgiu a ideia de colocar em prática as teorias estudadas na universidade e realizar atividades com as comunidades excluídas, por exemplo, a criação de linhas de trabalho e de pesquisa integradas ao trabalho de Pastoral. Decidiu-se que a prioridade seria a realização de trabalho na comunidade das Ilhas de Porto Alegre, integrando as

⁴⁶ Referência extraída do site: FACULDADE CATÓLICA DO CEARÁ. *A vida e obra de São Marcelino Champagnat*. Publicado em: 10.06.2010. Disponível em: <www.catolicaceara.edu.br/?=noticiasintegral>. Acesso em: 08 jul. 2010.

⁴⁷ O Grupo Universitário Marista estava ligado diretamente ao Setor de Pastoral da PUCRS. (Cf. Informativo interno de setembro de 2001 do Centro de Pastoral da PUCRS.).

áreas do conhecimento da PUC-RS ao serviço à comunidade. Essas atividades foram coordenadas pelos irmãos Maristas, tendo sido um importante reforço na atuação pastoral já realizada na comunidade.

Muitos grupos internos da Igreja não dão continuidade aos seus trabalhos, pois acabam se esvaziando, por não terem uma atividade concreta e planejada realizada em conjunto com a comunidade. Desde o início, o GUM teve ações concretas e sistemáticas junto à comunidade da Ilha Grande dos Marinheiros, o que aglutinou um número significativo de jovens alunos que se revezavam nas atividades que eram realizadas na região das Ilhas de Porto Alegre, principalmente na Ilha Grande dos Marinheiros e na Ilha do Pavão:

Tendo presente o grande apelo à solidariedade à qual muitos dos nossos universitários sentem o desejo de responder concretamente, cabe à Universidade oferecer oportunidades em que os estudantes das mais variadas áreas possam fazer experiências concretas de solidariedade.⁴⁸

Essa ideia de projeto, estruturada no GUM, está em conformidade com a lógica cristã, de uma Igreja voltada para ações concretas no âmbito social, enfatizando-se a educação evangelizadora das comunidades. Uma educação no sentido da libertação, a partir de Jesus Cristo.

Uma vez decidido que o local mais adequado para desenvolvimento da primeira etapa do projeto do GUM seria a Ilha Grande dos Marinheiros, no setor onde se localiza o Centro Social Marista, foi dado início uma série de atividades. Esse local foi escolhido, porque ali já havia sido realizado um trabalho social, por haver o Núcleo de Pastoral e já haver o suporte da comunidade dos Irmãos Maristas, que estava voltada para o trabalho de Pastoral e a organização social dessa comunidade.

Além disso, para a realização do projeto, foi levado em conta outro aspecto: o conhecimento obtido através de diagnósticos acerca dos problemas encontrados nessa ilha, nesse período – o alto grau de suas necessidades e de suas carências. Essas ações, por serem planejadas por um grupo universitário Marista, estão baseadas nos objetivos e nas metas da Pedagogia Marista da Educação e da

⁴⁸ PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. *Plano de Pastoral da PUCRS - Universidade Marista*, 2001-2004, p. 60.

formação dos alunos. “A pedagogia Marista busca a formação dos seres humanos em todas as suas dimensões e não somente as intelectuais”.⁴⁹

Entre as várias atividades realizadas pelo GUM, podemos destacar a do dia 16 de maio 2002, em que foi realizada uma atividade na PUC-RS que contou com a participação direta do Grupo Universitário Marista e de demais simpatizantes. Essa atividade foi realizada durante a Semana da Solidariedade, na qual foram convidadas 120 pessoas da Ilha Grande dos Marinheiros e da Ilha do Pavão para participarem de várias atividades no prédio 40 da PUC-RS. Durante esse encontro, realizaram-se reuniões conjuntas, visando à organização e ao planejamento de ações. Essa era uma proposta concreta de aproximação entre a universidade e a comunidade. O destaque desse encontro está na forma como este evento foi realizado: participaram dele tanto as instâncias universitárias quanto a comunidade, definindo as suas prioridades.

Uma vez consolidada a participação do GUM na região das Ilhas, buscou-se, por meio da economia solidária, organizar projetos de geração de renda, já que um dos principais problemas da região era o elevado índice de desemprego. Foi desenvolvida, com boa aceitação por parte da comunidade, uma oficina para produção de artigos de limpeza para comercialização. Foram produzidos sabonetes e velas de alta qualidade para serem vendidos nos centros comerciais da cidade a um preço razoável. Essa ação foi feita através do espírito de cooperação e da solidariedade cristã, uma economia voltada para a comunhão e a partilha, em que todos saíram ganhando.

No período, já estavam organizados três grupos de economia solidária, artesanato, panificação e costura, entretanto ocorreram problemas, tais como organizar esses trabalhadores, eis que era necessária a formação de uma entidade jurídica, para poder realizar a comercialização do produto. Essa burocracia, em muitos aspectos, dificultou demasiadamente a organização das ações do Núcleo da Pastoral. Esse foi o principal problema para manutenção dos grupos, ou seja, o excesso de burocracia por parte do setor público.

⁴⁹ PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. *Plano de Pastoral da PUCRS - Universidade Marista*, 2001-2004, p. 61.

O GUM, a partir de julho de 2002, recebeu um reforço importante que potencializou as ações que estavam ocorrendo, a do Irmão Marista Evilásio Teixeira, que havia retornado de Roma, onde havia concluído seu doutorado em Filosofia, irmão que veio a assumir a coordenação do Centro de Pastoral da PUC-RS e a incrementar novos projetos de ações de parceria entre a PUCRS e a comunidade das Ilhas de Porto Alegre. A principal função do GUM, então, constituiu-se em fazer essa ligação entre a universidade e a comunidade. Nessa época, a periodicidade de ida à Ilha era semanal.

1.9.6 O Clube de Mães

Outro espaço de organização comunitária que merece destaque é o Clube de mães da Ilha Grande dos Marinheiros. É um local tradicional que reúne uma diversidade de projetos e produções culturais, o qual sempre esteve ligado às atividades mais ampliadas do Núcleo de Pastoral e desenvolve vários projetos em parceria com outras entidades, relacionados à geração de renda e cursos de formação profissional. Por exemplo, foram oferecidos cursos de artesanato e panificação, bem como atividades recreativas com os jovens da comunidade. Uma das atividades desenvolvidas e que caracterizou esse espaço ao longo do tempo foi o da dança e da música afro, visando a valorizar a cultura e a religiosidade do povo africano.

O Clube de Mães da Ilha Grande dos Marinheiros foi coordenado ao longo da sua existência por uma líder religiosa umbandista, a senhora Nazaré que também é uma liderança comunitária da região. Salienta-se essa parceria, pois realiza-se historicamente, neste espaço, um diálogo macroecumênico. No grupo de coordenação do Clube de Mães, fizeram-se presentes religiosos católicos, destacando-se a participação dos Irmãos Maristas na coordenação do Clube de Mães.

Outro fato a ser registrado em relação às parcerias do Núcleo de Pastoral é o de que, na região das Ilhas de Porto Alegre, foram e ainda são as lideranças

umbandistas as que mais se mobilizam para a realização da Romaria das Águas, principalmente na Ilha Grande dos Marinheiros e Pintada. Atualmente, em um momento de transição, quem está participando e tendo liderança no clube de mães é a Yalorixá Bárbara, que sempre atuou com o Irmão Cechin nas lutas em Canoas, na comunidade Santo Operário, lutas em comum, em favor dos pobres, unindo a Igreja Católica Romana e a religião afro-umbandista.

Também, é importante enfatizar a atuação da líder umbandista Beatriz, mais conhecida como Bia, da Ilha da Pintada, que também foi e ainda é uma das principais articuladoras e organizadoras da Romaria das Águas. Segundo Teixeira, salienta-se a importância do diálogo inter-religioso: “A emergência de uma nova sensibilidade macroecumênica constitui uma das grandes novidades da reflexão teológica latino-americana nestes últimos anos, em particular a partir da década de 1990”.⁵⁰

Na região das Ilhas de Porto Alegre, a partir do trabalho do Núcleo de Pastoral, a questão do diálogo macroecumênico se constitui em uma realidade não somente teórica, mas, sobretudo, prática, a partir do qual inúmeras ações são realizadas em conjunto.

1.10 O ESTIGMA DOS COLETORES URBANOS QUE UTILIZAM VEÍCULOS DE TRAÇÃO ANIMAL

Uma das atividades de geração de renda que caracteriza as Ilhas é a da coleta de resíduos através de veículos de tração animal, as carroças, havendo um grande percentual de pessoas atuando nessa atividade. As carroças são um dos instrumentos de trabalho do coletor-urbano e foi, ao longo do tempo, o único meio de sustento de muitas famílias, não somente na Ilha Grande dos Marinheiros e Pavão, mas também, em outras comunidades periféricas de Porto Alegre. Essa atividade

⁵⁰ TEIXEIRA, F. A interpelação do diálogo inter-religioso para a teologia. In: SUSIN, L. C. (Org.). *Sarça ardente: teologia na América latina: prospectivas*, p. 421.

sempre foi criticada, e atualmente mais ainda, não se aceita a circulação desses veículos no centro da cidade e nos bairros formais.

Criou-se um estigma em relação à atividade desenvolvida por esses coletores, porém, nos últimos quatro anos, houve um recrudescimento nos ataques a esses coletores. Constatou-se, entretanto, a partir das discussões no núcleo de Pastoral, que, no momento em que setores da área empresarial relacionados com a coleta de resíduos vislumbrassem que o resíduo seria uma forma altamente rentável de ganhar dinheiro, de obter lucro rápido, começaria a intensificação de ataques desferidos aos coletores.

Obviamente, na lógica do capital, começou-se uma campanha para eliminar a concorrência, e aqui a vítima é o coletor. Inúmeras questões foram trazidas para caracterizar a atividade do coletor como sendo algo “menor” e que deve se adequar à atual realidade das grandes cidades, ou seja, para coletar, tem que estar de acordo com os padrões tecnológicos atuais. Assim, é preciso eliminar o coletor, uma vez que esse trabalhador não tem acesso a essa tecnologia de coleta, realizada por grandes empresas coletoras. Esse *não estar dentro dos padrões* da elite detentora do capital, no que se refere à coleta de alta tecnologia, vai aumentar indireta e diretamente a estigmatização do coletor.

Goffman ressalta, na relação dos indivíduos estigmatizados com a sociedade em que vivem, que há olhares preconceituosos e posturas carregadas de indiferença e depreciação na convivência cotidiana. O indivíduo é estigmatizado, e “o termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo”.⁵¹ Nesse sentido aqui apresentado, na depreciação da atividade que esse indivíduo executa, *a catação e coleta de resíduos*, salienta-se que o estigma adquire uma configuração entre as atribuições e os estereótipos. “Um estigma é, então, na realidade, um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo”.⁵²

São vários os níveis de estigmatização, e, dependendo da referência, do modelo social utilizado, existe um forte sentido de invisibilidade atribuído por determinados setores da sociedade a esses trabalhadores e às suas atividades. Em um sentido mais amplo, o teólogo, Jon Sobrino, referindo-se aos pobres e à sua

⁵¹ GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, p. 13.

⁵² Loc. Cit.

invisibilidade, sugere que é possível transpor, a partir do seu pensamento, para realidade do coletor uma fórmula simples, *coletor = catador = pobre = invisibilidade*. Segundo Sobrino, “assim que eles são vistos, ou mais exatamente não vistos, por tratar-se de seres praticamente invisíveis, porquanto seres excluídos no mundo de nossos dias”.⁵³

O coletor vai adquirir uma marca social, uma rotulagem, um estigma – o de ser “menos”, por trabalhar com aquilo que a sociedade joga fora, o descartável. Esses traços negativos que lhes são atribuídos podem ser percebidos pelos relatos feitos, normalmente de forma discriminatória, sobre esses trabalhadores, principalmente por setores da mídia que têm interesses aliados às grandes empresas de coleta de resíduos. Grandes interesses financeiros estão por trás das questões relacionadas aos resíduos sólidos. Somados às disputas políticas, o coletor-urbano-carroceiro é a parte mais vulnerável de todo esse processo, pois a sua sobrevivência está diretamente ligada ao seu trabalho diário.

Existe forte alienação por parte da população em geral no que concerne à atividade dos coletores. Esse desconhecimento do sofrimento cotidiano e da baixa remuneração acaba reforçando ainda mais os aspectos de exclusão a que estão submetidos esses trabalhadores. No Evangelho, a questão da discriminação e do preconceito, seja racial, seja por posição social, são inúmeras vezes narradas, como o que existia em relação aos galileus e, conseqüentemente, Jesus. O autor Sean Freyne esclarece que:⁵⁴

Chamar alguém de “galileu”, porém, tinha implicações claramente pejorativas, pelo menos, parece, do ponto de vista da ortodoxia de Jerusalém no século I. A melhor amostra disso se vê no Quarto Evangelho: os fariseus de Jerusalém tentam desacreditar um componente de seu grupo, Nicodemos, que procura um processo justo para Jesus; zombam dele dizendo: És tu também galileu? No contexto, isso equivale a “ignorante da Lei e maldito” (Jo 7,45-52), ou a samaritano, igualmente desprezível (Jo 8,48).⁵⁵

⁵³ SOBRINO, J. *A fé em Jesus Cristo: ensaio a partir das vítimas*, p. 65.

⁵⁴ Sean Freyne é professor de Teologia na Escola das Religiões e Teologia Trinity College, Dublin. Seus interesses acadêmicos incluem um estudo da Galileia nos períodos helenísticos e romano, o Jesus histórico, os evangelhos e os aspectos da história judaica.

⁵⁵ FREYNE, S. *A Galileia – Jesus e os Evangelhos – Enfoques literários e investigações históricas*, p. 11.

Ao longo dos anos em que foi realizada essa pesquisa, observou-se o gradativo diminuir da circulação desses veículos de tração animal, visto que os níveis de perseguição e discriminação em relação a esses trabalhadores intensificaram-se, reforçando ainda mais os interesses das grandes empresas coletoras, que visam a se apropriar da coleta realizada pelos coletores. Os setores governamentais, responsáveis pela gestão dos resíduos em Porto Alegre e pela circulação viária, ficaram alheios e tornaram-se cúmplices de todas essas articulações de desestabilização dos coletores-urbanos, ficando evidente o lado em que eles estão.

O coletor-urbano, como milhares de brasileiros, situa-se na informalidade, nas grandes cidades do Brasil e da América Latina e fazem parte de uma grande massa de mão de obra de reserva, explorada e subjugada ao atual modelo econômico. De acordo com Oliven, essas contradições ficam mais acentuadas nas metrópoles:

Isto se deve ao fato de estas cidades serem os centros mais dinâmicos da economia brasileira, nos quais suas contradições podem mais vivamente ser vistas e sentidas. Entretanto, como esta economia está baseada na exploração de uma força de trabalho sujeita a salários baixos e não consegue incorporar toda a população urbana ao mercado formal de trabalho, existe um grande setor que não tem empregos regulares.⁵⁶

A proposta da elite detentora do poder, nesse processo planejado de exclusão, é dar um aspecto de “civilidade” à cidade, atuando as forças políticas e econômicas em conjunto, para excluir ainda mais os coletores. Como se deram esses movimentos? Como foi criada essa estratégia de acabar com a atividade de coleta de rua executada pelos coletores urbanos? Uma questão é certa todas estas ideias surgiram nos bastidores dos poderes, não tendo a população acesso às deliberações que já chegaram prontas e hierarquizadas.

O coletor é estigmatizado, tendo rótulo da marginalidade, por estar à margem da sociedade, da cidade, por viver na periferia, sendo este o lugar “definido” para o coletor, o de ter que morar e trabalhar em locais precários. Os *bons cidadãos*, os *normais*, hoje, querem a saída desses coletores das ruas, já que estão prejudicando as suas circulações, atrapalham o fluxo do trânsito. Segundo Carlos Brandão:

⁵⁶ OLIVEN, R. G. *Urbanização e mudança social no Brasil*, p. 72.

Por outro lado, é da própria essência de uma sociedade de massas domesticadas e uniformizadas a produção de seus “marginais”. Ao modelo do bom cidadão vai se contrapor o do marginal, aquele que sai da norma: o delinquente, o grevista, o subversivo e o agitador.⁵⁷

A atual sociedade está baseada na imagem e no consumo que endeusa a mercadoria, cuja base está na alta tecnologia, com carros de última geração. Deseja-se, assim, a exclusão das carroças e dos carrinhos de coletores que não devem, de acordo com a sociedade, trafegar juntamente com essas *super máquinas*, não se aceita, portanto, o que está “superado, ultrapassado”.

Uma sociedade, baseada na aparência e no descartável que, no extremo da sua própria contradição, banuiu a circulação das carroças, veículo que, conforme os seus opositores, em termos de atributos depreciativos, é lento, perigoso e arcaico. Há, então, um choque entre o que é considerado moderno com aquilo que não tem mais espaço nessa sociedade, o que não é “tecnologicamente correto”. Os veículos, considerados “corretos”, devem ser utilizados e precisam ser consumidos para a expansão do mercado. Na sociedade, em que o *deus mercado* reina, estabeleceu-se que os consumidores se tornassem eles próprios mercadoria, na lógica do descartável, para se tornarem aceitos.

Bauman, ao fazer uma análise profunda sobre essa temática, sugere que “os membros da sociedade de consumidores são eles próprios mercadorias de consumo, e é a qualidade de ser uma mercadoria de consumo que os torna membros autênticos dessa sociedade”.⁵⁸

Na atual lógica neoliberal, quem consome pouco não é *alguém*, portanto não vai merecer a atenção dos poderes constituídos. Veja-se a questão da saúde, da educação, do saneamento básico, setores estes que mostram o desinteresse das autoridades públicas pela região das Ilhas, e é esta a realidade nacional, na qual o melhor da infraestrutura urbana está restrito aos que detêm o poder.

No tempo de Jesus Cristo, as desigualdades também estavam presentes no contexto em que Ele vivia. Na atualidade, as proporções dessas exclusões se

⁵⁷ BRANDÃO, C. R. (Org.). *Pesquisa participante*, p. 23.

⁵⁸ BAUMANN, Z. *Vida para consumo. A transformação das pessoas em mercadoria*, p. 76.

tornaram imensuráveis, devido ao aumento da pobreza no mundo, são estimativas e projeções ilimitadas. Para Sean Freyne, referindo-se às passagens de Lucas:

Como retratada, é uma sociedade de grandes desigualdades, em que a riqueza pode ser adquirida quer por boa sorte (12,16), ou muito trabalho (19,12-16), quer pelo roubo ou exploração. Há um contraste gritante entre a opulência dos ricos e a miséria dos pobres (16,19-31).⁵⁹

Vê-se claramente o poder econômico atuando de uma forma a explorar ainda mais os explorados, os pobres que não têm voz frente a toda essa estrutura de dominação, que está voltada completamente contra eles, que não têm como defender as suas opiniões e fazer a defesa da sua atividade de coleta-urbana. A elite, detentora da comunicação no atual sistema de exploração, raramente propicia aos menos favorecidos acesso a informações concretas e, quando isso ocorre, é de forma fragmentada e manipulada.

1.11 OS VÍNCULOS: OS OUTROS

O final do primeiro capítulo desta pesquisa que versa sobre as vinculações com os outros participantes do Núcleo de Pastoral e da comunidade das Ilhas, em geral foi elaborado, com o objetivo de fazer a ligação com o segundo capítulo.

Nessa história de aproximação e imersão que se deu ao longo de todos esses anos de convívio, criaram-se muitos vínculos que se desenvolveram com o passar dos anos. Mas foi somente a partir dessas conexões individuais, que se tornaram coletivas, é que foi possível realizar este estudo. Nas idas e vindas, nos sucessos e nos insucessos, em toda a energia dispensada, é que se chegou a esse momento, através das experiências do cotidiano.

Os vínculos, estabelecidos ao longo do processo de constituição desse fenômeno, formaram redes de inter-relações internas e externas e nelas circularam as comunicações e as informações que ocorreram nas interações que são fatos

⁵⁹ FREYNE, S. *A Galiléia – Jesus e os Evangelhos – Enfoques literários e investigações históricas*, p. 87.

importantes no conjunto descritivo das situações aqui apresentadas. É a história individual, constituindo a rede coletiva, junto ao núcleo de Pastoral, dos que já passaram e daqueles que ainda estão tendo alguma forma de atuação na Ilha.

Os indivíduos que por esse lugar já circularam, de uma forma ou de outra, deixaram as suas impressões, as suas contribuições, e, nessas circulações, é que foi sendo construído um conjunto de símbolos e referências, uma rede de relação histórica.

Vários vínculos, criados a partir de um ponto de convergência, que é o da prática pastoral, da reflexão e aplicação do Evangelho, se estabeleceram de forma consistente e duradoura, e a coesão se deu justamente pela fé em algo muito maior que é Deus, um Deus muito próximo, que se faz presente nas coisas simples que, muitas vezes, passam despercebidas. Por exemplo, observou-se a solidariedade, estabelecida na coleta dos resíduos por inúmeras famílias que fortaleceram os seus vínculos a partir do trabalho em conjunto.

É nesses vínculos de amizade, parceria e cooperação na construção coletiva de um local melhor para se viver que se percebe a proximidade de Deus, um Deus de todos e não, de alguns.

Em termos de atividade pastoral, houve um período mais intenso em que foram realizados trabalhos diários com esses coletores-urbanos, no intuito de uma maior aproximação e vinculação em relação a eles. Rivière ressalta a questão de o vínculo ser sempre social, conceituando-o da seguinte maneira:

O vínculo é um instrumento em psicologia social que assume uma determinada estrutura e que é manejável operacionalmente. O vínculo é sempre um vínculo social, mesmo sendo com uma só pessoa; através da relação com essa pessoa repete-se uma história de vínculos determinados em um tempo e em espaços determinados. Por essa razão, o vínculo se relaciona posteriormente com a noção de papel, de *status* e de comunicação.⁶⁰

Os laços de amizade, trabalho, luta e vivência do Evangelho, de formas diferenciadas, foram construídos a partir do Núcleo de Pastoral, mas, em um único sentido, o da cooperação e solidariedade, mesmo em meio aos conflitos. Foi a partir

⁶⁰ RIVIÈRE, E. P. *Teoria do vínculo*, p. 49.

desses vínculos que se conseguiu articular esse circular, o circular dos estranhos, inclusive o do pesquisador. Foi essa construção de vínculos individuais e coletivos que possibilitou a interação entre as pessoas, sendo o tempo de convivência definidor das intensidades de relações.

O vincular-se a Deus, a partir do outro, de quem caminha *lado a lado*, que luta junto, é um desafio que sempre esteve presente nos movimentos do Núcleo de Pastoral, no trabalho com os coletores-urbanos. Não basta discursos e promessas de um mundo melhor depois, da felicidade no além, esse remeter ao futuro essa ideia é tudo o que quer a classe dominante, o de passar a mensagem de não ser possível mudar o presente, ou seja, de acomodar e justificar as injustiças que estão ocorrendo, ou seja, o interesse de se manter uma “Pax Romana”.

No Núcleo de Pastoral, sempre esteve em pauta o vincular-se ao outro para juntos chegarem a Deus, esse outro sofrido, excluído, discriminado e, nesse sentido, levar o Evangelho para o processo de libertação e conscientização das pessoas mais sofridas, definindo o papel do cristão frente ao mundo. Uma vez libertados os excluídos, esses passarão a ser os agentes de outras libertações, e isso significa um vincular para libertar os companheiros do caminho.

A verdadeira liberdade somente se dá quando se está em Deus, e dificuldades inúmeras vão ocorrer para que essa libertação não ocorra, porém, com a fé, é possível suplantá-las. Segundo Gutiérrez, a questão da liberdade pessoal deve ser para todos, e, se é uma liberdade em Deus, é para todos:

A liberdade pessoal deve marcar toda a sociedade. Tampouco se trata de liberdade da maioria, a exigência é garantir a liberdade para todos. No processo de libertação em curso, esse é o grande desafio que enfrentamos na América Latina.⁶¹

Durante todos esses anos de idas e vindas à Ilha, constata-se que muitos vínculos se perderam ou mesmo que nem sequer chegaram a se constituídos. Entre os aspectos que foram observados para a perda de certos vínculos foram, principalmente, a tomada de outros caminhos, a mudança para outros locais e os inevitáveis, como a morte e a influência de outras igrejas, que colaboraram para que

⁶¹ GUTIÉRREZ, G. *A verdade vos libertará*, p. 165.

vínculos estabelecidos ou mudassem a forma de relacionamento ou cessassem por completo a aproximação com o Núcleo de Pastoral.

Ao longo dos anos, criou-se uma rede de participações, estabelecida a partir da diversidade de laços, que desencadeou processos de formação teórica desses trabalhadores e da comunidade em geral, estruturados através da formação de uma consciência crítica, visando a melhorar a qualidade no trabalho e da infraestrutura.

Hoje, os desencadeamentos das atividades, enquanto potência de transformação, têm influência direta no campo interpretativo e prático. É o sentido do tempo de organização, atuando no espaço das atividades, ligando as conjunções iniciais de constituição das atividades com os desdobramentos atuais. Esses são vínculos convergentes de força histórica, definindo a mudança da própria história.

2 DEUS NA PERIFERIA DO MUNDO: A HERMENÊUTICA DO CONTEXTO

Neste capítulo, foram realizadas a reflexão e a interpretação do contexto histórico e buscado, através de documentos existentes, observações, depoimentos e do próprio relatório de campo, os elementos que possibilitaram o início da construção de uma estratégia para a realização das ações posteriores na Ilha. A partir das fundamentações teóricas, definiu-se o embasamento necessário, a aplicação da hermenêutica do contexto, visando a organizar as novas idas e vindas a campo.

Nesse momento, passa-se a se refletir, à luz da teoria, utilizando a hermenêutica, acerca do fenômeno em estudo, a partir da história de vida real, da produção das pessoas que formaram o Núcleo de Pastoral Católica. Foi estabelecido um ponto convergente em relação de toda esta história construída, que vai definir o momento da práxis. Por meio da hermenêutica, pesquisa-se o sujeito e o objeto e vice-versa. Na linha de pensamento de Soares:

Por isso, Gadamer, retomando Heidegger, nos diz que não é exato pensar em termos da díade sujeito-objeto, quando o tema é a prática hermenêutica: O sujeito está compreendido por aquilo que se estenderá até o objeto, compreendendo-o. Sujeito e objeto participam do mesmo. O sujeito não é apenas ativo, nem o objeto somente passivo: ele é constituído por aquilo que o leva ao objeto e o define em sua objetividade.⁶²

Dentro desse contexto, adjetiva-se o pobre em vários sentidos, fundamentam-se as observações, interpretando as vivências ao longo do processo histórico do fenômeno. São feitas as mediações entre os campos de saberes, do teológico ao antropológico, em uma perspectiva de costura metodológica, tendo no campo hermenêutico o ponto em comum, de ligação. A interpretação dos textos e dos diálogos produziu os pressupostos intrínsecos de entendimento do fenômeno. Segundo Rabuske:

⁶² SOARES, L. E. *O rigor da indisciplina*, p. 37.

Há um círculo hermenêutico, na forma concreta de círculo antropológico. Isso significa que não há um ponto de partida totalmente sem pressuposto. É sempre o homem concreto, condicionado, que pergunta pela essência do homem. Já trazemos conosco a nós mesmos, a nossa situação, a nossa experiência, o nosso horizonte de compreensão. Esse horizonte não deve ser excluído, pois ele é a condição da pergunta. Mas deve ser refletido, questionado com respeito à base de sua possibilidade.⁶³

É na possibilidade da interpretação que se cria uma situação na qual é possível uma imersão para o estabelecimento de um mecanismo delineado no campo de compreensão do fenômeno aqui estudado. Neste estudo, a busca da aproximação dos acontecimentos reais do passado com o contexto atual é que possibilitou os elementos necessários para a interpretação dos dados. Uma hermenêutica que procura superar a distância no tempo, entre o que ocorreu no passado e as condições do presente. Segundo Ricoer:

Ao propor religar a linguagem simbólica à compreensão de si, penso satisfazer ao desejo mais profundo da hermenêutica. Toda interpretação se propõe a vencer um afastamento, uma distância, entre a época cultural revoluta, à qual pertence o texto, e o próprio intérprete.⁶⁴

Neste sentido, foram buscados, nos conteúdos estudados, uma interpretação intencional na perspectiva do *ver, julgar e agir*, um movimento de aproximar as épocas, as idas e vindas do passado longínquo com as idas e vindas mais recentes, relacionadas com o presente. Objetivou-se a ação no agora e na preparação do futuro, o tempo de semeadura que foi realizado para colheita no futuro, como nos ensinou Jesus Cristo.

Em termos hermenêuticos, não existe uma interpretação neutra, não há uma neutralidade, portanto, ou se está com os pobres e, conseqüentemente com Deus, ou não.

A interpretação tem que visar a uma estratégia, tem que ter uma intencionalidade e um propósito concreto, focados em uma ação, mudança, buscando na história e na interpretação do acontecido a concentração de força para resistência. É, em um primeiro momento, a resistência na fé em Jesus Cristo, e, a

⁶³ RABUSKE, E. A. *Antropologia filosófica*, p. 17.

⁶⁴ RICOER, P. *O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica*, p. 18.

partir desta fé, ter forças, para se defender dos ataques cotidianos das estruturas contrárias à libertação dos pobres, a tudo que é contra Deus. A hermenêutica, assim, tem que fundamentar a crítica, desvendando os campos obscuros, nos quais residem os sofrimentos, as dores, as angústias, as discriminações e as exclusões em um sentido de transformação, perspectiva essa que foi utilizada nesta pesquisa, conforme o teólogo Leonardo Boff: “Não basta sensibilizar-se (indignação ética). Importa ver corretamente a realidade num nível estrutural e crítico para poder agir, eficazmente sobre ela num sentido transformador”.⁶⁵

Com a limitação de documentos e textos teológicos específicos sobre o fenômeno aqui descrito, a hermenêutica do contexto ficou focada em determinados casos, nos diálogos não sistematizados que se estabeleceram ao longo dos anos de convívio ao núcleo de Pastoral da Região das Ilhas de Porto Alegre.

2.1 OS POBRES E O PODER

Não é possível falar da história da humanidade sem mencionar a do poder, das projeções sociais e políticas, do acúmulo de riquezas do poder material que ficaram desconectados da questão divina e a verdadeira mensagem cristã. O caminho do verdadeiro poder, o que leva a Deus, sempre foi algo na contramão da estrutura de poder humano. A própria Igreja, enquanto instituição, foi constituída em uma forte estrutura de poder milenar, definindo paradigmas e comportamentos, com erros e acertos ao longo de sua história.⁶⁶

O verdadeiro poder somente pode estar onde Deus está, e isto fica bem explícito ao longo de todo o Santo Evangelho. O verdadeiro poder não está nos poderosos do mundo, mas, naqueles que, pela lógica do mundo, são os invisíveis, os sem poder. Conforme Debergé, há uma mudança de foco em relação ao que o “mundo” define como poder, é preciso ver que a lógica de Deus é diferenciada.

⁶⁵ BOFF, L. *A fé na periferia do mundo*, p. 11.

⁶⁶ N. T. A questão do poder está no povo, um contrapoder, porém deste povo que não sabe de sua força, de estar sufocado pelos que o dominam. Constitui-se uma contradição a noção de poder estabelecido no mundo, e Jesus Cristo vem nos demonstrar bem essa inversão, onde realmente está o verdadeiro poder.

Finalmente, tanto na Igreja como no mundo, os pobres e os excluídos são a lembrança da contradição do mundo novo inaugurado na cruz: os primeiros nem sempre são os que acreditamos sê-lo, e o verdadeiro poder nem sempre está lá onde pensamos que está. Acolher essa inversão já é abrir-se à salvação. É reconhecer nos pequeninos ou nos pobres da comunidade e da sociedade os maiores no Reino dos céus.⁶⁷

Nessas estruturas do poder humano, várias formas de perseguições, dominações e extermínios foram realizadas. Durante a história, observam-se aspectos contraditórios dos discursos, nos quais se anunciava a liberdade e a igualdade, e se praticavam os limites da dominação, e, conseqüentemente, os que mais sofreram foram os pobres.

Hoje a versão moderna de todo esse sistema de dominação é o neoliberalismo e as suas contradições que já começam pelo próprio nome, isto é, os pobres são os que menos têm é liberdade. Vivem numa sujeição econômica completa, de exploração extrema que fica bem caracterizada justamente no coletor-urbano, aqui representado pelo coletor, morador na região das Ilhas de Porto Alegre.

Na lógica do sistema neoliberal, os pobres têm que ficar longe, à margem da sociedade “organizada”, na periferia, servindo como mão de obra barata ou mesmo escrava, situação esta oposta à mensagem cristã. Em seu meio social, Jesus teve a opção preferencial pelos pobres, visto ter nascido em uma manjedoura, em um lugar muito humilde (cf. LC 2, 7-16), junto aos pastores. Durante toda a sua peregrinação, da manjedoura à cruz, os seus maiores contatos, os seus companheiros e as suas relações tinham um sentido claro – o de estar entre os pobres, Deus junto ao sofrimento, vivendo e sentindo as dores das multidões.

Da mesma maneira de que Jesus teve essa preferência pelo pobre, estar com o pobre hoje, ou seja, posicionar-se a seu favor, é uma forma ideológica de se situar no mundo. Esse estar junto na luta, no seu lugar, enquanto espaço físico, na constituição da resistência para a sobrevivência é concretizar e trazer ao presente a vida de Jesus Cristo, que nasceu e viveu, morreu e ressuscitou entre os pobres. Com o seu exemplo e a sua maneira de viver, confrontou os poderes do mundo.

Confrontar as estruturas de poderes, levar a mensagem cristã de solidariedade de cooperação são atos de afirmação de fé frente a um mundo que

⁶⁷ DEBERGÉ, P. *Ética do poder*. Abordagem bíblica-teológica, p. 159.

prega justamente o contrário, a competição e o individualismo. O atual sistema utiliza a lógica de quanto mais dividido e mais fracionado melhor, sendo essa uma estratégia dos que detêm o poder, para perpetuarem a sua dominação.

Em meio às disputas das instâncias de poderes do mundo, visando ao acúmulo de mais riquezas, encontram-se os pobres que sofrem historicamente, porém, na contradição dessa lógica de acúmulo de riquezas, tornam-se fortes, a exemplo dos coletores-urbanos, uma vez que foram os escolhidos preferencialmente por Deus, mesmo que trabalhando na dificuldade, de sol a sol, coletando os restos da atual sociedade consumista. Eles estão com o verdadeiro poder, o poder de Deus.

2.2 OS POBRES, O LUGAR TEOLÓGICO

Os pobres, os preferencialmente escolhidos por Deus, vão ocupar um lugar no mundo, vão viver e constituir as suas vidas em um lugar físico e concreto, não no etéreo, no ar, distante. Aliás, no caso deste estudo, vai ser bem perto, e está localizado a 10 minutos do centro de Porto Alegre. O que se pretendeu, neste subcapítulo da pesquisa, focado na região das Ilhas de Porto Alegre, foi refletir sobre o *lugar teológico*, da presença de Deus e onde deve estar a “intelecção” e o agir teológico, terminologia esta utilizada pelo teólogo, Francisco De Aquino Júnior.⁶⁸

Observou-se a atuação de Deus de várias formas nesse Lugar, e uma delas foi através do Núcleo de Pastoral. O pobre é visto como *lugar teológico*, o pobre e a sua pobreza.

O teólogo, Jon Sobrino, aborda a questão da pobreza na perspectiva da sobrevivência do resistir humano frente à adversidade da condição em que vive a maioria dos seres humanos:

⁶⁸ Cf. AQUINO, F. *A teologia como intelecção do reinado de Deus*. O método da teologia da libertação segundo Ignacio Ellacuría.

Pobreza, em primeiro lugar, quer dizer a realidade em que vive grandíssima parcela dos seres humanos esmagados sob o peso da vida: sobreviver é a sua maior dificuldade, e a morte lenta um destino mais próximo. Pobreza é, então, dificuldade grave para subsistir como espécie humana [...]⁶⁹

Esses excluídos, desapropriados dos seus direitos básicos, ao longo da história da humanidade, sempre estiveram presentes em um sentido amplo na definição de pobreza, não se restringindo apenas ao aspecto econômico.

A “história oficial”, contada pelos vencedores e dominadores, excepcionalmente, fez registros dos pobres, como agentes históricos. Mesmo tendo sido “grandes homens” e terem deixado significativas contribuições para a humanidade, foram tratados como sujeitos não importantes para a história e definidos como uma massa sem nome, a exemplo dos escravos, dos colonos, dos índios, das mulheres que, historicamente, foram discriminadas e dominadas pela sociedade machista.

Já os grandes “heróis”, os reis, a nobreza, os pensadores, os cientistas sempre foram tratados individualmente e tendo as suas biografias registradas nas páginas da história, com destaques e publicações, ainda que tenham sido grandes ditadores, déspotas que trouxeram a dor e o sofrimento ao mundo. Os bilhões e bilhões de pobres que viveram ao longo da história ficaram na invisibilidade, uma vez que não detinham propriedades, títulos e riquezas.

Essa forma de situar o pobre, em uma posição de inferioridade, se deu nas mais variadas estruturas de poder, desde o sistema monárquico até a democracia moderna. E um exemplo concreto de exploração do nosso tempo é o do trabalhador, do operário que, desde a Revolução Industrial, vem sendo explorado, sendo também atingido pela pobreza.

Ao fazer uma análise histórica e trazer uma definição conceitual em relação ao processo de exploração desse pobre, do proletário, Karl Marx, em seu livro, *O capital*, a partir do materialismo histórico, demonstra as injustiças e a dominação econômica ao longo da história da humanidade.⁷⁰ Marx situa o poder na classe dominante, na burguesia, naqueles que, a partir do acúmulo do capital, que se deu

⁶⁹ SOBRINO, J. *A fé em Jesus Cristo: ensaio a partir das vítimas*, p. 13.

⁷⁰ Cf. Karl Marx, o qual faz uma análise profunda da economia e das relações de exploração estabelecidas pela classe dominante (MARX, K. *O capital – Crítica da economia política*. Livro 1 – O processo de produção do capital).

através dos saques, dos roubos nas colônias e na apropriação da mais-valia, acabaram sendo os detentores dos meios de produção. Essa realidade mundial de exploração capitalista, com raras exceções, permanece até os dias de hoje subjugando a grande maioria da população mundial.

Obviamente que Marx não considera e ignora os aspectos divinos, mas coloca a questão do cristianismo e da Igreja na perspectiva de servir às classes dominantes. A sua própria opinião sobre o lumpesinato mostra a sua linha de pensamento, tendo, nesse sentido, uma perspectiva antagônica ao cristianismo.⁷¹ As observações feitas por ele, em sua época, não contemplaram um estudo mais profundo da história da Igreja, detendo-se apenas naquele setor da Igreja ligado à nobreza e, posteriormente, à burguesia, em síntese, aos dominadores. Diferentemente do cristianismo que propõe a mudança a partir do amor e da misericórdia, Marx vai propor a mudança a partir da luta de classes, do tensionamento social.

Aqui uma questão importante a ser refletida é a de como mediar essas duas linhas de ação, objetivando a organização dos pobres. É não somente uma transformação a partir da cooperação e da solidariedade, mas também, a geração de um tensionamento no sentido da mudança, através dos preceitos cristãos, que está centrada na luta pela melhoria na qualidade de vida dos pobres, dos coletores-urbanos.

Jesus Cristo vem definir o lugar, o espaço da atuação da Igreja, e toda a sua vida é pautada no amor e na paz, porém as forças dominantes não têm nenhum interesse por um lugar de amor e paz verdadeira, um espaço de liberdade. A única paz que interessa às classes dominantes é aquela que mantém a sua estrutura de dominação. A guerra é um ótimo negócio para a burguesia internacional, com a sua bilionária indústria armamentista, entretanto, desde que atinja somente os países pobres, ficando longe das grandes sedes do capital, como, por exemplo, os eternos conflitos na África.

⁷¹ Cf. O Professor Heraldo Campos da UNICAMP, a partir do conceito Marxista, propõe que, “na sociologia Marxista, o lumpesinato é a camada social carente de consciência política, constituída pelos operários que vivem na miséria extrema e por indivíduos direta ou indiretamente desvinculados da produção social e que se dedicam a atividades marginais, como, por exemplo, o roubo e a prostituição” (MOVIMENTO DOS SEM TERRA (MST). Disponível em: <www.mst.org.br/note5475>. (Acesso em: 28 maio 2012).

Nesse “lugar” de pobreza e miséria, é que está a missão de Jesus. Como filho de Deus, deve mudar este mundo cheio de injustiças e discrepâncias. Sobrino assevera, assim, que:

Encarnar-se, para Jesus, não significou situar-se na totalidade da história para corresponder a partir daí à totalidade de Deus; significou, antes, escolher aquele lugar determinado da história que fosse capaz de encaminhá-lo para totalidade de Deus. E este lugar não é outro senão o pobre e o oprimido.⁷²

O Deus está presente nesse *lugar teológico*, no qual o sofrimento é uma realidade cotidiana, contudo esse pode ser lugar da esperança, da certeza da mudança, da organização da resistência e da luta.

2.3 OS POBRES E A SALVAÇÃO

Dentro de todo esse contexto de adversidades, sofrimentos e lutas, uma questão central se evidencia, a da salvação estar relacionada ao pobre. Quando Jesus Cristo faz a sua opção de estar prioritariamente junto aos pobres do seu meio social, muitos significados estão sendo demonstrados. Primeiramente, a opção de estar junto aos sofrimentos das mais variadas formas: nas doenças, na fome, nas discriminações e nas perseguições: “Eu não vim para os sadios, mas para os doentes, os que sofrem, não são os sadios que têm necessidade de médico” (cf. Mt. 9-12).

Jesus vem nos demonstrar o caminho da salvação, ele é o próprio, o único caminho para a salvação: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida [...]” (cf. Jo. 14-6). Nesse sentido, ao interpretarmos a vida de Jesus Cristo e os seus movimentos nos lugares onde transitou, no espaço, no tempo de sua jornada até a cruz, tem-se a salvação da humanidade relacionada diretamente à sua vida com os pobres.

⁷² SOBRINO, J. *Jesus na América Latina: seu significado para a fé e a cristologia*, p. 199.

Jesus ocupou um espaço e um tempo, quando esteve entre nós, o humano e o divino, juntos. Jesus, ao fazer a opção pelos pobres, negou as estruturas de poderes humanos, as riquezas, a vida nos palácios, o luxo e os confortos da vida da realeza nos impérios.

O pobre e a salvação, esse deslocamento de importância, em termos de papéis sociais, traz um redimensionamento definidor no ser cristão e, junto a isso, uma questão extremamente profunda: a de a salvação estar associada ao pobre. O próprio título do livro de Jon Sobrino, de 2008, *Fora dos pobres não há salvação*, é uma indicação para essa problemática e traz uma relação direta com o coletor-urbano, o fato de a figura deste estar inserida no conceito de pobreza e da sua relação com a salvação humana:

Esta consiste em pôr a salvação em relação com os pobres; ver nestes um lugar e um potencial de salvação [...] Não dizemos, estritamente falando, que com eles já há automaticamente, salvação, mas que sem eles não há salvação – embora pressuponhamos, sim que nos pobres sempre haja “algo” de salvação.⁷³

Neste estudo, então, o pobre, que é excluído das possibilidades da vida e é invisível para sociedade, é representado pelo coletor-urbano, reunindo sobre si as qualidades e sofrimentos dos excluídos, Porém, a ele associa-se a ideia da salvação. Conforme Sobrino, os pobres nos dão o sentido, são a referência básica que a estrutura da Igreja tem que ter:

Quando os pobres se tornam o centro da Igreja, eles dão direção e sentido a tudo o que legitimamente – desde a tradição cristã – e necessariamente – desde a estrutura de qualquer associação de homens – constitui a realidade concreta de Igreja: sua pregação e ação suas estruturas administrativas, culturais, dogmáticas, teológicas etc.⁷⁴

O sentido de Jesus trazer a mensagem, o caminho da salvação e o direcionar-se aos pobres, nos dá a obrigação de fazer com que esse movimento e essa dinâmica sejam potencializados constantemente, para podermos realmente dizer que estamos seguindo Jesus. Sobrino explica que: “A pró-existência histórica

⁷³ SOBRINO, J. *Fora dos pobres não há salvação*. p. 85.

⁷⁴ SOBRINO, J. *Ressurreição da verdadeira Igreja – Os pobres, lugar teológico da eclesiologia*, p. 103.

de Jesus realiza-se em primeiro lugar para os pobres. A eles anuncia o reino de Deus (Mt 5,3; Lc 6,20) e nisso consiste sua missão (Lc 4,18s). Os sinais de salvação são a salvação dos pobres (Mt 11, 4,18)".⁷⁵

2.4 O ROSTO DE DEUS NA PERIFERIA DO MUNDO

Esse é um Deus que não somente se mostra na periferia, mas, sobretudo, é um Deus da periferia, um Deus acolhido pelo povo, e, na maneira de reconhecer essa presença, esse constrói o seu altar, com os elementos de sua cultura, com os seus símbolos que estão a dar sentido à vida dessas pessoas, à sacralidade, como referência de coesão.

Na nossa fé cristã, sabemos da presença de Deus junto ao povo, aos pobres, aos coletores-urbanos, contudo essa nossa certeza, do estar na periferia, não quer dizer que Deus tenha sido acolhido nesse local, através do Núcleo de Pastoral da Região das Ilhas de Porto Alegre. Mas de que forma o Deus libertador, o Deus da paz, da misericórdia, do amor e da união é vivenciado? E como é que a mensagem evangélica é colocada na prática cotidiana dessas pessoas?

Muitos sinais da presença divina, do amor de Deus, na maioria das vezes, passam despercebidos, uma vez que a rotina de sofrimento e as obrigações diárias dos excluídos criam interferências, fazendo com que essa conexão com a mensagem evangélica de libertação se esvazie ou não aconteça, e acúmulos de frustrações passam, por conseguinte, a fazer parte da vida desses coletores. Estes problemas acabam se tornando um ciclo de recomeços muito frequentes e recomeçam-se os encaminhamentos, os quais, muitas vezes, não chegaram a ser realizados.

Deus revela o seu rosto na periferia, no sentido de romper com a rotina do sofrimento e mostrar a possibilidade de libertação através do evangelho ao pobre. Nessa perspectiva, o coletor-urbano organiza-se para a mudança de si mesmo e

⁷⁵ Idem. *Jesus na América Latina: seu significado para a fé e a cristologia*, p. 59.

também ajuda o coletivo em uma luta conjunta, na busca da libertação dos seus irmãos de caminhada. Jesus Cristo viveu boa parte da sua vida na periferia de Jerusalém e vivenciou os seus costumes e aspectos culturais de sua época, plenamente um Deus da periferia.

2.5 AS CONTRADIÇÕES NA INTERVENÇÃO PASTORAL

A intenção, nesta etapa da pesquisa, é refletir como a tradição dessa instituição milenar, apostólica e universal, que é a Igreja Católica Romana, chega à realidade de comunidades, como a das Ilhas Grande dos Marinheiros e do Pavão, junto aos pobres, aos coletores-urbanos, por meio de seus agentes de Pastoral, formados a partir da Teologia da Libertação.

Uma tradição que não propõe a libertação não pode ser algo a ser seguido ou mesmo a ser levado em consideração, como mensagem do Deus libertador. Para se fazer uma atividade pastoral, é preciso estar focado sempre em um sentido libertador, o de tirar as amarras e as correntes que aprisionam os pobres, porém, nessas ações, haverá intervenções entre os agentes de Pastoral e a comunidade.

Como vai ocorrer esta interferência na vida dos pobres? Os nossos saberes e convicções vão estar presentes no convívio desses coletores-urbanos, formando opiniões e comportamentos. É prioridade, em qualquer trabalho de pastoral, interpretar as situações vivenciadas, sobre o nosso estar junto no cotidiano da comunidade e quais devem ser os limites dessas ações.

A presença do agente de Pastoral tem um significado importante no conjunto das relações que se estabeleceram ao longo das histórias individuais e coletivas da comunidade das Ilhas, como os vínculos já mencionados. Ao longo desse tempo, consolidou-se a imagem da atuação da Igreja Católica na comunidade, ou seja, na Ilha que tem as suas características próprias. Pergunta-se: Como é vista essa atuação pela comunidade e o que significou e significa estar junto à comunidade? O núcleo de Pastoral formou opiniões e definiu rumos, gerou expectativas e se posicionou frente aos problemas que afligiam essa comunidade.

Nesse lugar, o do pobre, o do coletor, que vive das sobras e que tem graus extremos de dificuldades para sobreviver, criaram-se resistências naturais em relação ao que vem de fora. E a entrada nesse lugar que é ocupado por essas pessoas, os seus territórios que têm as suas fronteiras, acabou por ocasionar choques em determinadas situações com o Núcleo de Pastoral.

O levar a boa nova e o anunciar Jesus Cristo geraram resistências, que são percebidas em várias situações vivenciadas pelo Núcleo de Pastoral da Região das Ilhas de Porto Alegre. A não participação, mesmo estando dentro da estrutura do Núcleo, é uma forma de resistência e pressupõe uma desconformidade silenciosa, ou seja, não se explicava o porquê das insatisfações em relação aos encaminhamentos.

Na história da atuação da Igreja Católica nessa comunidade, nesse trazer o conhecimento e a tradição católica, houve, a partir das observações e avaliações realizadas pelo próprio Núcleo, ações equivocadas e movimentos realizados que não deram resultado, os quais estavam, em boa parte, relacionados ao conflito de realidades, às convicções do que era certo e errado, entre as verdades trazidas e as verdades dos outros, essa questão fica exemplificada na forma de organização da Romaria das Águas de 2011 e 2012 onde ocorreram conflitos que prejudicaram a realização desse evento.

Uma das questões que também se percebeu, durante esses anos de convívio, foi o da centralização, em momentos distintos, no processo de organização e na formação pastoral por parte das lideranças. Formaram-se várias lideranças pastorais, porém, na maioria dos casos, houve um processo de centralização das decisões, o que dificultou o trabalho como um todo. Avaliou-se que o sentido hierárquico, que é uma característica da estrutura da Igreja, na forma de transmitir a tradição, através dos agentes de Pastoral, é o resultado da reprodução da estrutura de determinadas ordens religiosas na organização de espaços de Pastoral na região. Essa hierarquização na organização, mesmo com todas as adaptações, a partir da Teologia da Libertação, focada em um processo de democratização aberto, popular e participativo, veio demonstrar que, em algumas situações, surtiu um efeito contrário ao esperado.

O trazer um fragmento de Jerusalém, Roma, Vaticano e das Universidades Católicas para dentro das Ilhas de Porto Alegre, que é também um processo repetido em inúmeras comunidades periféricas da América Latina e não somente nessa região, acabou sendo um desafio constante para os agentes de Pastoral.

Foi um ato de coragem fazer as mediações necessárias, isto é, trazer conhecimentos, muitas vezes estranhos à realidade da comunidade. Esse conjunto de saberes de épocas e locais distantes, ainda que adaptado a um contexto diferenciado e periférico, ocasionou tensionamentos para os participantes do Núcleo de Pastoral e da comunidade em geral. Na tradição, a verdade é a base, entretanto essa verdade, não sendo compreendida nem aplicada adequadamente, causa um distanciamento nas relações, somado à resistência.

As questões gerais e específicas são semelhantes nesse lugar onde vive o pobre. As exclusões, as dominações e as resistências são comuns, contudo esse trazer o distante para perto, seja no tempo e no espaço, acaba por estabelecer graus de dificuldades elevados para a realização do trabalho de Pastoral. Constata-se a dificuldade de agir por parte da Pastoral, devido a questões locais, não, por falta de tentativa, uma vez que todas as ações do Núcleo tinham sempre como princípio a ação a partir da base.

Verifica-se, nessa trajetória, que esse ir e vir dos religiosos e leigos participantes do Núcleo de Pastoral aos “locais de tradição” e o desconhecimento por parte da comunidade dos significados que envolvem os conhecimentos teológicos trazidos dificultaram essa aproximação. Além disso, ressalta-se a falta de conhecimento sistematizado, principalmente do meio acadêmico e religioso que acabou criando barreiras, as quais restringiram o avanço da atividade pastoral.

A construção da subjetividade no meio popular, no “lugar concreto”, de símbolos e significados importados de outras realidades e de outras épocas passa a fazer parte das suas vidas, através do nosso convívio com eles. Tal relacionamento produz movimento e, em muitos deles, conflitos, que se dão a partir do choque dos saberes: dos de fora que se contrastam com os saberes locais da comunidade.

2.6 O LADO DE QUEM “RECEBE” A INTERVENÇÃO PASTORAL

Um dos aspectos a ser refletido em relação ao levar o Evangelho, isto é, o ensinamento da tradição cristã à periferia, é a dimensão que a ela é dada pelas pessoas que vivem esse outro lado, a dos que estão recebendo, os que estão no estado de exclusão. Os habitantes da Ilha veem Deus, vivenciam Deus, por meio dos agentes de Pastoral, os quais vão chegar até eles, com as suas interpretações, linguagens, as suas formações prévias, e, nesta relação, verifica-se a falta de conexão com a comunidade. Os níveis de entendimentos são diferenciados, tornam-se pontos de dificuldades para o trabalho da Pastoral, bem como passam pela complexidade do momento histórico em que vivemos hoje.

É muito difícil, ou mesmo impossível, nos colocarmos nessa outra perspectiva, por mais tempo que possamos ter de convívio e imersão nessa realidade. A nossa bagagem teórica, esse acúmulo de saberes, oriundos da tradição à qual fazemos parte, vai estabelecer toda uma via de retorno, muito focada no racional, a partir do qual são criados pré-entendimentos, “filtros” no sentir e no entender essa realidade, na qual, mesmo que estejamos próximos, vamos estar distantes. Podemos fazer certas rupturas, quanto a certas posturas que trazemos, no entanto elas são limitadas pelas nossas condições e papéis hierárquicos que ocupamos dentro das instituições que representamos. Sendo assim, quanto mais nos tornamos “qualificados academicamente”, maior a distância estabelecida entre esses mundos distintos.

Outro ponto a ser analisado está relacionado ao momento no qual vivemos, onde uma de suas características é o esvaziamento das questões ligadas ao tradicional, à negação da história. Existe, portanto, uma negação ao passado e uma afirmação do presente. Criam-se várias opções de “distrações”, voltadas à alienação popular, tais como os programas televisivos exibidos nos canais abertos no Brasil. Inúmeras pessoas da comunidade deixam de participar de uma cerimônia religiosa ou mesmo de um debate político, para poder assistir às novelas, aos Big Brothers Brasil, BBBs. As questões relacionadas à fragmentação do real, conforme Santos:

A multiplicação e a diversificação das experiências disponíveis e possíveis levantam dois problemas complexos: o problema da extrema fragmentação ou atomização do real e o problema, derivado do primeiro, da impossibilidade de conferir sentido à transformação social.⁷⁶

O debate sobre aspectos políticos, socioeconômicos e religiosos, no contexto comunitário aqui estudado, nem sempre esteve na pauta como prioridade no cotidiano. Assuntos importantes, como, geração de renda, economia solidária e problemas de infraestrutura da região ficavam fragmentados.

Refletir, conseqüentemente, sobre a situação dos que “recebem” direciona-se para um sentido de superar e romper, dentro do possível, com o que está estabelecido e de não ser feita a diferença entre quem dá e quem recebe. É preciso haver esta ruptura em relação a isso, para que o trabalho de Pastoral realmente seja de base, uma construção coletiva.⁷⁷

Muitos diálogos nas reuniões do Núcleo, que ocorreram tanto no Santuário Nossa Senhora Aparecida, como no Galpão, estavam focados nas novelas, futebol, assuntos relacionados à criminalidade, os quais criavam um esvaziamento na importância das pautas, um desfocar em relação às prioridades. Esse é um estado de alienação propositalmente organizado pelos dominantes, para enfraquecer a organização popular. Conforme Ribeiro: “A alienação cultural consiste, em essência, na introjeção espontânea ou induzida em um povo da consciência e da ideologia de outrem, correspondente a uma realidade que lhe é estranha”.⁷⁸

Repensar a situação dos que “recebem” é de suma importância, eis que essa relação que se estabelece é a de poder. O direcionamento tem que estar em um sentido de superar o estabelecido e romper com essa dicotomia na relação entre quem dá e quem recebe. Esses são, por conseguinte, os primeiros passos a serem tomados.

⁷⁶ Santos, B. S. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências In: SUSIN, L. C. (Org.). *Teologia para outro mundo possível*, p. 196.

⁷⁷ É necessário romper, dentro possível, uma vez que, na reflexão anterior, se situou o agente de Pastoral dentro de uma hierarquia, ligado a uma tradição, tendo, por mais adaptado que estivesse com a comunidade, os seus limites.

⁷⁸ RIBEIRO, D. *Os brasileiros: 1. Teoria do Brasil – Estudos de antropologia da civilização*, p. 151.

A superação nessa relação com a comunidade deve possibilitar uma prática pastoral dentro de uma dinâmica que crie condições de participação, um espaço de importância, para as reais reivindicações da comunidade, e que possa trazer mudanças, ou seja, melhorias da qualidade de vida dessas pessoas, através da cooperação, do sentimento solidário e do agir comunitário.

Nesse contexto, fica claro o que o atual sistema de dominação quer que chegue aos que “recebem”. Existe uma forte influência reativa, contrária ao movimento dos ensinamentos que se propõem a romper com o aprisionamento e o profundo estado de alienação e passividade da população. Salienta-se também que o que mais apavora o atual sistema de dominação são a organização e a conscientização do pobre para a mudança, para a luta pela sua libertação.

2.7 OS SABERES NESSE LUGAR SOCIAL

Uma questão fundamental que deve ser pautada no trabalho de Pastoral é a de se preparar para o aprendizado dos saberes locais, os já existentes, os oriundos da própria comunidade, os da sua própria tradição. Aqui, em específico, são os saberes dos coletores-urbanos e da comunidade tradicional das Ilhas de Porto Alegre.⁷⁹

Em toda essa dinâmica de vivência, de interlocução entre os participantes do Núcleo, houve uma produção de conhecimento, um saber estabelecido entre todos, sistematizado, atuante, a partir do qual foram definidos os movimentos e as retrações. Normalmente, a sociedade olha os pobres, os moradores da periferia, como pessoas sem referência de saber, visto que o parâmetro é o saber institucional, acadêmico, aquele que legitima as instâncias de poder.

Um dos autores que fez um amplo estudo sobre as relações de poder foi Michel Foucault. É necessário ativar os saberes “locais” e interpretar esses recortes,

⁷⁹ Trata-se da imersão do pesquisador no campo da pesquisa, uma “iniciação”, ser aceito na comunidade.

para que possamos refletir sobre os saberes e os poderes dos coletores-urbanos, conforme Foucault:

Trata-se de ativar saberes locais, descontínuos, desqualificados, não legitimados contra a instância teórica unitária que pretenderia depurá-los, hierarquizá-los, ordená-los, em nome de um conhecimento verdadeiro, em nome dos direitos de uma ciência detida por alguns.⁸⁰

Nesse contexto, surgem questões muito singulares em relação a como se levar o Evangelho, ativando esses saberes locais, dando-se ênfase ao que não é destacado. Mas é preciso que haja um método de chegar até esse povo sofrido, através do discurso, da prática litúrgica e do estar junto, convivendo com essas pessoas no cotidiano. Nesse estar, nesse *lugar teológico*, vão ser necessárias estratégias que possibilitem a circulação e, principalmente, o estabelecimento de um espaço cristão, sendo que o manter é questão de sobrevivência. Uma vez estabelecido o espaço da prática Pastoral, a atividade do Núcleo é manter vivo todo o esforço, a história de lutas dos que se sacrificaram para que esse espaço fosse concretizado.

Não é nada fácil falar de Deus e, particularmente, organizar-se em torno de pautas comunitárias, construir coletivamente, enquanto existe um forte processo de alienação, instaurado de propósito pelos que têm interesse na dominação. Esse “não saber”, caracterizado ao pobre, do coletor-urbano, é também uma forma de perseguição, humilhação e discriminação, para aqueles que não tiveram acesso ao saber acadêmico. Um problema para a atividade pastoral é a de como fazer uma imersão nesse lugar de saberes desconhecidos por nós. Acreditamos que o primeiro passo é ter a humildade necessária para estarmos abertos a esses conhecimentos aparentemente simples, entretanto, complexos, profundos e repletos de mistérios. O texto de Boff corrobora a ideia:

O mistério se revela mais imediatamente no outro. Por mais que se queira conhecê-lo e enquadrá-lo, o outro sempre se retrai para um mais além. Ele

⁸⁰ FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*, p. 172.

é, efetivamente, mistério vivo e desafiador que nos obriga a sair de nós mesmos e a nos posicionar diante dele.⁸¹

Dando seguimento ao estudo, é feita uma análise dos discursos, a partir das interlocuções realizadas pelo Núcleo de Pastoral e a comunidade.

2.8 OS DISCURSOS

Observou-se, no convívio com o Núcleo de Pastoral e em sua relação com a comunidade em geral, um inevitável choque entre o discurso organizado que vem de uma tradição e o fragmentado e disperso, que está fora das questões religiosas. Os discursos e a linguagem, escolhidos e estabelecidos no convívio com essa realidade, de um lado, são coesos, sistemáticos e com várias fundamentações teóricas, oriundos de uma tradição de mais de dois mil anos, de outro, os fragmentados, constituídos no espaço popular, que têm elementos formados por uma diversidade simbólica, em oposição ao que é trazido. Há, por conseguinte, uma não aceitação do formato do discurso do que é tradicional – o que significa um não aceitar a forma de se organizar.

Esse estar em desacordo com o conjunto de ensinamentos, de posturas que eram trazidas foi observado ao longo dos anos de atividade do Núcleo de Pastoral da Região das Ilhas de Porto Alegre. Nos discursos, quanto à organização do Núcleo, a ideia era a de que, a partir daquela, houvesse uma superação das distâncias a serem percorridas. Primeiro, no sentido econômico, a partir da geração de renda, na melhoria do rendimento, através do trabalho digno do coletor-urbano e, segundo, a partir daí, conseguir organizar as questões básicas da vida. Esses movimentos visam a uma espiritualidade, todavia a interferência acabou também não dando, muitas vezes, as respostas e os encaminhamentos necessários para assuntos importantes.

O choque do discurso e a sua não aceitação podem ser observados, pela não participação das atividades do Núcleo de Pastoral dos membros da comunidade, por não falarem o que pensam, por ficarem com receio de se expressar, bem como por

⁸¹ BOFF, L. *Ética e moral: a busca dos fundamentos*, p. 45.

se afastarem delas depois de um tempo de atuação. Essas situações mostram que havia problemas na forma de o Núcleo comunicar-se com a população local. Obviamente, inúmeras variáveis podem ter contribuído para uma diminuição da participação popular nos espaços católicos nessa comunidade, mas não era a proposta desta pesquisa analisar todas essas variáveis.⁸²

Percebeu-se, no convívio com os habitantes das Ilhas de Porto Alegre, principalmente nas Ilhas do Pavão e Marinheiros, que o discurso realizado pela Pastoral, em determinadas situações, gerou conflitos, principalmente, quando a pauta era sobre organização. Havia uma “cobrança de fora”, do Núcleo, relacionada ao Galpão de Reciclagem, quanto à sua limpeza, à prestação de contas e à continuidade da atividade pastoral nos momentos de reflexão diária.

O discurso, estranho à realidade local, o qual tinha de ser proferido, trouxe consigo as impressões e as interpretações individuais que geraram conflitos no lugar a ser evangelizado. Trazer o Evangelho para os habitantes da Ilha é, portanto, muito difícil, já que os ensinamentos lá contidos têm que ser traduzidos para que sejam colocados em prática.

Jesus pregava às multidões, lançava as sementes, sabendo que algumas iriam germinar e se transformar em árvores e dar bons frutos e outras não. Entretanto, é importante que se prepare a terra, para que sejam lançadas as novas sementes, com a esperança da mudança na condição dos pobres.

Então, ao se trazer a mensagem evangélica, mesmo que com todas as adequações, feitas por meio do método da Teologia da Libertação, são gerados um estranhamento e uma resistência natural do próprio pobre em relação ao que é dito. Essa nova perspectiva, que parte do processo de libertação e da mostra de um Evangelho, no qual esse pobre, a partir de Jesus, passa a ter uma centralidade, é ainda algo de difícil sistematização, em função da realidade encontrada na Ilha Grande dos Marinheiros e Pavão.

Jesus Cristo é referência de libertação, do discurso à prática, os quais estão associados à situação dos moradores da Ilha. O discurso da Pastoral tem impacto

⁸² A diminuição na participação popular nas atividades do Núcleo de Pastoral da Região das Ilhas de Porto Alegre é um ponto de análise nesta pesquisa e vai estar presente em vários momentos, em uma circularidade, porém não, em uma perspectiva circular e repetitiva, mas, sim, em um sentido cíclico de procura de superação (VICO, G. *Teoria cíclica da história*. “Ciência Nova”).

sobre o dominado, dando a ele a possibilidade através do evangelho de se libertar. Essa situação pode ser comparada a uma pessoa que viveu muitos anos em uma prisão, entretanto, quando recebe a liberdade, vai ter um tempo, para se adaptar à nova realidade, e esse renascer para o novo é um longo processo. O meio é inóspito, as dificuldades de sobreviver em muitas situações comprometem a libertação, e as amarras dos dominadores influenciam diretamente a mudança dos que querem sair da condição de dominados. Essa é a luta para se ter a verdadeira liberdade, a liberdade em Jesus Cristo.

A questão do espaço a ser “conquistado”, o choque com os poderes estabelecidos, o movimento e a estruturação do núcleo de pastoral tinham uma intenção, tendo como foco principal levar o Evangelho a essa comunidade, aos coletores-urbanos. Porém, ao se trazer o Evangelho, isto é, a palavra de Deus para esse meio, as forças reativas a esse sentido de vida fazem com que eles resistam das mais variadas formas. Por exemplo, quando Jesus Cristo trazia a sua mensagem para o povo, estava constantemente desafiando os poderes do mundo, pelas suas ideias e atitudes e, por isso, é que foi levado à condenação e crucificação.

Levar a palavra de Deus a esses locais é tarefa muito árdua, uma vez que as formas de poder que atuavam no tempo de Jesus, baseadas na dominação, na exploração, na discriminação, são praticamente as mesmas da atualidade. Essas apenas têm uma roupagem diferente, mais midiáticas e disfarçadas nos seus discursos, que fazem enfraquecer os ideais e as lutas, com a intenção de esvaziar os valores e a tradição tanto da Igreja quanto dos habitantes do local em questão.

Os ataques à Igreja são constantes, e a troca da Igreja pelos *shoppings* tornou-se algo natural, troca-se Jesus Cristo pelo “Deus mercado”, e essa lógica vai ser reproduzida nas classes dominadas, propositalmente. O *marketing* que incentiva o consumo não tem ética, sendo esse fato uma decorrência do próprio sistema em que vivemos. Como vai existir ética em um sistema que prega a desigualdade, a exploração e sustenta a estrutura de dominação histórica a que estão presos os pobres?⁸³

⁸³ Cf. Jung Mo Sung. No seu aprofundamento sobre as relações da teologia, espiritualidade e mercado (Ver artigo no livro de SUSIN, L. C. (Org.). *Teologia para outro mundo possível*, p. 337-350).

Reagir à mensagem cristã é uma luta cotidiana, empreendida pelo sistema de exploração no qual estamos inseridos. No que se refere ao fenômeno em estudo, as forças reativas somaram-se e criaram fortes dificuldades no campo da ação pastoral, visando, ao longo dos anos, a desestruturação do Núcleo de Pastoral da Região das Ilhas. Lutar com poucos recursos, frente a um sistema de dominação e exploração, que é centralizador de poder, foi, durante todo esse tempo, um dos grandes desafios, e que nada mais era do que fazer o que Jesus Cristo fez ao resistir às tentações e ao enfrentar os poderosos de sua época.

Ao se levar a boa nova, a promessa do Reino, gera-se um tensionamento constante, e a luz, deixada no ambiente, provoca a mudança na condição espiritual do indivíduo e de uma coletividade. Essa situação provoca reações, eis que o termo “iluminar” está sendo utilizado no sentido de libertar. Normalmente, essas reações se dão de várias maneiras, e uma forma perversa de enfrentar os problemas é a de se esconder os conflitos. Os ataques não aparecem de forma clara, são sinais característicos da nossa época em que vivemos, o da virtualidade, da superficialidade e do esvaziamento das relações. Somos hoje instrumentos de um sistema econômico que nos aprisionou, que nos fez refém do consumo. Segundo o cientista social e psicanalista, Fromm:

A ameaça à atitude religiosa não está implícita no culto das ciências, mas, na prática da vida diária. É na rotina da vida que o homem abandona o objetivo supremo da vida, para transformar-se em mero instrumento a serviço da máquina econômica que ele mesmo construiu.⁸⁴

No momento em que o homem cada vez fica mais ligado a esse sistema que ele mesmo produz, mais se afasta de Deus, sendo características daquele tanto a fragmentação quanto o esvaziamento dos valores.

2.9 A TRADIÇÃO HISTÓRICA E OS FRAGMENTOS ATUAIS

Nessa perspectiva de tensionamento e resistência, o choque entre a tradição coesa, constituída ao longo dos séculos e a realidade atual, fragmentada, ainda que com todas as adaptações, desencadeou uma despotencialização de

⁸⁴ FROMM, E. *Psicanálise e religião*, p. 118.

encaminhamentos nas atividades do Núcleo de Pastoral da Região das Ilhas de Porto Alegre, uma situação que se reflete nas cerimônias religiosas, nas missas e nos batizados. Constatou-se, assim, essa diminuição da participação dos membros da comunidade no Núcleo, diferente de outras épocas.

Como falar de Moisés e da libertação do Egito com a comunidade “juntamente” com as músicas da *Loira do Funk*? Nesse sentido potencializa-se a fragmentação da tradição da Igreja Católica. Tal aproximação das questões sacras e profanas, no atual momento, cria uma mistura perigosa, intencional que não é a da libertação e, sim, o aumento da dominação.

As músicas do Funk passam uma mensagem diferente da evangélica, pregada pela Pastoral na Ilha, entretanto essas têm muito mais alcance na população do que as passagens do Evangelho.

A mensagem que o atual sistema difunde, através de sua propaganda e defesa de seus teóricos, não quer a organização dos pobres para libertação e mudança. Quanto mais divididos e desorganizados estiverem os pobres, melhor para as estruturas de dominação. E é, em uma lógica da reversão, que deve estar pautada a conscientização do povo quanto às suas reais condições para a mudança. Gutiérrez destaca o seguinte:

Eis que, em última instância, sustenta o esforço de libertação em que está empenhado o continente latino-americano. Mas, para que tal libertação seja autêntica e plena, deverá ser assumida pelo próprio povo oprimido, e para isso, deverá partir dos próprios valores desse povo.⁸⁵

A realidade do momento é complexa, e o desafio que se apresenta é o de como articular esse convívio entre o coeso e milenar com o fragmentado atual, e, uma vez que esta realidade está próxima, merece uma reflexão teológica. As realidades dos costumes constituídos, muitas vezes, com fragmentos de vivências culturais absorvidas do meio no qual estão inseridos, bem como os fundamentos básicos na forma de sua constituição de vida, são alheios ao que está vindo de fora e acabaram sendo uma resistência à Pastoral. De uma forma ou de outra, essas comunidades periféricas, como a comunidade da Ilha Grande dos Marinheiros,

⁸⁵ GUTIÉRREZ, G. *Teologia da libertação*, p. 151.

sempre tiveram formas de organização social mais independentes dos modelos externos em termos de organização.

As propostas pastorais têm uma estrutura baseada na tradição, alicerçada em séculos de história e de experimentações, de criação de símbolos, que entram em choque com uma realidade alheia às mudanças, aos símbolos e significados externos. Esse confronto desencadeia um tensionamento com os já existentes, é o choque da forma da estrutura da organização que tem tradição e é coesa com o “desconexo”. É o contraste da proposta do reino de Deus e do caminho a ser seguido com o seu oposto, o antirreino.

O que se estabeleceu e adquiriu consistência na rede de relacionamentos do Núcleo de Pastoral, de forma emblemática, foram as questões debatidas, ligadas ao profano e sacro. Mas como fazer essa discussão? Falar de valores religiosos em meio a toda essa diversidade de símbolos e significados, que é uma das características do momento, é uma tarefa extremamente difícil. Nesse contexto, observou-se o despreparo dos agentes de Pastoral, para estabelecer esse diálogo com o povo. Propor a mistura do sacro com o profano no sentido da venda, da comercialização para satisfação do “deus mercado”, como a das músicas de duas ícones americanas, Madona e Lady Gaga, que usam dessa estratégia para aumentar ainda mais a venda de suas músicas, tornou-se uma prática cotidiana. Veja-se ainda a vulgarização do uso dos símbolos religiosos, como o crucifixo sendo “misturado” com os símbolos que incitam a violência e pornografia .

Esse transitar de valores de uma época para outra constitui, ao longo do tempo, conjuntos de paradigmas que vão estabelecendo posturas e, em muitos sentidos, ocorrendo, assim, uma polarização entre o bem e o mal, a verdade e a mentira, o certo e o errado. Acabam, portanto, tornando-se estruturadores de comportamentos, muitas vezes, em uma perigosa linha maniqueísta, polarizada em extremos. Salientamos, então, questões que ficaram em aberto no diálogo com a comunidade, que são polêmicas dentro da estrutura da Igreja, como é o caso da prostituição, das célula-tronco, o uso de preservativos entre outras – pautas que sempre estiveram nas discussões da sociedade como um todo.

Os efeitos, produzidos na comunidade a partir da definição e afirmação do pecado e da culpa e de como esse entendimento chega ao povo, a partir da tradição e do

esclarecimento pastoral, são problemas complexos que devem ser tratados por uma tradição que quer a libertação dos pobres. No momento atual, como citado anteriormente, quase tudo é intencionalmente esvaziado, descartado e transformado em um “caldo cultural”, que se distancia do concreto e se aproxima cada vez mais do virtual, não se sabendo muito bem, nos “ciberespaços”, onde termina o real e começa o virtual.⁸⁶

2.10 AS QUESTÕES DIFUSAS EM MEIO À TRADIÇÃO DE LIBERTAÇÃO

Outro aspecto que tem que ser avaliado é o das questões que ficam difusas na relação comunitária, abstratas e sem uma definição clara. Essas indefinições acabam prejudicando o sentido de coesão que deve ser focado no trabalho pastoral. Leonardo Boff refere-se ao estado difuso, mas enfatiza que “as opções da comunidade cristã pelo povo, pelos pobres e pela libertação não podem ficar no vago e difuso. Devem poder se materializar em práticas que possuem eficácia concreta”.⁸⁷

O enfraquecimento e o fortalecimento das ações no local da pesquisa estiveram associados a uma questão cíclica, tendo-se altos e baixos, e essas discontinuidades causaram um estado confuso nos participantes do Núcleo de Pastoral residentes na comunidade, e o reflexo disso foi sentido na diminuição de participação nos espaços da Igreja Católica. Também, há outras dificuldades encontradas nessa comunidade, visto que tem características mais urbanas no sentido de dispersão e abandono. O texto abaixo mostra a opinião de Pilato Pereira, quando refere-se às especificidades do local, no aspecto da religiosidade:

Nas Ilhas do Guaíba, a situação era outra. O povo, na sua maioria, além de não ter as mesmas raízes de religiosidade, carregava consigo certas

⁸⁶ Cf. A autora, Sherry Turkle, estuda as fronteiras do real e do virtual, onde começam e terminam. E é preciso verificar quais aspectos dessa perspectiva, de “confusão de fronteiras”, estão a nos influenciar (TURKLE, S. *A vida no Ecrã*).

⁸⁷ BOFF, L. *A fé na periferia do mundo*, p. 105.

características típicas de cidades grandes. Era mais difícil organizar esse novo povo, mais urbano, ainda mais sofrido e abandonado.⁸⁸

Em meio a essas discontinuidades, há dispersões e inconstâncias, e estas são questões que devem ser repensadas. É preciso, assim, fazer um intercâmbio com outros núcleos de Pastoral, procurando coletivamente construir fundamentos que balizem e sirvam de referência para comunidade. Tal troca de experiências visa à constituição de estratégias de conhecimento e aprendizado com o outro, a fim de se ter uma concentração de forças para a organização das questões difusas.

Hoje, tornar difusas e superficiais as informações, no geral, é uma estratégia elaborada propositalmente por quem detém o poder e controla a comunicação de massa. Essa prática se dá por meio da manipulação da verdade e é uma forma de controle muito eficaz, levando à coletividade a uma alienação cada vez maior e a um estado de apatia e de passividade, que é algo fundamental para o atual sistema. Tem-se, por conseguinte, um povo domesticado e “liberto” apenas para consumir.

As discontinuidades e as retomadas não podem ser vistas apenas em um sentido negativo, mas também, a partir de um entendimento de que o trabalho de Pastoral passa por um processo de parar e recomeçar, bem como de andar devagar. Esses são aspectos que fazem parte do trabalho de base, e é um processo que ocorre independente da vontade dos agentes de Pastoral.

2.11 A AFIRMAÇÃO DA TRADIÇÃO DE LIBERTAÇÃO

Dentro de toda essa reflexão, um assunto fundamental para qualquer Núcleo de Pastoral é o da transmissão da mensagem do Evangelho, da palavra de Deus que está nas Escrituras e na tradição, nas fontes da Teologia. Não se tem outra forma de se fazer pastoral sem esses pressupostos, e a Igreja só é Igreja a partir de sua tradição.

⁸⁸ PEREIRA, P. *O irmão dos pobres*. Antônio Cechin: uma biografia, p. 125.

A tradição está na raiz da vida de todo o corpo social. A Igreja só pode viver se haurir na tradição sua vitalidade. Não se pode começar sempre da estaca zero. Cada geração constrói-se sobre os ombros da anterior. Isso significa assimilar valores, conhecimentos, realidades passadas da tradição para deslanchar em vista do futuro.⁸⁹

As fontes teológicas, as escrituras e a tradição são referências que se fazem presentes e atuais, através da formação dos religiosos, dos agentes de Pastoral que são os intermediários desses campos de conhecimentos. Quando esse conhecimento é levado para os habitantes da Ilha, são constituídos significados comunitários, dentro deste contexto do pobre, e estabelecidos comportamentos, reforçados valores, gerando, pois, esperanças.

A estrutura básica da Igreja, seja nos sacramentos, na liturgia, na vivência e na prática, é o elemento de ligação e de organização pastoral para ser fazer frente à realidade adversa. Constitui-se um caminho de duas vias, o pobre se fortalece na Igreja, e a Igreja se fortalece no pobre. O se fazer presente no lugar escolhido por Deus é uma tarefa da Igreja, e a tradição é que vai dar essa vitalidade.

A troca de experiências em meio aos pobres, ao longo de todo o tempo em que o Núcleo de Pastoral da Região das Ilhas atua, trouxe um acúmulo de conhecimentos para os membros do Núcleo e a comunidade, um trazer e um levar, propiciando uma circulação da “produção” coletiva. Houve uma produção de conhecimento, e ela também começou a fazer parte da tradição cristã.

Os vários agentes, representantes da Igreja Católica Romana, que estiveram em contato com essa comunidade, de uma forma ou de outra, tinham presente a tradição da Igreja, como base de conhecimento a ser colocado em prática. Essa é uma forma de militância, uma tradição, mas, com métodos diferenciados para interpretar e ver o lugar teológico. Destaca-se que é preciso aplicar o conhecimento das fontes teológicas na comunidade. Nesse sentido, para Ricoer, “toda tradição vive graças à interpretação. É a esse preço que ela dura, quer dizer, permanece viva”.⁹⁰

A ordenação dos fragmentos é uma meta a ser alcançada através do trabalho de Pastoral, formando-se, por conseguinte, uma coesão em torno do Evangelho. O

⁸⁹ LIBANIO, J. B. *Teologia da revelação a partir da modernidade*, p. 413.

⁹⁰ RICOER, P. *O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica*, p. 27.

Evangelho, como referência central, transmite todo um conteúdo de bondade, de esperança e de força para mudança, traduz-se em força para os pobres, em suas lutas diárias, na busca do pão do corpo e da alma.

Assim, o desafio de fazer a conexão da mensagem evangélica, no sentido da libertação ao desconexo e ao antirreino, é uma atribuição pastoral, orientando e mostrando o caminho que é Jesus Cristo, que deve ser seguido e que, para esse seguir, vai exigir transformações para um novo caminho que deve ser organizado, o renascer em Jesus Cristo. É esse um dos fundamentos básicos de toda a tradição cristã, e esta somente poderá se firmar, quando estiver voltada à libertação.

2.12 O DIÁLOGO DA TRADIÇÃO DE LIBERTAÇÃO COM AS ORGANIZAÇÕES JÁ EXISTENTES

No espaço do lugar social do fenômeno, existem formas de organizações diferenciadas, e, muitas vezes, quem as olha de fora vê somente a desorganização. Todavia, existem formas de organização que não se enquadram em determinados formatos que já estão preestabelecidos pelos que vêm de fora, com os seus modelos pré-concebidos de organização.

Ainda, nos dias de hoje, percebe-se uma dificuldade do diálogo com a diversidade dentro da própria Igreja. Determinadas pautas da Pastoral não vão ser importantes para a comunidade, já que não estão centradas no que a sociedade está clamando. O fato de não serem dadas respostas e de o diálogo ser fechado acaba trazendo um isolamento da Igreja no que se refere às questões históricas e socioculturais da Igreja. É necessário, assim, fazer um contraponto, principalmente aos ataques que diariamente sofre a instituição como um todo.

Não é fácil estabelecer um diálogo com as organizações já existentes, torna-se um desafio constante esse refletir e colocar em prática as questões relacionadas à tradição católica. É um diálogo que tem que ser permanente com as outras religiões e as outras formas de manifestações populares. Neste estudo, foi mostrada, no primeiro capítulo, a relação entre o núcleo de Pastoral da Região das

Ilhas de Porto Alegre e o Clube de Mães da Ilha Grande dos Marinheiros, algo possível e que se constituiu, historicamente, como uma referência. São relações históricas muito próximas e que se cristalizaram no espaço e no tempo, mas que devem, nesse momento, ser repensadas. É crucial que se reflita em relação às fronteiras, que sejam clareadas as sombras do passado histórico, como forma de organizar o presente, que sejam elaboradas e colocadas em prática as estratégias para aproximação e que se consiga a unidade na diversidade. Segundo Guareschi, “o que se diz do agente religioso vale para a própria instituição histórica da Igreja que, através dos tempos, vai cristalizando-se determinadas relações que são fruto de situações históricas específicas”.⁹¹

O caminho a Deus, a partir do diálogo e da organização em torno do trabalho, é uma forma de estabelecer ações concretas, com o esforço de romper a dominação, a partir da consciência da situação e da força do pobre, do coletor-urbano, planejando-se a resistência e a inversão de situação e assim tencionando no sentido da mudança.

Inúmeras dificuldades conspiram contra a ideia e a prática de dialogar com as diferenças, o que serve tanto para o âmbito interno da Igreja como para o externo.

2.13 SER PERSEGUIDO POR SEGUIR A DEUS

Ser perseguido e até martirizado por seguir a Jesus Cristo toma uma outra dimensão na atualidade. Dar a vida pela causa cristã acaba tendo outros significados, uma vez que o cristianismo, no ocidente, acabou tornando-se a religião da maioria, bem diferente de Roma há 2000 anos atrás. Inclusive, em muitos estados nacionais, ao longo da história, essa foi a religião oficial, a exemplo do Brasil. Ainda existem exceções, no que concerne aos sacrifícios individuais na luta pelo cristianismo, que são os grandes mártires, como Dom Oscar Romero e Ignácio de Ellacuria aqui na América Latina, que foram ao limite do sacrifício humano. Eles deram as suas vidas em nome da causa da Igreja, assim como Jesus Cristo.

⁹¹ GUARESCHI, P. A. *Sociologia crítica*, p. 84.

Lutaram contra a dominação, ficaram ao lado dos pobres, dos excluídos, foram perseguidos pela causa que escolheram, ficaram ao lado de Deus e de seu povo. Conforme Sobrino, “segundo o Evangelho de João, portanto, toda a vida de Jesus é balizada pela perseguição. Isso não é acidente casual no final de sua vida, mas, uma realidade típica já desde o começo”.⁹²

O povo de Deus sendo perseguido é uma característica presente na história cristã, e essas perseguições começaram antes de Cristo, no Antigo Testamento. Elas ficaram ilustradas em inúmeras passagens narradas e que se intensificam no tempo de Jesus e após a sua crucificação. Na atualidade, um exemplo dessa perseguição está na figura do coletor-urbano, que é perseguido, por buscar a Deus, a partir do trabalho. Diariamente, procura, em sua profissão de fé, forças para suportar a sua cruz. No seu sofrer, em suas humilhações, torna presente o caminho do gólgota, e a história do cristianismo vai demonstrar que houve inúmeros crucificados que deram a sua vida pelo ideal, pela sua fé e por acreditarem na mudança.

2.14 OS DIFERENTES TEMPOS DA ILHA

As atividades, realizadas nessa comunidade, foram feitas no espaço das Ilhas e em um tempo. O estudo aqui realizado está relacionado às idas e vindas ao local, uma circularidade, um momento da história que, desde 1988 até os dias de hoje, continua produzindo significados profundos no conjunto das relações com os outros participantes do Núcleo de Pastoral e com a comunidade das Ilhas de Porto Alegre em geral. Houve uma participação no espaço de vida de muitas pessoas, nos seus tempos e em suas esperanças. O Nobel de Química, em 1977, Ilya Prigogine, é um dos grandes pensadores sobre as questões do tempo e do caos da atualidade e explica que “a questão do tempo e do determinismo não se limita às ciências, mas está no centro do pensamento ocidental desde a origem do que chamamos de racionalidade e que situamos na época pré-socrática”.⁹³

⁹² SOBRINO, J. *Ressurreição da verdadeira igreja*. Os pobres, lugar teológico da eclesiologia, p. 239.

⁹³ PRIGOGINE, I. *O fim das certezas*. Tempo caos e as Leis da natureza, p. 14.

Durante todo esse período, no qual transcorreu o fenômeno aqui estudado, houve a participação direta do pesquisador junto aos agentes de Pastoral, e o próprio pesquisador sempre fez esse trabalho, o seu tempo individual misturou-se a muitos outros tempos dentro de um espaço – foi um “flash” perante a eternidade. Como já mencionado, o Núcleo de Pastoral foi idealizado e estruturado a partir de um conjunto de fatores que teve como principal mentor o Irmão Marista Antônio Cechin e a sua Irmã Matilde Cechin, que tiveram e ainda têm todo um arcabouço teórico de experiências teológicas, com aprofundamentos significativos no que se refere à organização de comunidades em situação de vulnerabilidade social, que é o caso da Ilha dos Marinheiros e Pavão. No entanto, esse tempo, desde a sua origem, vem passando, e é sobre ele e a sua relação com o lugar que é importante refletir, para poder também entender esse lugar social, em um tempo social.

Além do Irmão, outras pessoas, ligadas à Igreja, estavam diretamente envolvidas no processo de formação e manutenção do Núcleo de Pastoral, como agentes externos, todos com formações baseados na organização de comunidades, na Teologia da Libertação. O fenômeno em estudo tem uma origem, e, a partir dela, estabeleceu-se um espaço, uma delimitação, um território para ser cultivado e para se levar a palavra de Deus em um tempo que ainda está em curso.

Nesse espaço de tempo, vários assessores interagiram junto e a partir do Núcleo, estabeleceram uma rede de relacionamentos e participaram das atividades dos coletores-urbanos, nos planejamentos e na constituição de uma disciplina interna, um regramento dos horários, ou seja, a organização dos tempos individuais em um tempo coletivo no espaço de trabalho.

Através das intenções específicas dos agentes de Pastoral, estabeleceu-se um direcionamento em comum, de fazer uma Pastoral e estabelecer um espaço e um tempo cristão junto aos pobres da região. A cristalização desse trabalho está no Santuário de Nossa Senhora Aparecida, na Ilha Grande dos Marinheiros, na Capela Nossa Senhora da Conceição e na Comunidade Nossa Senhora dos Pobres. Esses espaços ocupam uma parte do território comunitário e passam a fazer parte da vida das pessoas que circulam diariamente nesse local.

Podemos, nesse terreno circunscrito do tempo, aprofundar os significados no sentido e na intencionalidade da formação do fenômeno. Nessa abordagem, temos

um autor que consegue, em termos das ciências humanas, trazer a situação que envolve o tempo. Existe, no estudo de Norbert Elias, um conjunto de articulações teóricas que possibilitam um aprofundamento em um campo interpretativo no significado do tempo do fenômeno em curso:

Ao examinarmos os problemas relativos ao tempo, aprendemos sobre os homens e sobre nós mesmos e muitas coisas que antes não discerníamos com clareza. Problemas que dizem respeito à sociologia e, em termos mais gerais, às ciências humanas que as teorias dominantes não permitiam apreender, tornam-se acessíveis.⁹⁴

Essa afirmação do autor de que, ao examinarmos os problemas relativos ao tempo, aprendemos sobre os homens e sobre nós mesmos, é algo que vai ao encontro do contexto aqui apresentado no que diz respeito às relações que se estabeleceram ao longo desse espaço de tempo, desde as observações realizadas em 20 anos, até a relação dos tempos individuais entre os atores externos e internos.

Nesse conjunto de relações estabelecidas, de fato, aprendemos muito sobre os outros e principalmente sobre nós mesmos, e, nos vendo nos outros, percebemos as mudanças, o movimento do tempo e a transformação do espaço. Os tempos individuais são fatores importantes para o entendimento da complexidade que envolve o Núcleo de Pastoral.

Vivemos hoje presos ao espaço e tempo, pelas estruturas de dominação que regulam as nossas vidas, um tempo social, uma tirania do momento, uma manipulação na direção do consumo, para a satisfação do “deus mercado”, o tempo é, portanto, controlado e direcionado ao consumo. Nesse sentido, Baumann ressalta o seguinte:

Nem o aprendizado ou o esquecimento podem escapar do impacto da “tirania do momento”, auxiliada e instigada pelo contínuo estado de emergência e do tempo dissipado numa série de “novos começos” heterogêneos e aparentemente (embora de forma enganosa) desconectados. A vida de consumo não pode ser outra coisa senão uma

⁹⁴ ELIAS, N. *Sobre o tempo*, p. 86.

vida de aprendizado rápido, mas também precisa ser uma vida de esquecimento veloz.⁹⁵

O tempo, despendido no convívio com o Núcleo de Pastoral pelo pesquisador, é o de um passado, mas que há atuação no presente. Está, por conseguinte, relacionado às imagens passadas de um fenômeno que está transcorrendo há 22 anos e que ainda continua acontecendo e influenciando o conjunto das relações.

O fenômeno foi se constituindo em uma dinâmica, tomou forma e ocupou um espaço dentro de um tempo e é algo que suscita uma profundidade interpretativa. Pode ser o tempo do instante, que não se sabe bem qual é a sua fronteira, do passado, presente e futuro, se manifestando no agora.

Várias maneiras subjetivas, interativas e mesmo virtuais de apreender o que está acontecendo aconteceram nesse local, onde o tempo foi o elo de ligação, que pôde aproximar ou distanciar fatos, que estão ocorrendo, já ocorreram ou mesmo vão ocorrer.

O acontecimento e a existência do fenômeno do Núcleo de Pastoral da Região das Ilhas de Porto Alegre, por si só, são mostrados em termos de entendimento em um conjunto de leis físicas. Contudo, o entendimento de um Núcleo de Pastoral, que trata da espiritualidade e dos mistérios divinos, precisa de um nível de profundidade bem além daquele meramente material das impressões de um lugar e um tempo físico.

O fenômeno ocupa um espaço e um tempo histórico em um contexto de situações que possibilitam a sua visualização quanto à razão. Entretanto, existe um tempo de Deus, que não pode ser percebido somente pela razão, e a noção desse tempo se dá somente através da fé, da graça de Deus e dos sinais, nos quais podemos perceber a sua ação.

Nesse tempo divino, vê-se o processo de libertação das pessoas acontecendo, dos pobres se engajando na luta para a melhoria do coletivo.

⁹⁵ BAUMANN, Z. *Vida para consumo*. A transformação das pessoas em mercadoria, p. 124.

2.15 A CRUZ DOS COLETORES URBANOS

A cruz, como o símbolo máximo, que nos mostra o caminho, que nos abre os olhos para visualização das dificuldades exigidas do cristão, demonstra-nos o sentido da nossa existência em direção à salvação. Dá-nos, assim, a certeza da vitória em Jesus Cristo que venceu tudo, principalmente, a morte, através da Ressurreição.

Em meio a muitos símbolos, a significados que se misturam no caos da aparente ausência de Deus, surge a Cruz como a indicação salvífica. No gólgota, Jesus Cristo traz para si o mal do mundo. A Cruz, como símbolo de libertação, da morte à Ressurreição, é o significado máximo da demonstração do amor de Deus por nós. De acordo com Jon Sobrino, “a cruz de Jesus diz, de maneira crível, que Deus ama os homens, que Deus pronuncia uma palavra de amor e salvação e que Ele mesmo se diz e se dá como amor e como salvação”.⁹⁶

Construir a Cruz, como exemplo do Santuário Nossa Senhora Aparecida na Ilha Grande dos Marinheiros e colocá-la no alto, como referência comunitária, foi uma tarefa árdua, difícil, que exigiu muitos sacrifícios, mas hoje Ela está lá, para demonstrar a essa comunidade que Deus está presente, que sofreu e desceu dela para viver com os pobres. Isso constitui-se um contraste permanente entre a situação de vida e morte.

Ao edificar essa Cruz, em meio aos símbolos que representam o pecado, o mal do mundo, as drogas, a violência, a miséria, a discriminação, estabeleceu-se o espaço de Pastoral. Os organizadores do Núcleo de Pastoral das Ilhas de Porto Alegre fizeram uma montagem de um quebra-cabeça, juntando as partes em meio à desorganização. Mesmo que os objetivos esperados não tenham sido atingidos em sua plenitude, fez-se o possível para que assim o fossem. É nesse espaço, do que foi realizado, que está a vitória do Núcleo de Pastoral da Região das Ilhas de Porto Alegre, o de ter contribuído para a libertação dos pobres de suas cruces. Nesse sentido Sobrino salienta o seguinte:

⁹⁶ SOBRINO, J. *Jesus na América Latina* – Seu significado para a fé e a cristologia, p. 223.

A partir dos crucificados da história, sem pactuar com suas cruzes, é que se deve anunciar a ressurreição de Jesus. Neles está hoje presente Jesus; no serviço deles, se torna presente hoje o senhorio de Jesus; na teimosia em não pactuar com suas cruzes e buscar sempre a libertação destas cruzes se faz *in actu* e de maneira histórica a esperança inamovível.⁹⁷

A Cruz passou a fazer parte da vida cotidiana dessa comunidade e está lá a transmitir uma mensagem, definindo um território e, mesmo que a maioria das pessoas que por lá circulam não entenda o porquê de sua presença, Ela está nesse espaço, representando algo muito maior. A presença da Cruz vai ser percebida e reconhecida como sendo um local que irradia bondade e solidariedade, as quais são demonstradas concretamente através das ações que foram e são realizadas nesse espaço do Santuário Nossa Senhora Aparecida pela Pastoral.

O circular da Cruz e da imagem de Nossa Senhora das Águas nas procissões, missas e reuniões estabeleceram o espaço da sacralidade, da mística, do “local onde mora Deus”. Segundo o entendimento de moradores, aos serem perguntados sobre onde mora Deus, responderam que ali, no Santuário. É uma resposta objetiva que, em um primeiro momento, já situa e localiza um espaço para Deus dentro do espaço comunitário.⁹⁸

Com toda essa amplitude teórica sobre essa temática que a Teologia traz, na reflexão de onde Deus está, surgem essas respostas aparentemente simples, de pessoas humildes e pobres que trazem um profundo conteúdo de referência de espaço, em que o Santuário e a Cruz representam o sagrado, aquilo que deve ser respeitado.

⁹⁷ Ibidem, p. 229.

⁹⁸ Cf. SOBRINO, J. *Jesus na América Latina* – Seu significado para a fé e a cristologia, p. 220-221, “A correlação entre ressurreição e crucificados, análoga à correlação entre reino de Deus e pobres, que Jesus pregou, não significa desuniversalizar a esperança de todos os homens, mas encontrar o lugar correto de sua universalização. Este lugar, o mundo dos crucificados, não é um excepcional ou esotérico. Não podemos esquecer a cruz de Jesus, antes de ser cruz – linguagem a que nos acostumamos – é uma cruz entre muitas outras antes e depois de Jesus. Não podemos esquecer que hoje são milhões no mundo os que não simplesmente morrem, mas que, de diversas formas, morrem, como Jesus, “nas mãos dos pagãos” nas mãos dos modernos idólatras da segurança nacional ou da absolutização da riqueza”.

A Cruz organiza um mosaico simbólico, juntam-se as peças de uma janela que se abre para dentro do fenômeno através dela, na sua forma determinada, que dá ordem à confusão, que organiza o caos, que dá um sentido à vida que se contrapõe ao mundo de hoje, que esvazia a vida. A cruz, que representa a revelação, que se manifesta na realidade da vida humana, no concreto da tradição milenar de libertação, desafia as fragmentações contemporâneas. Logo, a força da tradição da libertação, por meio da Cruz, mostra o caminho da salvação.

A Cruz é a referência que nos norteia e a possibilidade de visualização do futuro, entretanto é, na força concentrada do passado, que devemos buscar as energias para as mudanças do presente. A Cruz vem nos sinalizar o caminho do que deve e do que não deve ser feito, e o único caminho seguro é aquele que tem Jesus Cristo como guia. Ele próprio afirma que ninguém vai ao Pai, se não for por ele, e a Cruz é o símbolo que sintetiza essa outra dimensão, do que está por “trás da cruz” e que somente vai se manifestar, conforme a nossa fé.

A Cruz, enquanto bússola e chave que nos leva à eternidade, é alfa e ômega nessa nossa passagem no mundo e deve acompanhar o cristão do berço ao túmulo. No batismo, ali está a Cruz presente e, no nosso velório, ela também vai estar.

A Cruz, no Santuário Nossa Senhora Aparecida, faz refletir sobre o povo que é crucificado diariamente na sua atividade de trabalho, no seu modo de ser e no local onde vive.

Os coletores-urbanos estão entre os milhares de pobres que são crucificados nos dias atuais. Para Sobrino, o que a Cruz diz, em linguagem humana, é que nada na história colocou limites à proximidade de Deus aos homens.⁹⁹

2.16 O MOSAICO

Nessa imersão teológica e antropológica, nesse espaço e nesse tempo, estabeleceu-se todo um pulsar inconsciente que acabou dando uma “vida” própria ao estudo. O texto fala das vidas e passa a ser parte dessas vidas na amplitude do

⁹⁹ SOBRINO, J. *Jesus na América Latina: seu significado para a fé e a cristologia*, p. 222.

fenômeno e, na avaliação do pesquisador, é a inspiração divina do Espírito Santo atuando.

Neste estudo, em um sentido de encaminhar o término deste capítulo e a preparação para a próximo que vai tratar da prática, estabeleceu-se um símbolo na forma de sintetizar e exemplificar este estudo e se escolheu o “mosaico”, como uma maneira de gravar, figurativamente, as impressões sobre o fenômeno, daquilo que foi possível ser visualizado e refletido.

Registrou-se o movimento das pessoas que atuaram e atuam nesse fenômeno, através da gravação das impressões, em um mosaico, possibilitando a visualização da complexidade, a partir de uma configuração aparentemente simples, porém, profunda, uma vez que representou a história de muitas vidas.

Por meio das gravações, foram feitos registros, ficando o entendimento desses, restrito aos nossos sentidos. Esse ato contínuo do registro dos fenômenos foi, muitas vezes, enigmático e oculto. Ao longo do avanço metodológico, portas fechadas foram se abrindo, conforme Deus foi permitindo, e essa permissão de conhecer, paulatinamente, os mistérios que envolvem o fenômeno aqui estudado foi acontecendo a partir da fé e da ação prática em torno do trabalho de Pastoral.

Por meio dessa fé em Jesus Cristo, surge o encontro das chaves e a consequente abertura de determinadas portas, e o desafio que se estabelece a partir daí, qual seja, o avançar no caminho, propiciado por essas aberturas de portas. Nesse sentido de abertura, há uma visualização melhor do campo a ser analisado e surgem novas perspectivas.

Caminhar para dentro do fenômeno, no início, é como entrar em uma floresta à noite, sem conhecê-la, com os seus perigos e a sensação de se estar perdido. Porém, conforme vem o dia, ao entrar na mesma floresta, a partir da luz do sol, muitas coisas que não foram vistas vão aparecer, como os caminhos, as trilhas e os pontos de referência que vão ser visualizados, possibilitando, quando se entra novamente nela, mesmo que à noite, um sentimento de segurança e conhecimento do caminho. O fenômeno aqui estudado, portanto, vai se abrindo a partir da luz de Deus, Ele é a luz, o guia que nos conduz nessa floresta escura.

Em um contexto de muitas chaves e portas, algumas se abriram, porque as tentativas, embora difíceis, assim o permitiram, e outras não, por não terem condições de serem abertas naquele momento. Nessas aberturas e fechamentos, nessas idas e vindas, construiu-se a articulação de situações concretas que estabeleceram um determinado resultado em termos da organização dos coletores-urbanos, aqui estudado.

As palavras e a escrita expressam, dentro de um formato, os nossos pensamentos, possibilitando nos comunicar com os outros, da mesma forma que as palavras têm o poder de organizar o universo. Um conjunto de outros símbolos também tem que ser organizado, para que possa ser inteligível pelos nossos sentidos. Segundo Ullmann: “as palavras, todas sem exceção, são, de certa forma, mágicas, porque têm o poder de organizar o universo e de revelá-lo ao homem”.¹⁰⁰

Para se ter um entendimento razoável dos movimentos exercidos dentro do fenômeno, foi necessário cristalizar, pelo menos simbolicamente, o espaço e o tempo, como em um filme real, que organiza várias imagens.

O registro através das imagens dos vários momentos do Núcleo de Pastoral, dos diálogos, reuniões, discussões, trabalhos, futebol, churrascos, alegrias, tristezas, nascimentos, trabalhos, doações, frustrações, felicidades, compensações, liberdades, enfim, pulsares de vida.

“Congelou-se” figurativamente o tempo e o espaço, em uma imagem de um mosaico, a fim de poder trazer para o nível do racional e da fé um entendimento na forma de estruturação e apresentação desta dissertação. As impressões, na pedra, ou no papel, são os registros dos dias e das horas vivenciados nessa comunidade. Da mesma forma que os nossos antepassados deixaram as suas impressões gravadas em pedras ou pergaminhos, hoje, gravamos as nossas impressões em papel ou em arquivos eletrônicos, porém uma questão é comum a todos: a de que é, através desses registros, que vamos deixar o nosso legado para aqueles que ainda estão por vir.

¹⁰⁰ ULLMANN, A. R. *Antropologia cultural*, p. 135.

3 DEUS NA PERIFERIA DO MUNDO: O PESQUISADOR E A PRÁXIS

A interpretação do fenômeno aqui estudado teve como referência inicial o relato de campo (diário) feito pelo pesquisador ao longo de sua convivência no Núcleo de Pastoral da Região das Ilhas de Porto Alegre. Neste relatório, na primeira seção está registrado o ato de ver; na segunda, a mediação, a reflexão na perspectiva de dar um sentido teórico ao fenômeno; e, na terceira, a atualização deste relatório de campo, com ênfase na narração da práxis pastoral.¹⁰¹

A estruturação teórica possibilitou organização da ação. Voltando-se ao tempo em que este fenômeno começou a corporificar-se através dos fatos, foi planejado e colocado em prática um conjunto de ações, organizadas no sentido da potencialização do Núcleo, através de etapas. No começo deste estudo acadêmico e com a consequente qualificação do pesquisador, foi possível ver o fenômeno a partir de outra ótica, uma vez que, até então, a participação realizada pelo pesquisador estava centrada apenas na prática, do fazer, sem uma metodologia com base científica, e esta dissertação serviu como um organizador de ações.

As articulações potencializadas, em que os sujeitos movimentaram-se, foram feitas com o objetivo de constituir uma estratégia, um acordo, para a melhoria das condições de vida da comunidade dos coletores-urbanos, bem como do restante da população. Nesse espaço, o das Ilhas de Porto Alegre, em um tempo de mais de vinte anos, foram delimitados tanto o território a ser estudado, quanto as fronteiras, em que o sujeito, muitas vezes, confundiu-se com seu objeto, fazendo parte direta do fenômeno¹⁰².

O caminho percorrido, que envolveu observações, interpretações e práticas, constituiu-se em um instrumento metodológico, utilizado pelo pesquisador para o

¹⁰¹ A *práxis*, na transformação das situações estabelecidas, é um conceito fundamentado no materialismo histórico de Karl Marx. É a dinâmica da transformação, da preparação da organização para mudança.

¹⁰² Nessa etapa da pesquisa haverá, no que se refere à questão hermenêutica que envolve o sujeito e o objeto, uma aproximação ainda maior do pesquisador.

entendimento do contexto fenomênico. Já que o conjunto de fatos e de situações era complexo, houve um detalhamento histórico mais apurado, para possibilitar a visualização e o entendimento desse lugar teológico, lugar do pobre, do coletor-urbano, o lugar social, onde se dão as relações da vida cotidiana desses milhares de excluídos, sendo a região das Ilhas apenas uma amostra dessa realidade.

Foi constatada também, na complexidade que envolve o fenômeno, uma diversidade de situações e variáveis, com grandes amplitudes, que precisaram ser estruturadas a partir de uma metodologia que conduzisse a um foco, para que se conseguisse chegar a uma *práxis*. Era preciso uma teoria que viesse ao encontro do que realmente o pobre, o coletor-urbano, estivesse necessitando. Foi utilizada, assim, uma teoria participativa e polêmica das Ciências Sociais que é a pesquisa-ação, que tem, entre os seus fundamentos, justamente a participação popular e uma atuação direta do pesquisador. Assim, toda a sua estruturação, enquanto pesquisa, se dá desde o início até o fim com os pesquisados, e aqui, neste estudo, construída em conjunto com os membros do Núcleo de Pastoral.

Nesse potencializar de movimentos, foi se estabelecendo e fundamentando um processo desencadeador de ações, por meio da metodologia da pesquisa-ação. Constituiu-se um caminho eficaz, para se tratar e construir uma interação e uma *práxis* junto àqueles que habitam o local. Essa dinâmica de aplicação teórica e prática deu-se mediante a articulação entre a pesquisa-ação e o método teológico *ver, julgar e agir*, procurando-se, assim, definir uma aproximação científica da Teologia e das Ciências Sociais. O teólogo, enquanto potencializador de mudança, visa à libertação. De acordo com Boff.

Também a teologia é chamada a cumprir o imperativo evangélico da “opção pelos pobres”. Isso implica num determinado compromisso do teólogo com o mundo dos pobres. Só embreada na vida do povo, sua teologia será efetivamente libertadora.¹⁰³

A pesquisa-ação, associada à metodologia da Teologia da Libertação, é realizada para organizar o agir em um primeiro momento, para constituir a resistência na articulação de forças e, ao mesmo tempo, tencionar para que o

¹⁰³ BOFF, C. *Teologia e prática: teologia do político e suas mediações*, p. 36.

Núcleo de Pastoral viesse a se tornar o centro, o polo irradiador da mensagem cristã nessa região. Inseriu-se, o pesquisador, por conseguinte, no contexto da diversidade observada, ou seja, na comunidade. Esse movimento se deu para um fortalecimento da estrutura, objetivando a própria sobrevivência.¹⁰⁴

Foram vários os movimentos históricos, muitos sacrifícios realizados para que o Núcleo fosse o polo de referência espiritual e material da comunidade, e a manutenção deste trabalho ocorreu ao longo dos anos, sendo essa a principal e permanente ação do Pastoral.

Thiollent salienta a importância de o pesquisador e pesquisado estarem presentes em um sentido cooperativo e solidário, a fim de que se consiga os resultados esperados para os problemas:

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.¹⁰⁵

A seguir, são apresentadas as ações de hoje, em 2012.

3.1 O HOJE, A PARTICIPAÇÃO E AS AÇÕES: 2012

Uma vez iniciado este estudo, definindo-se a sua metodologia no segundo semestre de 2011, o pesquisador começou a organizar uma sequência de reuniões em conjunto com os coletores-urbanos mais próximos ao Núcleo de Pastoral. Fez-se, portanto, uma pesquisa histórica das suas trajetórias como indivíduos e as suas relações junto ao coletivo e sobre quais as suas perspectivas e disponibilidades para participar do planejamento de uma ampla estratégia de mudanças em relação às situações problemáticas que estavam a lhes atingir.

¹⁰⁴ A pesquisa-ação disponibiliza ao pesquisador uma eficaz metodologia que oportuniza um processo de pesquisa democrático, no qual a participação dos envolvidos na pesquisa na perspectiva de mudanças é o foco principal.

¹⁰⁵ THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*, p. 14.

As reuniões iniciaram por meio do relato das experiências trazidas pelos que há mais tempo habitavam a comunidade e como que se vincularam ao Núcleo de Pastoral e ao Galpão de Reciclagem. Todo esse trabalho se deu a partir do Núcleo de Pastoral, e foram buscadas, em passagens bíblicas do Antigo e Novo Testamento, elementos para reforçar as falas e a condução das reuniões, como, por exemplo: a questão do Êxodo (cf. Ex. 13, 17), do povo de Israel que foi libertado por Deus. Nossa intenção era mostrar que Deus não aceita o aprisionamento de seu povo e dá vários sinais para esta transformação. Mostrou-se também, através dessa passagem, o empoderamento de Moisés para ser o mediador da libertação do seu povo.

Em relação ao Novo Testamento, foi organizado um estudo, salientando a vida de Jesus Cristo e de seus exemplos, aprofundando-se pontos que destacassem que Ele nos trouxe a única e verdadeira libertação. Foram escolhidas passagens e palavras, para se construir uma mudança, baseada em uma tradição de libertação. As passagens foram articuladas, para o desencadeamento de posicionamentos críticos em relação às situações vivenciadas diariamente pelos coletores-urbanos. A estratégia de qualquer movimento de organização tem que passar pela construção da libertação coletiva.

Libertação é o grito dos oprimidos e a estratégia de sua ação. Não se faz necessário recordar os dados que acusamos graus de marginalização e pobreza das imensas maiorias dos povos, periféricos e ideologicamente qualificados de subdesenvolvidos.¹⁰⁶

Os horários das reuniões foram previamente combinados: Ocorriam uma ou duas vezes por semana, nas segundas-feiras à tarde e nas sextas-feiras pela manhã alternadamente, uma vez que, nesse dia, normalmente se fazia o pagamento aos trabalhadores no Galpão de Reciclagem da Ilha Grande dos Marinheiros. Também esse era o momento da partilha, que não tinha uma definição rígida. Havia variações, já que as reuniões com o grupo, que duravam em torno de trinta minutos, eram realizadas semanal ou quinzenalmente. Nas reuniões de abril e maio de 2012, uma pauta que esteve presente nas discussões estava centrada no Projeto ECOPROFETAS, coordenado pelo Irmão Antônio Cechin, financiado pela Petrobrás,

¹⁰⁶ BOFF, L. *A fé na periferia do mundo*, p. 58.

com apoio da CUT.¹⁰⁷ Nessa pauta, as conversas estavam focadas na aplicação dos recursos do Projeto, na melhoria da infraestrutura do Galpão e nos futuros investimentos desse projeto. A partir dessas discussões, o Galpão recebeu um novo elevador para carga, constituindo-se uma importante conquista.

As conversas também tratavam acerca de temáticas relacionadas ao cotidiano de trabalho, à forma como os resíduos estavam sendo entregues pela empresa terceirizada do DMLU, como estavam sendo efetuados os vencimentos, à relação com as parcerias: Poder Público, empresas privadas e ONGs.

O momento de espiritualidade era realizado a partir de uma mística, um momento de reflexão e um diálogo. Por exemplo, refletia-se como estavam sendo realizadas as missas, os batizados, bem como, participação ou não das pessoas da Ilha.¹⁰⁸

Para o pesquisador, ficou a tarefa de estudar conteúdos que subsidiassem a articulação de uma tática que possibilitasse um enfrentamento do Poder Público municipal, que é o responsável pela gestão dos resíduos. Isso foi um exercício para a preparação das lutas maiores, que ainda estão por vir, referentes à habitação e retirada efetiva das carroças e dos carrinhos das ruas de Porto Alegre.

Nas reuniões com o grupo, foram discutidos, inúmeras vezes, os seguintes assuntos: como melhorar o ambiente de trabalho e implantar uma dinâmica de ação contínua no sentido da manutenção da limpeza interna e no entorno do Galpão. Essa ação se efetivou, e ficou definido que haveria um rodízio entre os associados, para fazer essa manutenção interna e externa do Galpão. Essa foi uma vitória no sentido da apropriação e organização do espaço e, principalmente, de conquista de uma autonomia frente ao Poder Público, uma vez que era o DMLU que fazia essa limpeza e a manutenção desse espaço.

Nas reuniões, houve relatos que valorizaram essa nova postura de conservação e de emancipação do grupo. Há, aproximadamente, 10 anos, existia uma presença intensa do setor público nas atividades do Galpão de Reciclagem da

¹⁰⁷ CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES (CUT). *Informativo eletrônico da CUT*. Disponível em: <www.cutrs.org.br/projeto-caminho-da-aguas-beneficiara-catadores/>. Acesso em: 12 abr. 2012.

¹⁰⁸ Na maioria das reuniões com o grupo de coletores, a mística era organizada historicamente pela Matilde Cechin.

Ilha Grande dos Marinheiros. Porém, essa situação, com o passar dos anos e devido à nova configuração ideológica na gerência do DMLU, foi diminuindo intencionalmente.

Em junho de 2012, constata-se a ausência do Poder Público no Galpão. Em visitas recentes aos Galpões de Porto Alegre, o que se viu foi um completo estado de abandono na maioria dos 18 Galpões.

Constatou-se esse desmonte no Galpão da Ilha, fato também percebido pelo Projeto ECOPROFETAS, do Irmão Antônio Cechin. Conforme o seu próprio relato, este estado de abandono também está acontecendo em outros galpões de Reciclagem da Cidade de Porto Alegre.

Em termos de organização de ações para pressionar o poder executivo de Porto Alegre, foi organizada uma série de reuniões preparativas para um enfrentamento e inclusive atos públicos na frente da Prefeitura, cuja pauta que ainda está sendo construída é relativa ao aumento do repasse de R\$ 2.500,00 ao Galpão da Ilha Grande dos Marinheiros e a todos os outros galpões de Porto Alegre.

3.2 A ERGONOMIA: AS DIFICULDADES DO GRUPO

Dando continuidade às ações internas do Galpão de Reciclagem junto ao Núcleo de Pastoral, focou-se, no mês de março de 2012, na questão da saúde do trabalhador. As passagens e as discussões ficaram centradas no compromisso cristão que não pode ficar passivo às dificuldades de seus irmãos, em um estado contemplativo, vendo o sofrimento e a dor do outro. Jesus Cristo deixou vários exemplos de compaixão e solidariedade. Curou inúmeras pessoas de várias enfermidades. É claro que não podemos nos comparar a Ele, mas, dentro das nossas limitações, temos o dever de auxiliar todos aqueles que sofrem. Esse é um fundamento básico que serve para qualquer núcleo de pastoral, a busca da cura do corpo e da alma.

Um dos aspectos de maior vulnerabilidade dos pobres é a saúde, isto é, as dificuldades de atendimento e tratamento para quem não tem dinheiro são muito

grandes no Brasil, e a Ilha Grande dos Marinheiros é um exemplo desse descaso com a população. No Brasil, temos uma medicina de qualidade, voltada para os ricos, que têm bons planos de saúde privados e atendimentos particulares. Entretanto, a luta dos trabalhadores, dos pobres e da população, como um todo, tem que ser no sentido de receber um atendimento público de qualidade quanto à saúde, através do fortalecimento do SUS, que é o sistema de atendimento da maioria da população brasileira.

Mesmo com todas as carências de recursos e o sucateamento que vem ocorrendo nas sucessivas administrações políticas no que se refere à saúde pública no Brasil, o SUS é uma referência mundial de tratamento universal e gratuito. Contudo, o sistema pode se tornar mais eficaz, e mais adequado na construção coletiva e solidária para a superação da lógica neoliberal em relação à saúde. A saúde não pode, portanto, ser tratada como mercadoria.

Nas reuniões, várias vezes, foi trazida, por parte do grupo, a questão que envolvia as dificuldades no trabalho e na rotina diária dos trabalhadores do Galpão, no que diz respeito às posturas e formas desenvolvidas por eles. Essas formas de trabalho estabeleceram uma postura própria, adaptada a cada indivíduo e que teve influência no coletivo, principalmente na disposição dos materiais, dos resíduos sólidos. As atividades de classificar, prensar e organizar a produção e o transporte dos fardos sempre foram tarefas difíceis e braçais, mesmo com as prensas e os elevadores para facilitar esse processo. Destaca-se que essa atividade ainda vai depender muito da utilização de força física.

Quanto à ergonomia, na história do Galpão, no início das atividades por volta de 1989, salienta-se que muitas cargas, oriundas da coleta seletiva, eram feitas pelo DMLU e as de recolhimento, pelo caminhão cedido pelos Freis Capuchinhos. Eram depositadas no chão, o que, de certa forma, prejudicava o recolhimento e a separação dos materiais internamente. Os trabalhadores ficavam com os corpos curvados para realizar essa tarefa, apresentando dores musculares frequentes, oriundas da má postura. Com o tempo, foram criados mais espaços nos cestos, e a maioria dos materiais foi sendo colocada, quase que, em sua totalidade, nesses espaços.

As questões ergonômicas voltaram à pauta, o que é um avanço em termos de discussão interna e também significa um passo à frente para uma ação concreta de organização para a mudança. A postura de como o trabalhador fica nesse espaço durante, no mínimo, oito horas diária é de fundamental importância para a sua saúde.

A maneira como é feita a separação dos resíduos merece destaque, uma vez que houve relatos atuais da dificuldade de se trabalhar em pé por muitas horas ou de se ter que trabalhar curvado, junto aos resíduos depositados no chão. Essa prática havia sido suprimida ao longo do tempo, porém, atualmente, voltou. Durante a permanência no Galpão, observou-se que uma a duas cargas são colocadas no chão, não diariamente, mas, com uma frequência significativa que variava, conforme o número de cargas que são destinadas para o Galpão da Ilha.

Devido às circunstâncias e à carência de recursos na construção dos espaços de trabalho dos galpões, a questão da ergonomia, no início e ainda hoje, não é priorizada, o que é uma falha por parte do Poder Público.¹⁰⁹

Ao longo do tempo, no trabalho de grupo, realizado a partir do Núcleo de Pastoral da região das Ilhas de Porto Alegre, no processo de construção e de organização, tanto do grupo quanto da espacialidade em que esses trabalhadores iriam trabalhar, foram ocorrendo inovações nas disposições e nos ordenamentos existentes desde o início do projeto. Todavia, a forma como é executada a separação dos resíduos ainda está longe de ser ideal.

A atividade dentro do Galpão é insalubre, visto que o trabalhador manuseia os resíduos e permanece em uma postura não adequada para a sua saúde. Há, assim, relatos de doenças, problemas da coluna, dores nas pernas, nos braços e alergias durante e após a jornada de trabalho. Foi falado, nas reuniões de março de 2012, acerca destes problemas, originários da atividade diária. Entretanto, sem um diagnóstico médico mais preciso não é possível afirmar o nível de comprometimento da saúde desses trabalhadores no espaço de trabalho. Compara-se a situação de um trabalhador da área industrial ao coletor-urbano, conforme a Revista Brasileira de Saúde Ocupacional:

¹⁰⁹ O órgão da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, responsável pela construção dos galpões desde 1990 até os dias de hoje, é o DMLU.

Estes comportamentos adquiridos, adaptados de maneira rígida às exigências específicas do trabalho, assemelham-se a condicionamentos generalizados e, por isto, não desaparecem ao término da jornada de trabalho. Eles se manifestam, portanto, na esfera da vida pessoal e das relações, que também se encontra contaminada pelas condições anormais de uso do corpo e do espírito no trabalho.¹¹⁰

Na intenção de minimizar esses problemas e dentro das possibilidades do grupo, se fez um trabalho de conscientização da utilização dos equipamentos de proteção individual e sempre se salientou a importância de serem realizadas paradas, para caminhar, visto que o trabalho sentado gera falta de circulação.

Outra melhoria realizada, a partir das reuniões no que tange à qualidade do espaço de trabalho, foi a retomada de uma prática que ajudava no processo de coleta e separação dos resíduos, que foi a adaptação de ganchos para puxarem os materiais que não podiam ser alcançados pelos braços. Essa iniciativa surgiu a partir dos coletores nas dinâmicas de grupo, realizadas no início do Galpão e que agora foi retomada.

Outro avanço que decorreu da prática de reuniões foi a adaptação de bancos em alguns cestos, iniciativas próprias desses trabalhadores, uma articulação do Núcleo da Pastoral e dos trabalhadores. Essas melhorias parecem ser questões simples, no que se refere a organização e a luta mais ampla dos coletores-urbanos, mas, ao contrário, são de suma importância, visto que está associada à saúde do trabalhador. São avanços que ocorreram que ainda não são os ideais, entretanto foram os possíveis de serem realizados no sentido da melhoria da ergonomia nesse espaço de trabalho.

Para se terminar com o sofrimento do coletor, um longo caminho ainda tem que ser percorrido, de muita resistência e luta para a mudança, contudo medidas para as mudanças pontuais, aparentemente localizadas, vão possibilitando um concretizar de ações bem sucedidas que melhoram a autoestima do trabalhador e servem como referência de luta aos outros.

¹¹⁰ DANIELLOU, F. Ficção e Realidade do trabalho operário. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, n. 68, v. 17, p. 5, dez. 1989.

3.3 UM ATUALIZAR DAS AÇÕES

Nas reuniões, quanto ao resgate histórico realizado coletivamente por parte dos coletores-urbanos, do que foi feito e ainda está sendo realizado, busca-se informar e estabelecer uma comunicação básica entre os membros do grupo, através de diálogos e discussões, pautando-se questões que envolvem as situações locais e os problemas gerais referentes aos coletores-urbanos, ampliando-se e aprofundando a temáticas sobre a situação dos resíduos sólidos no Brasil. Serve como exemplo o relato de como está a situação das associações e da cooperativa de coletores em São Paulo e em Minas Gerais, para se traçar paralelos e comparações, na questão dos valores dos materiais e das formas de organização das associações e cooperativas desses estados, com a realidade dos galpões em Porto Alegre.

A troca de informações permitiu que os membros desse grupo se conhecessem mais profundamente, uma vez que, na rotina de trabalho, estavam muito próximos e distantes, mas não havia tempo para parar a sua rotina e conversar sobre as suas questões e os problemas da comunidade.¹¹¹ Essa dinâmica dava-se através dos relatos individuais, a partir dos quais os trabalhadores refletiam sobre qual o significado de suas participações no espaço de trabalho e a sua atuação no Núcleo de Pastoral. Segundo Michel Thiollent, a pesquisa tem que romper com as questões meramente formais e burocráticas, que, em determinados casos, acontecem na ida a campo. A pesquisa tem que ser propositiva e ativa no sentido de mudança da realidade:

Em geral, a ideia de pesquisa-ação encontra um contexto favorável quando os pesquisadores não querem limitar suas investigações aos aspectos acadêmicos e burocráticos da maioria das pesquisas convencionais. Querem pesquisas nas quais as pessoas implicadas tenham algo a dizer e a fazer. Não se trata de simples levantamento de dados ou de relatórios a serem arquivados. Com a pesquisa-ação, os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados.¹¹²

¹¹¹ A criação de um espaço de aproximação e de afeto entre os participantes do núcleo de Pastoral que trabalham diretamente com os resíduos em uma linha de organização é primordial para a melhoria da produção. O autor que faz um estudo nessa linha de pesquisa é o pesquisador em Psicologia Social, Max Pages, cujo título de sua obra é *A vida afetiva dos grupos*.

¹¹² THIOLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*, p. 16.

Uma pauta importante que vem sendo discutida em nível nacional é a incineração dos resíduos, um sério problema para os coletores-urbanos em Porto Alegre. Assinala-se que há um projeto que propõe a incineração dos resíduos produzidos pela população da cidade, que ocasionará um problema socioambiental¹¹³, e as consequências dessa prática para os coletores urbanos vão ser graves, eis que a maior parte dos resíduos vai ser incinerada, sobrando pouco lixo para os coletores trabalharem. Aponta-se que o material que chega à maioria dos galpões já é de baixa qualidade, como é o caso do Galpão da Ilha Grande dos Marinheiros. Essa incineração não prejudicará apenas os coletores-urbanos, visto que, através da queima desses resíduos, a população de Porto Alegre e da região metropolitana vai ser atingida pelos gases tóxicos, oriundos dessa incineração. Este será, por conseguinte, um forte retrocesso em relação à preservação da vida como um todo.

Esse retrocesso em relação às conquistas do povo brasileiro referente à preservação ambiental vai ser também verificado na alteração do Código Florestal que vai somente beneficiar o agronegócio, através de suas empresas que só visam a lucros. O objetivo prioritário é explorar ao máximo tudo e todos, não importando o fato dos grandes “fornos” poluírem ainda mais o ar da cidade.

No que tange às reuniões com o grupo, na continuidade, foram organizados momentos para que os participantes, que em média nas reuniões ficava em torno de 12, ficassem cientes desses problemas atuais e que, dentro do possível, buscassem, historicamente, fatos e situações que pudessem contribuir para a discussão e proposição de ações para o coletivo. Era preciso que relatassem as suas experiências de lutas no passado e que pudessem ser relacionadas com conjuntura estabelecida nos dias de hoje junto aos coletores e moradores dessa região. Essa era a preparação de uma tática de enfrentamento.

Foram citadas experiências de lutas e resistências no campo na questão agrária, de moradia, de emprego e também mobilizações realizadas nas Ilhas pela comunidade, como ações que ocorreram quando a comunidade trancava a estrada com barricadas, BR-290, com pneus, galhos e pedras, reivindicando melhorias para

¹¹³ INCINERAÇÃO NÃO - Contra a queima de lixo. Disponível em: <www.incineradnao.net/>. Acesso em: 22 maio 2012.

as suas vidas. Essas situações já ocorreram inúmeras vezes. Mais recentemente, em dezembro de 2011, houve uma ação, em função da falta de luz por três dias na Ilha Grande dos Marinheiros e Pavão.

Outra proposta de ação concreta, realizada na atualidade, a partir das reuniões com o Núcleo de Pastoral, foi a visita dos membros da Pastoral às casas das famílias frequentadoras das atividades que haviam deixado de participar no Núcleo. Foram visitadas, inicialmente, oito famílias, de preferência, as que tinham relação tanto com o Galpão quanto com as carroças. As reuniões realizaram-se informalmente nas casas, cuja principal discussão estava centrada no porquê de as famílias terem se afastado das atividades do Núcleo de Pastoral. A intenção dessas reuniões era resgatar a participação dessas pessoas nas atividades da Igreja.

3.4 AS POLÍTICAS PÚBLICAS NA REGIÃO

As Políticas Públicas, que ficam reféns da burocracia e dos interesses setorializados e ideológicos da classe dominante, continuam criando várias dificuldades no processo de organização dos coletores-urbanos e da comunidade das Ilhas de Porto Alegre. Ainda hoje, existe um vazio em relação às questões de aplicação de recursos para infraestrutura básica, quando se trata da população de baixa renda.

A maior parte das organizações de atendimento social, estabelecida nessa região, o que não é diferente da realidade do resto do país, é dependente do poder econômico e político, haja vista que os recursos serão liberados, através de convênios, mediante condições que normalmente condicionam a liberação a determinados formatos, muitas vezes, não democráticos. Esses repasses, em muitos casos, estão associados às lideranças políticas e às suas bases que vão utilizar essas verbas na disputa de poder, na conquista de espaços político-partidários, em que normalmente o que menos interessa é a comunidade. O importante para eles é garantir um território para a força política que representa. Eidelwein corrobora a ideia acima:

É de se observar que, ao mesmo tempo em que as políticas públicas têm sua origem na organização e pressão de determinados segmentos sociais pela efetivação de uma série de direitos, o seu operar se vincula a determinadas instituições sociais que funcionam como aparelhos ideológicos do Estado.¹¹⁴

Torna-se, assim, muito difícil a organização de movimentos que visem à libertação popular. Na atualidade, a maioria das políticas públicas, hoje adotada, possui um discurso democrático de inclusão e igualdade de direitos, todavia a sua execução vai ser diferente. Um exemplo claro é o que se vem relatando desde o início desta dissertação: o de como são executadas essas políticas na região das Ilhas, ou seja, de forma parcial e tendenciosa, sem encaminhamentos efetivos, com propostas claras em relação a todos os problemas vividos pela população de baixa renda. Obviamente isso não é uma novidade, visto que, no sistema em que vivemos, não há o interesse dessas mudanças, e a estrutura de dominação, por certo, não quer a transformação dessa realidade. Eidelwein, ainda assinala:

As políticas públicas existentes decorrem das relações superestruturais da formação social capitalista, as quais são diretamente relacionadas ao funcionamento da infraestrutura social, ou seja, ao modo de produção dominante.¹¹⁵

Existe hoje um perigoso discurso de uma estabilidade econômica no Brasil, no qual a única estabilidade que se observa é a dos grandes bancos e das grandes empresas, que nunca haviam lucrado tanto na história do País. Alguns avanços ocorreram, contudo a grande maioria dos pobres do Brasil continua excluída e dominada. As minorias que ditam as regras no país e no mundo continuam cada vez melhor, com seus lucros e juros, especulando economicamente, matando rapidamente através das guerras e um pouco mais lentamente através das políticas econômicas. Jung Mo Sung faz uma análise dessa estrutura e a relaciona às questões sacrificiais, outra formula de fácil entendimento, qual seja, neoliberalismo=exploração=sacrifícios humanos:

¹¹⁴ EIDELWEIN, K. *Economia solidaria: a produção dos sujeitos (des)necessários*, p. 43.

¹¹⁵ *Ibid.*, p. 143.

As exigências que o sistema capitalista internacional faz, através de suas instituições e normas, para que os países devedores do Terceiro Mundo possam continuar tendo acesso ao mercado internacional, são autênticas exigências sacrificiais. As vidas humanas são imoladas como pagamento necessário para poder participar no novo âmbito do sagrado: o mercado.¹¹⁶

O sacrifício diário dos crucificados alimenta diariamente um sistema que tem na desigualdade e na exploração a sua centralidade. Nas reuniões do grupo, ao mesmo tempo em que se percebeu que alguns participantes tinham uma clareza em relação às questões que estão a envolver o coletivo, uma parcela não conseguiram associar os movimentos externos, que foram realizados para os seus destinos e as políticas públicas para essa região.

Essa clareza que alguns conseguem ter acaba sendo parcial, visto que as questões relativas à sua atividade econômica e às suas moradias permanecem tratadas em bastidores, cujo acesso é extremamente restrito. A insegurança, pela falta de informações, ocasionou uma desarticulação e, conseqüentemente, o desestímulo das participações em reuniões ampliadas na comunidade. A desinformação, proposital por parte das autoridades, no tocante ao que estava sendo tratado sobre os seus destinos, sem dúvida, é um fator que causou um cotidiano de medo, de insegurança, somado à falta de expectativa para as melhorias das condições de infraestrutura básica que deixaram, em muitos momentos, um “clima” de tensão. No entanto, existe o bom tensionamento, que serve para provocar a reação e a organização da ação. E é nesse sentido da reação às desinformações por parte das autoridades que se concentraram, desde maio de 2012, as reuniões do Núcleo de Pastoral.

3.5 A BUSCA DE ALIADOS E AS AÇÕES CONCENTRADAS DO NÚCLEO DE PASTORAL

Na forma de encaminhar uma medida propositiva para a organização da resistência para a manutenção do Núcleo e dos seus espaços, propôs-se uma ação, qual seja, a de se buscar aliados, visando à continuidade e à potencialização das

¹¹⁶ SUNG, J. M. *A idolatria do capital e a morte dos pobres*, p. 115.

atividades do Núcleo. O primeiro contato realizado e muito eficaz foi com os Luteranos da Igreja Concórdia, que prontamente se dispuseram a ajudar na atividade pastoral no Santuário Nossa Senhora Aparecida.

Constituiu-se uma atividade ecumênica de grande alcance e que já, nas primeiras reuniões, mostraram uma força que ficou retratada na participação popular no Santuário, aumentando significativamente a partir de maio 2012.¹¹⁷ Na parceria com a Igreja Luterana Concórdia, ficaram estabelecidas ações conjuntas nas pesagens das crianças que fazem parte da Pastoral da Criança, desse setor da Ilha Grande dos Marinheiros, uma vez que existem mais dois núcleos de Pastoral nessa Ilha.

Outro encaminhamento, realizado desde o início do ano, foi o de buscar antigos parceiros e, entre eles, o ICYE que sempre teve uma atuação significativa junto ao trabalho de pastoral.

No período atual, os ataques sistemáticos ao Núcleo de Pastoral e aos coletores-urbanos tornaram-se cada vez mais intensos. Há uma luta do poder econômico, querendo se apropriar de tudo, inclusive dos resíduos que sempre serviram como fonte de sustento desses trabalhadores. Uma vez que os coletores-urbanos são atacados de todas as formas e as suas vidas ameaçadas, o Núcleo de Pastoral acaba recebendo esses impactos diretos.

Em meio a um quadro desfavorável à reversão de situações, principalmente as que se referem aos coletores carroceiros, foram realizadas reuniões do núcleo, com pautas definidas, para se criar uma estratégia, a fim de que haja integração com outras instâncias de organização comunitária, no intuito de um fortalecimento mútuo e se ter um poder de negociação mais forte junto aos setores públicos, responsáveis pelo planejamento da região que é a SEMA e os órgãos municipais.

Visou-se, nessa estratégia inicial com a comunidade, a preparação para a luta, a partir da circulação das informações, pois boa parte dos moradores, principalmente das Ilhas do Pavão e Marinheiros, desconhecia o que estava sendo

¹¹⁷ É importante salientar que a mediação da ida dos Luteranos para a Ilha Grande dos Marinheiros foi realizado por uma família Luterana que mora na Ilha. A família participa há mais de 20 anos juntamente com as pastorais da Igreja Católica, estabelecendo uma prática ecumênica que tem trazido ótimos resultados para comunidade.

planejado em relação a eles, principalmente no que se refere à questão dos coletores-urbanos, no seu trabalho direto e mesmo na sua permanência na região.

Definiu-se também concentrar as forças em um trabalho com as lideranças, aliadas ao Projeto do Núcleo, em uma perspectiva de reativação de atividades, como, por exemplo, da comunidade Nossa Senhora da Conceição, localizada no lado sul da Ilha Grande dos Marinheiros, que cessou as suas atividades no final de 2011. Nesse local, funcionou um projeto exemplar de organização popular, a COOPAL, cooperativa que foi criada a partir dos coletivos de trabalho, quando estava à frente do governo do estado a “Administração Popular”. Essa cooperativa sempre teve, desde o seu início, o apoio da comunidade dos Irmãos Maristas e, principalmente, do Irmão Antonio Cechin e de sua irmã, Matilde Cechin.

Houve uma concentração na operacionalização dos encaminhamentos pastorais, tais como o de pautar a questão dos coletores-urbanos nas reuniões preparativas da Romaria das Águas que tem uma participação ampliada, inclusive de setores de outras cidades da grande Porto Alegre.

A participação e a interação no Núcleo de Pastoral são pontos básicos na construção da resistência conjunta, frente aos movimentos de desarticulação e ataque sistemático ao trabalho dos coletores-urbanos. Reforça-se e se intensifica uma pesquisa focando a ação. Conforme Thiollent, “Com a pesquisa-ação, pretende-se alcançar realizações, ações efetivas, transformações ou mudanças no campo social”.¹¹⁸

3.6 A COMUNICAÇÃO VISANDO À COOPERAÇÃO E SOLIDARIEDADE

A pauta e o conteúdo que, nos últimos encontros, em junho de 2012, foram priorizados centram-se na comunicação, objetivando a cooperação no sentido do fortalecimento do trabalho em conjunto, uma vez que a cooperação e a solidariedade são valores que devem fortalecer a coesão interna do grupo, possibilitando a construção de uma identidade para ser uma referência de organização comunitária.

¹¹⁸ THIOLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*, p. 41.

São elas a cooperação e a solidariedade, como formas de preparação do recebimento do Deus de todos.

Levar, de uma forma socializada, as informações relativas às temáticas de interesse popular, constituindo linhas de ações concretas, vão fazer parte de uma estratégia ampla de organização popular a partir da *práxis*.¹¹⁹ Sobre isso, é importante ver a opinião de Gutiérrez:

Finalmente, a redescoberta, em teologia da dimensão escatológica, levou a perceber o papel central da *práxis* histórica. Se a história humana é, antes de tudo, abertura ao futuro, ela aparece como tarefa, como que - fazer político; construindo-a, o homem orienta-se e abre-se ao dom que dá sentido último a história: o encontro definitivo e pleno com o Senhor e com os demais.¹²⁰

Criou-se um canal permanente de comunicação através das reuniões, fator determinante para o acesso às informações, isto é, uma interface do Núcleo de Pastoral com a comunidade. Essa é uma comunicação em que os preceitos cristãos, a partir de uma lógica da tradição cristã, focados e dimensionados a partir da Teologia da Libertação, eram informados e divulgados de uma maneira adequada às condições de vida e entendimento das pessoas.

Essa circulação de informações fortaleceu as ligações entre os participantes diretos do Núcleo de Pastoral. A formação é realizada através da informação, associando-se as passagens evangélicas com a realidade dos coletores-urbanos. A proposta é criar elos, com a intenção de unir as pessoas em torno do Evangelho, no sentido de fortalecer as ações coletivas na defesa de seus direitos – e isso foi conseguido.

3.7 A AÇÃO DE LIGAÇÃO DO DEUS NA PERIFERIA COM O DEUS DA PERIFERIA

Ao longo deste capítulo desta dissertação, foram descritas as ações que puderam ser realizadas no espaço de tempo da pesquisa. Esse foi e é um desafio,

¹¹⁹ A *práxis* como potencia de mudança da realidade dos coletore-urbanos.

¹²⁰ GUTIÉRREZ, G. *Teologia da libertação*, p. 66.

um exercício constante realizado mediante as ações, as tentativas de fazer essa ligação do Deus na periferia com o Deus da periferia.

Pretendeu-se mostrar Deus, presente no ambiente real, por meio do trabalho dos agentes de Pastoral, um Deus próximo, cuja manifestação e ação estão nas coisas simples do cotidiano, nos significados comunitários, nos gestos solidários e na cooperação entre os moradores e que ficou mostrado a partir do conjunto de ações aqui descritas com simplicidade e a humildade. É preciso cooperar e ser solidário com a dinâmica da mudança, da transformação para libertação.

Esse caminho de ligação é feito a partir do sentimento fraterno e de uma única metodologia realmente eficaz, que é a do amor ao próximo. As ações se transformam em obras que se interiorizam no indivíduo, no momento da consolidação da fé e na ligação a Deus.

Na preparação para a conclusão, a partir das ações realizadas, nesse agir que produziu movimento e que ficou aqui registrado, se demonstrou que, por meio da organização, se faz mudança e que, a partir das pequenas mudanças do cotidiano, vão se criando as condições para as grandes transformações. O pobre, o coletor-urbano, ainda tem as suas forças aprisionadas pela estrutura dominante, mas já existem sinais da mudança, e mesmo com todas as reações a vitória de Deus, através da libertação dos pobres, já pode ser visualizada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: AS LEMBRANÇAS E A CONCLUSÃO QUE NÃO TERMINA

Conclui-se aqui uma parte de todo esse processo de participação do pesquisador, através desta dissertação que foi realizada no Núcleo de Pastoral da Região das Ilhas de Porto Alegre, em um espaço e um tempo de inúmeras experiências. Foram 22 anos de convivência e que agora ficam registrados, através desta produção acadêmica. A participação do pesquisador vai continuar, porém agora de uma forma mais elaborada e embasada, que se estabeleceu a partir dos conhecimentos propiciados por essa formação.

Uma satisfação que fica, ao longo convívio com essa comunidade, foi a de poder ter participado do Núcleo de Pastoral da Região das Ilhas de Porto Alegre e conhecido pessoas tão especiais, entre elas, o Irmão Antônio Cechin e Matilde Cechin, pessoas muito fortes na fé, legítimos discípulos cristãos que nos deram e ainda dão a esperança e a certeza de que dias melhores virão para todos.

Enormes investimentos em todos os sentidos foram realizados para a concretização e a manutenção das atividades do Núcleo de Pastoral da Região das Ilhas de Porto Alegre, que comprovaram as ações de Deus, atuando na periferia do mundo, nesse local bem perto de nós. Muitos fragmentos de memória organizam-se e corporificam-se nesta pesquisa, a partir das lembranças, e passaram a fazer parte da vida do pesquisador. Segundo Eckert, as ligações do passado estão a dar sentido nas nossas relações do presente: “Viver hoje é igualmente guardar uma ligação ao passado, emprestando sentido aos valores e as práticas coletivas e individuais no presente”.¹²¹

Das lembranças ainda ficaram, após todas essas idas e as vindas, os vínculos com tantas pessoas, que se deram nas alegrias e tristezas, na participação dos nascimentos, dos que chegaram, e também dos velórios, dos que partiram, mas que nos anteciparam nessa viagem a Deus.

¹²¹ ECKERT, C. Memória e Identidade, p. 15.

Nesse universo de pensamentos e ideias, muitas vezes emaranhadas, que vieram à tona, ao registrar e atualizar todas as experiências que o pesquisador teve em todos esses anos, aprendeu-se muito nesse contexto, na convivência com os coletores-urbanos. São lembranças que nunca vão desaparecer, e como explica Bosi, estas são a sobrevivência do passado:

A lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens - lembrança. A sua forma pura seria a imagem presente nos sonhos e nos devaneios.¹²²

As impressões e os registros desse passado, ao mesmo tempo distante e muito próximo, tornam-se presentes novamente, por meio do exercício da lembrança e da memória, e estão a preparar uma nova ida do pesquisador. Nesse ponto, não há razão que explique as emoções e as expectativas em relação ao que ainda está para vir. É inexplicável pelas vias racionais exprimir os sentimentos de escrever e ter participado das situações reais nesses anos de convivência com os habitantes da Ilha e ter conseguido colaborar com o trabalho de Pastoral na comunidade das Ilhas de Porto Alegre.

Em meio ao sofrimento, à miséria, doenças, perseguições, humilhações, uma única luz é vista no meio dessa escuridão, esta luz é Jesus Cristo que, justamente nesse meio, se fez e se faz presente. Portanto, a missão do Núcleo é a tarefa constante de manter o povo organizado, unido em comunhão, para poder se manter firme na fé de que esses sofrimentos são passageiros e que, quanto mais estivermos ligados a Deus, mais forças teremos para superar os obstáculos e as dificuldades que ainda estão por vir.

Concluindo então esta dissertação, salienta-se a importância de entrarmos em um novo estado de consciência em relação aos outros e ao Planeta. Essa é uma atitude urgente, uma vez que a vida agoniza em todas as partes, e estatísticas de impactos sofridos nos chegam a todo o instante. Fica, assim, uma reflexão obrigatória, do que realmente eu estou fazendo para me modificar e ser a diferença, para ser um cristão que defende a vida e que luta para a preservação da obra de

¹²² BOSI, E. *Memória e Sociedade*, p. 53.

Deus. No atual ritmo de destruição da Terra, não resta muito tempo para a vida, todos os dias, ao destruir a natureza, a humanidade vai se suicidando rapidamente.

Porém, estabelece-se uma esperança ativa, a esperança nos dias melhores que, com certeza, virão. Essa é a promessa que tanto Jesus Cristo pregava, a do lugar dos libertos, a do lugar daqueles que passaram por todos os tipos de sofrimentos, humilhações, exclusões, torturas, fome, doenças, discriminações e perseguições. É para esses que está prometido o Reino de Deus, não, um reino distante, nas “nuvens”, mas aqui, nesse lugar social, um Reino que não basta ficar esperando passivamente para que as coisas se modifiquem. Tem-se que lutar pela mudança das atuais condições que impedem a realização desse Reino, o reino de amor, paz, fraternidade e cooperação, e a única forma de se chegar a essa realização é lutando a favor daqueles escolhidos, preferencialmente por Deus, que são os pobres, os coletores-urbanos.

A porta ficou muito estreita para o pesquisador, os intelectuais, os religiosos, aqueles que tiveram a oportunidade, dada por Deus, de ser os agentes dessas mudanças e que têm o dever supremo de potencializar junto aos pobres essa transformação do antirreino para o verdadeiro Reino que é o de Deus.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Francisco de. *A Teologia como Intelecção do Reinado de Deus. O método da teologia da libertação segundo Ignacio Ellacuria*. São Paulo: Loyola, 2010. (Col. Theologica).

AVESOL. Disponível em: <www.avesol.org.br>. Acesso em: 25 maio 2012.

BAUMANN, Zygmunt. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. Nova edição rev. São Paulo: Paulinas, 2002.

BOFF, Clodovis. *Teologia e prática: teologia do político e suas mediações*. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. *Teoria do método teológico: versão didática*. São Paulo: Vozes, 1998.

BOFF, Leonardo. *Ética e Eco – Espiritualidade*. São Paulo Verus, 2003.

_____. *A fé na periferia do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1978.

_____. *Da libertação: o sentido teológico das libertações sócio-históricas*. Petrópolis: Vozes, 1982.

_____. *Ética e moral, a busca dos fundamentos*. Petrópolis: Vozes, 2005.

BONINI, Nadir. *Ação inovadora dos Irmãos Maristas no Sul do Brasil*. Porto Alegre: Epecê, 2000.

BOSI, Ecléia. *Memória e Sociedade*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

BRANDÃO, Carlos R. (Org.). *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CALDEIRA, Teresa. *A política dos outros*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES (CUT). *Informativo eletrônico da CUT*. Disponível em: <www.cutrs.org.br/projeto-caminho-da-aguas-beneficiara-catadores/>. Acesso em: 12 abr. 2012.

COOPERATIVA DOS ARTESÃOS DO RIO GRANDE DO SUL (COOPARIG). Disponível em: <www.cooparig.com.br/index.php>. Acesso em: 07 jul. 2012.

DANIELLOU, François. Ficção e Realidade do trabalho operário. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, n. 68, v. 17. 1989.

DARÓS, Marilene Liége. *Pobreza, ressentimentos e lutas por reconhecimento: um estudo na Ilha Grande dos Marinheiros*. Porto Alegre. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – UNISINOS, São Leopoldo, 2009,

DEBERGÉ, Pierre. *Ética do poder – Abordagem bíblico-teológica*. São Paulo: Paulinas, 2002.

DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano 1*. Petrópolis: Vozes, 2001.

DE CERTEAU, Michel; GIARD, Luce. *A invenção do cotidiano 2. Morar. Cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 2000.

DEPARTAMENTO MUNICIPAL DE LIMPEZA URBANA. *Plano de Gerenciamento dos Resíduos Sólidos de Porto Alegre*. Porto Alegre, 1993.

_____. *Planilhas de cálculo da renda mensal dos catadores*. Porto Alegre, 2001.

ECKERT, C. *Memória e Identidade*. Cadernos de Antropologia, Porto Alegre, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, n. 11, p. 15, 1993.

EIDELWEIN, Karen. *Economia solidária: a produção dos sujeitos (des) necessários*. Jundiaí: Paco, 2011.

ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FACULDADE CATÓLICA DO CEARÁ. *A vida e obra de São Marcelino Champagnat*. Publicado em: 10.06.2010. Disponível em: <www.catolicaceara.edu.br/?p=noticiasintegral>. Acesso em: 08 jul. 2010.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder* - Rio de Janeiro: Ed. Graal, 2000.

FREYNE, Sean. *A Galiléia - Jesus e os Evangelhos - Enfoques literários e investigações históricas*. São Paulo: Loyola, 1988.

FROMM, Eric. *Psicanálise e religião*. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano, 1962.

FURTADO, Jorge. *Filme Ilha das Flores*. Porto Alegre, 1989. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=KAZhAXjUG28>. Acesso em: 02 maio 2012.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

GOFFMAN, Erving. *Representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1999.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *A verdade vos libertara*. São Paulo: Loyola, 2000.

_____. *Teologia da libertação*. São Paulo: Loyola, 1996.

HARRIS, Marvin. *Canibais e reis*. Lisboa: Edições 70, 1977.

HIWATASHI, E. *O processo de reciclagem dos resíduos sólidos inorgânicos domiciliares em Porto Alegre*. Dissertação (Mestrado em Administração), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

INCINERAÇÃO NÃO - Contra a queima de lixo. Disponível em: <www.incineradornao.net/>. Acesso em: 22 maio 2012.

INTERNATIONAL CULTURE YOUTH EXCHANGE. Disponível em: <www.icye.org>. Acesso em: 20 jun. 2012.

LIBANIO, João B. *Teologia da revelação a partir da modernidade*. São Paulo: Loyola, 1995.

MARX, Karl. *O capital – Crítica da economia política*. Livro 1 – O processo de produção do capital. São Paulo: Difel, 1985.

MOVIMENTO DOS SEM TERRA (MST). Disponível em: <www.mst.org.br/note5475>. Acesso em: 28 maio 2012.

MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES (MNCR). Disponível em: <<http://www.mncr.org.br>>. Acesso em: 23 maio 2012.

O ESTADO do Rio Grande dos Sul vive uma das piores secas da sua história. *Correio do Povo D*, Porto Alegre, n. 246, 02 jun. 2012. p. 23.

OLIVEN, Ruben G. *Urbanização e mudança social no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1980.

PAGÉS, Max. *A vida afetiva dos grupos*. Petrópolis: Vozes, 1982.

PEREIRA, Pilato. *O irmão dos pobres – Antônio Cechin: uma biografia*. Porto Alegre: ESTEF, 2009.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. *Plano de Pastoral da PUCRS - Universidade Marista, 2001-2004*.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. *PLANDEL*. Secretaria Municipal de Planejamento. Porto Alegre, 1979.

PRIGOGINE, ILYA. *O Fim das Certezas* – São Paulo: UNESP, 1997.

RABUSKE, Edvino A. *Antropologia Filosófica*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1986.

RIBEIRO, Darcy. *Os brasileiros: 1. Teoria do Brasil – Estudos de antropologia da civilização*. Petrópolis: Vozes, 1978.

RICOER, Paul. *O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica*. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

- RIVIÉRE, Enrique P. *Teoria do vínculo*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- SOARES, Luiz E. *O Rigor da Indisciplina* – Rio de Janeiro: Ed. ISER / Relume – Dumará, 1994.
- SCHWERTZ, Inácio; NETO, Osvaldo G. *Ensino social da igreja e ecologia*. IV ed. Petrópolis: Vozes, 1992.
- SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo: ensaio a partir das vítimas*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- _____. *Fora dos pobres não há salvação*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- _____. *Jesus na América Latina: seu significado para a fé e a cristologia*. São Paulo: Loyola, 1985.
- SOBRINO, Jon; ALVARADO, Rolando. Ignacio Ellacuría – *Aquella libertad esclarecida*. Santander: Sal Terrae, 1999.
- _____. *Ressurreição da verdadeira igreja: os pobres, lugar teológico da eclesiologia*. São Paulo: Loyola, 1982.
- SUNG, Jung M. *A idolatria do capital e a morte dos pobres*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- SUSIN, Luiz Carlos (Org.). *Memória para o futuro: nos passos de irmão Antônio Cechin*. Porto Alegre: ESTEF, 2009.
- _____. *Sarça ardente: teologia na América latina: perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 2000.
- _____. *Teologia para outro mundo possível*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 2002.
- TURKLE, Sherry. *A vida no Ecrã*. Porto: Relógio D'Água, 1997.
- ULLMANN, Aloysio R. *Antropologia cultural*. Porto Alegre: ESTSLB, 1983.
- VICO, Giambattista. *Ciência nova*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 2005.

APÊNDICE A - ENTREVISTA COM IRMÃO ANTÔNIO CECCHIN

Irmão Antônio Cecchin: Idealizador dos Núcleos de Pastoral na Região das Ilhas de Porto Alegre.

Entrevista realizada em 2002, com as devidas atualizações (Transcrição Literal).

1. A vida na Igreja? Qual a sua impressão em relação à Igreja Católica em todos esses anos nos quais o Senhor desempenhou as suas atividades, enquanto religioso?

Naturalmente, eu acompanhei a evolução da Igreja nos últimos 75 anos, desde o meu nascimento. Então, primeiro, numa família tradicional, cristã de imigrantes italianos, onde o valor principal era o Cristianismo, e os pais faziam questão que os filhos fossem religiosos ou sacerdotes: esse era o maior sonho deles. E essa família tradicional canalizou toda a nossa formação. Éramos 15 filhos e, como vivíamos no interior, fomos, quase naturalmente, para os conventos. E eu também, como morava numa chácara dos Irmãos Maristas em Santa Maria, os Maristas é que me encaminharam aqui para o Champagnat. Eu vim com 9 para 10 anos.

Essa vida dentro da Igreja, até a década de 60, ela foi a Igreja chamada tradicional. No final da década de 60, a gente deu um salto qualitativo dentro da chamada catequese libertadora. Daí vieram as Comunidades Eclesiais de Base, Teologia da Libertação, Movimentos Populares: aí se definiu um outro caminho. E, naturalmente, nessa Catequese Libertadora se deu o estopim.

O meu relacionamento: hoje, eu me sinto, dentro da Igreja Progressista que está em permanente tensão com a Igreja Conservadora. E no primeiro momento dessa tensão, a gente acreditou que a gente podia acelerar o processo de mudança dentro da Igreja conservadora. Hoje a gente perdeu essa ilusão. Como a gente está dentro da Igreja progressista, que é um modelo de igreja diferente da Igreja conservadora, hoje eu estou tocando junto com todo pessoal que se engajou nesse

novo modelo, sem nos preocupar muito com o modelo da Igreja Conservadora, que a gente tinha muitos atritos.

Então, esses atritos não existem mais porque são dois modelos de Igreja dentro da mesma Igreja.

Então, essa parte da Igreja Progressista vai consolidando esse modelo e tentando, a partir das bases, que são as comunidades, envolver a Igreja Universal num processo de mudança, através, hoje, da tentativa da convocação de um novo Conselho Ecumênico.

Eu tenho um texto aqui do Marcelo Barros, posso te fornecer. Foi feito uma reunião agora na Espanha, de umas 500 pessoas que estão tentando organizar as bases da Igreja Católica e tentando forçar a convocação, a partir de Roma, de um novo Concílio Ecumênico para resolver as grandes questões que os tempos atuais estão exigindo da parte da Igreja. Uma questão, por exemplo, ecumenismo, sacerdócio da mulher, Comunidades Eclesiais de Base e assim por diante, que na Igreja Oficial não tem guarida: as Comunidades Eclesiais de Base não são aceitas, e assim uma porção de coisas. Então, o momento atual me parece um momento rico.

2. Em relação às CEBS, quais são suas impressões e como hoje o Senhor viu e vê as ações destas comunidades?

Eu acho que a opção preferencial pelos pobres na América Latina voltou às fontes originais do Cristianismo. Então, as CEBS, são, para o final do século 20 e começo do século 21, a retomada da Igreja dos Atos dos Apóstolos: as pequenas comunidades inseridas nos meios pobres, assim como Jesus Cristo se encarnou nos meios pobres, essas pequenas comunidades da Igreja Primitiva eram realmente Igrejas inseridas nas periferias. Por isso as CEBS, hoje, no Brasil, no terceiro mundo e mesmo já um pouco em todos os países, representam a primavera dentro da Igreja, quer dizer, tudo o que há de novo, tudo o que significa esperança de transformação, não só dentro da Igreja, mas também no mundo, nós achamos que isso tudo virá a partir das Comunidades Eclesiais de Base.

3. Qual a sua orientação política?

A gente foi naturalmente organizando movimentos populares, porque a força da mudança está na comunidade organizada, no povo que se junta em cima de seus

problemas. Então, a gente está aí dentro de toda essa realidade brasileira que...o Partido dos Trabalhadores, que a gente ajudou a criar. Por exemplo, em Canoas, onde eu estava quando foi fundado o PT foi, nas CEBS que nós organizamos que ele se instalou. Então é o partido que eu considero mais próximo do projeto de transformação que a gente descobre no Evangelho. Ele não é o Reino de Deus, mas é o partido que mais se aproxima dos pobres. Então, se Jesus Cristo se encarnou no meio dos pobres, então, esse partido já significa de alguma maneira um sinal de que o Reino de Deus está sendo construído.

4. Sabe-se que o Senhor foi preso político durante a ditadura militar no Brasil e foi duramente perseguido. Como o Senhor vivenciou este período?

Acho que, na minha vida, a questão da prisão, isso ocorreu mal grado a minha vontade, quer dizer os fatos aconteceram de maneira inteiramente normal, quer dizer, eu estava trabalhando nessa Igreja Progressista, nos movimentos de ação católica antes das CEBS e esses leigos com os quais eu trabalhava foram se engajando sempre mais na transformação social, e quando explodiu a revolução de 64, fomos considerados subversivos pelo sistema reinante no Brasil.

Então, a minha prisão, ao lado da prisão de tantos outros, aconteceu de maneira até bastante normal.

Agora, com relação à Igreja, como a maioria absoluta da Igreja era conservadora e a Congregação Marista também, então não houve a compreensão que a gente podia ter esperado por parte de quem se diz evangelizador, religioso, gente que, no estado normal das coisas, deveria estar engajado no meio dos pobres como opção preferencial. Como isso não acontecia com a Igreja conservadora nem com a Congregação então eu me senti realmente marginalizado.

5. Perguntas direcionadas acerca da constituição desta forte relação do Irmão Antônio com a comunidade das Ilhas.

5.1 Como e quando o Senhor começou a trabalhar nas comunidades das Ilhas de Porto Alegre?

A primeira vez que cheguei às Ilhas foi no ano de 1983 juntamente com a minha irmã Matilde. Como estávamos muito engajados em Canoas, depois de

desbastar o terreno e iniciar as atividades, entregamos o trabalho no Delta do Jacuí para o Jacques Alfonsim e a Belinha, sua esposa. Ficamos em Canoas até 1987, quando conseguimos deixar como continuadores os Capuchinhos e algumas Irmãs Religiosas.

A primeira chegada foi em 1983, daí depois a história foi a partir de uma Irmã belga chamada Irmã Marie Ève (Maria Eva, em português). Então essa irmã estava ficando cega, aproximava-se nos 90 anos de idade. Através da provincial dela recebemos o convite. Ela não tinha mais condições e a provincial nos pediu, a partir do conhecimento que ela tinha do nosso trabalho na comunidade em Canoas, que a gente desse um jeito assim, pra aliviar a irmã. Então em 83 nós começamos, e depois a gente entregou a oportunidade pra Belinha e para o Jaques, a continuidade e em 87 a gente veio com força total deixando os outros engajamentos. Aí sim, enfrentamos o problema dos catadores da Ilha.

5.2 Existiu alguma razão especial para as Ilhas?

A razão era essa. A Irmã Marie queria entregar a obra dela nas ilhas pra uma organização protestante. Como a provincial achou que muito do dinheiro dessa irmã tinha vindo de entidades católicas, ela achou que não seria bom passar para uma organização protestante. A provincial pediu a Matilde e eu que viéssemos pra ver como encaminhar o problema dessa irmã. Mas bem, a irmã tinha um trabalho de artesanato ali, e ela tinha contato com o próprio governo do estado. Ela tinha uma Kombi, tinha motorista, e tinha um relacionamento muito grande com a alta sociedade, por causa do artesanato. Uma arquiteta da família Cirne Lima, por exemplo era uma que fazia os desenhos daqueles ponchos. A cooperativa de artesanato sob a orientação da Irmã Marie Ève, chegou a ganhar o primeiro prêmio internacional de artesanato na exposição de Berlim. Nós, Matilde e eu, fomos na outra ponta, trabalhar com esse pessoal mais pobre, na esperança de nos encontrar depois com a Irmã, que trabalhava na SADI (Sociedade dos Amigos das Ilhas), mais lá pra cima, onde o pessoal que tinha invadido a Ilha, não era aquela pobreza, era mais o pessoal descendente de pescador, artesão de nascença, etc. Mas isso foi em 87. A gente começou neste ano a trabalhar, indo lá todos os dias, conversando com as pessoas e organizando comunidades de base. De 83 a 87 ficou a Belinha,

continuando um clube de mães que nós tínhamos começado a fazer, entre outras atividades que nós fazíamos lá.

Então, são duas etapas, primeiro a arrancada inicial, que iniciou em 83, e depois um trabalho em 87.

5.3 Que características principais lhe chamam a atenção em relação às comunidades das Ilhas?

As comunidades das Ilhas, principalmente as do Pavão, Grande e Ilha das Flores, onde nós nos estendemos, são as comunidades mais pobres com as quais nós trabalhamos durante toda a nossa vida. Comunidades muito difíceis, porque é um pessoal que decaiu, que chegou do interior, tentou a vida na cidade grande, como não tinha nenhuma formação em uma profissão, eles acabaram perdendo os valores interioranos, decaíram, as famílias se desmancharam e eles, então, se instalaram ali nas ilhas logo depois que foram feitas as pontes da travessia do Guaíba. Então, não há nas Ilhas nenhuma família bem constituída, e a maioria das famílias têm as mulheres como chefes de família, não são nem os homens, eles transitam de uma família pra outra, não há realmente nenhum casal, que nos conheçamos, que é bem constituído, e nós estamos nas Ilhas desde 1983 e até hoje não realizamos nenhum casamento lá na Igreja. As meninas são defloradas muito cedo, pessoal extremamente pobre, trabalha com lixo depois, além disso, quando nós começamos tinham as gangues, a juventude se matando. Então, realmente, são os mais pobres aqueles que merecem toda a predileção da Igreja, porque Jesus Cristo disse que veio para trabalhar no meio dos últimos.

5.4 Como o Senhor percebe hoje a situação das Ilhas e, principalmente, a situação da Ilha Grande dos Marinheiros?

Eu acho que se fez uma grande caminhada, apesar de tudo. Por exemplo, quando nós chegamos lá eles não tinham nem água, nem luz, não havia nenhuma presença do Estado no meio dos mais pobres, nem da Igreja. Então, aos poucos, num terreno inteiramente minado por todo o tipo de competições, a gente começou a organizar esse pessoal que trabalhava com o lixo, organizar eles a partir do próprio lixo. Assim, deles terem uma sobrevivência um pouquinho melhor, e acabamos com aquela violência do tipo familiar: as gangues. Foram implantadas depois as creches

através do voluntariado do Movimento de Renovação Cristã, que começou a nos dar uns cheques de manutenção mensais, organizamos depois um Galpão, que foi um laboratório de todos os galpões do Rio Grande do Sul, que hoje são mais de 90 entidades que fazem reciclagem.

Então, demos visibilidade aos catadores. Começou a consciência ecológica, bem na década de 60, e começamos, nas ilhas, aquilo que os ecologistas costumam dizer que é a etapa atual da história da ecologia no Rio Grande do Sul. Eles dizem: a etapa atual da ecologia no Rio Grande do Sul é a ecologia a serviço da inclusão social, e nós começamos isso em 87, já fazendo que os catadores comessem a ter autoestima, a partir da separação do lixo e, com isso, eles serem os médicos do planeta. Eles começaram a ter consciência de preservacionistas. Então aquele pavor que eles tinham no começo de serem fotografados, como demonstrou aquele filme “Ilha das Flores”, eles se apavoravam, quase que queriam apedrejar o fotógrafo que focalizava eles no meio dos porcos pegando uma fruta, essa coisa toda... eles começaram a se sentir orgulhosos da presença de fotógrafos e gente da televisão, etc. ... porque eles sentiam que o trabalho deles tinha valor, e antes disto era totalmente desprezado.

Acho que se fez uma caminhada imensa, apesar de as comunidades lá serem até hoje serem fracas, mas hoje a presença do estado lá é bem patente, e no ano passado, com os coletivos de trabalho, as pequenas cooperativas que estão desabrochando aqui e ali, a questão do artesanato, uma porção de iniciativas isso fez com que as Ilhas tenham se transformado até num lugar bom de se morar...

5.5 Perguntas direcionadas ao Galpão

De onde e por que surgiu a ideia de organizar e construir um galpão de reciclagem na comunidade da Ilha Grande dos Marinheiros?

Descobrimos que a sobrevivência deles era a partir do lixo, e eles eram extremamente pobres, achamos, que devíamos reuni-los e começar a discutir com eles toda essa produção, toda essa reciclagem, a fim de melhorar o ganho deles. Esse era a base do nosso trabalho da comunidade: era exatamente fazer que os pobres, cuja maior preocupação era se alimentar, o problema da fome era terrível. Então, em cima da atividade econômica deles incipiente, procuramos dar uma mão, assessorando, conseguimos um dinheirinho da Cáritas, primeiro pra fazer o telhado,

com colunas, depois colocamos taquaras, por causa do vento, e aí fomos avançando, conseguimos prensa...

5.6 Como foi o início do trabalho?

O início do trabalho foi muito difícil. Começamos com um fracasso, porque com formação universitária, sempre havíamos trabalhado em colégios no centro da cidade e agora, no meio de pessoas, que haviam decaído moralmente, dentro de uma outra cultura ou até uma espécie de contracultura, não tínhamos como, porque, embora nós estivéssemos lá conversando com um, conversando com outro, na hora víamos um galpão, o que nos diziam é que o lixo dava dinheiro: isso não correspondia.

Começamos trabalhando com 10 famílias e, como não tinha coleta seletiva nem nada disso, o lixo que se buscava, vinha através de um caminhão, de segunda mão, que o Colégio Bom Conselho nos comprou, nós buscávamos o lixo bruto aqui na cidade de Porto Alegre e arredores. O pessoal trabalhava com aquele lixo imundo, acompanhado de um moscaredo terrível, lixo sujo mesmo, totalmente sujo, misturado, e no final de semana não dava quase nada. Houve também o protesto do pessoal que, levado por nós, nesse galpão, foram dez famílias, no final de semana rendia uma mixaria, às vezes, não conseguíamos nem vender o pouco que eles tinham reciclado. E eles exigiam de nós o dinheiro. No começo, queriam ver em nós, Matilde e eu, os patrões deles. Por isso, tínhamos que ir até altas horas da noite pra ajudar a pesar o material.

E nesse pesar o material, acontecia que o pessoal botava pedras dentro dos sacos... Isso ocasionava um descontrole em todas as direções. Quer dizer, falta de pratica, parecia que o pessoal concordava conosco na hora das reuniões, mas depois, na prática, eles descartavam tudo. Então o Bianco sugeriu de lançar um vale: “no começo, vamos dar um vale, que a gente adianta dinheiro pra eles”. Mas bem, chegou um certo momento em que nós não tínhamos mais como suportar, vale, vale, o salário da Matilde e tudo isso aí, então tivemos que suspender. Nisso, o pessoal ameaçou atear fogo no galpão, porque eles já tinham se habituado a ganhar aquele dinheirinho e agora nós não tínhamos mais condições de oferecer: a revolta, toda que tivemos que enfrentar para fazer uma espécie de convênio com eles,

prometemos que a suspensão seria para mais adiante... E começamos depois da estaca zero, com duas famílias: “não o lixo não dá dinheiro, não é bem assim etc.”

No começo tinham outras dificuldades: eles catavam no chão e ninguém se entendia um com outro, cada um por si, eles não admitiam trabalhar juntos, estavam habituados a esse trabalho individual... Então faziam começar a catar lixo em cima de uma mesa, a Matilde teve que dizer pra uma mulher: “olha, tu vai começar a catar em cima de uma mesa”, “Ah, mas não vai dar dinheiro no fim da semana...”. “O dinheiro que tu ganhava até semana passada eu vou te pagar...” E começaram a perceber que dava mais dinheiro do que antes.

Então, toda essa experiência que tivemos que passar: da estaca zero, começando com uma pessoa, depois juntando, cada uma passou a ter a sua bambona pra colocar o papel, colocar o plástico, o ferro etc. Foram muitos os passinhos que tivemos que dar pra chegar até organizar tudo. Agora, depois que organizamos os grupos, faltou dar o salto final, que era um trabalho assim, todo mundo junto, todo mundo ganhando a mesma coisa, como realmente foi o salto dos galpões depois: O salto para o coletivo.

E como foi difícil, a tal ponto em que a Matilde chegou até a fazer uma promessa. Mais tarde eles ameaçaram a nos apedrejar... bem ali, num certo momento, e eu dentro do galpão fazendo reunião. Às dez da noite, eu saí do Galpão, vi que o carro, que estava debaixo da luz do Galpão, estava sem os quatro pneus, tinham sido roubados.

5.7 Como era feita a organização dos associados?

Nós criamos uma associação e os estatutos dessa associação foram feitos pelo Jacques Alfonsim. Mas além da Associação e dos estatutos regulares fizemos o regimento interno. Regimento interno que nós também registramos no cartório, pois esse pessoal me processou seis vezes: negócio de 13º, férias remuneradas, advogados de porta de cadeia, com tudo isso, eu tive que me incomodar. Então, o Regimento interno foi a minha salvação porque este regimento foi caminhando, ele traduzia como tínhamos acertado para que funcionasse o Galpão. Por exemplo, os grupos organizados, com um líder de cada grupo, na realidade uma líder, porque nós só acertamos quando os homens foram botados pra rua e só ficaram as

mulheres, funcionaria da seguinte maneira: uma mulher líder em cada grupo, essa mulher tinha que constituir a sua equipe. Se uma mulher não se acertasse com nenhuma líder ela não poderia trabalhar no galpão. Então, a partir daí é que a coisa realmente começou a funcionar e na prática as líderes de cada grupo reunidas formavam o Conselho de coordenação do Galpão.

No fim de semana, a divisão. Como é que se fazia essa divisão: cada grupo de acordo com a produtividade. Então, uns grupos começavam às 7 horas da manhã, outros às 9, às 10, uns grupos trabalhavam fim de semana outros não trabalhavam. Então, tinha uma rotina do Funcionamento do Galpão.

Eram vários grupos desde o início do Galpão? Não, foi uma caminhada. Depois que fracassamos com 10 famílias, 2 só. E aí, a partir de duas famílias foi entrando um pouquinho mais, Mas aí o que acontecia ... os homens praticamente não separavam, eles reservavam pra si as tarefas mais nobres como pensar, vender o material ... e as mulheres ficavam lá separando folhinha por folhinha.

Quando, no fim de semana, distribuíamos o dinheiro, os homens geravam confusão, e era um negócio difícil. Eles calçavam a mulheres na saída do galpão e pegavam o dinheiro delas pra ir jogar no bicho, no jogo do osso etc. Então, num determinado momento, na reunião, as mulheres decidiram botar os homens pra fora e daí o Galpão acertou, a partir das mulheres. Porque as crianças delas são mais ligadas à mãe, o homem circula de uma casa pra outra. Nós víamos casos por aí, por exemplo, no natal uma criança que recebia um presente, o pai, ou aquele que morava com a mulher pegar o presente, vender pra jogar no jogo do osso. Quer dizer, essas pessoas não têm alma. Toda essa problemática de gente que decaiu, que está ali na maconha, no roubo, porque de noite esse pessoal pegava carroça e ia roubar no centro da cidade, estão governados pelo álcool, pela cachaça, e assim por diante. Aí você tem realmente o pessoal que decaiu moralmente no grau máximo.

6. Existia alguma forma de culto religioso realizado por esses trabalhadores?

Desde o começo. Nós fazíamos a reunião semanal de avaliação: as coisas positivas, as coisas negativas, o planejamento da semana ... e nessas reuniões aproveitávamos para ler algum texto do Evangelho, fazer algum canto, íamos à beira do rio pra fazer uma oração, mas sempre dentro de um respeito total de católicos,

evangélicos, umbanda, todo mundo fazia a sua oração, no momento oportuno, dentro de um ecumenismo de justaposição, de respeito ao diferente. Então, essa preocupação da comunidade, da organização, da mística, da espiritualidade, isso sempre teve, desde o começo.

7. Como o senhor avalia a parceria com a PMPA e com o DMLU, em termos dos trabalhos em torno do Galpão das Ilhas no início do projeto e hoje?

Chegamos, primeiramente, às Ilhas em 83, mas começamos a trabalhar mesmo de maneira sistemática em 87, apesar do governo Collares, do Vieirinha, que era encarregado do lixo. Porque nós fomos, o Jacques Alfonsim e eu, falar com o Vieirinha, dizendo que íamos fazer o Galpão, e ele foi contra, mas no fim ele disse que não interferiria, e depois seria a política do fato consumado. Mas, em 1989, a esperança do PT foi em nós. Começamos dentro do DMLU, a conselho do prefeito Olívio Dutra, a preparar todo um esquema para a reciclagem, apoiado pelo governo, nós esperávamos muito dele, mas não aconteceu a caminhada, a utopia inicial que nós tínhamos, ela não aconteceu. Até hoje, vê, eu continuo achando que a política do lixo em Porto Alegre, a partir dos catadores, no meu entender está equivocada. Porque vê, o que nós começamos fazendo e o DMLU nunca entendeu, e que, também, tínhamos começado em Canoas, é a chamada Coleta Seletiva por Entrepostos.

Quando o PT começou em Porto Alegre, nós tínhamos Igrejas, na Zona Norte, numa paróquia, antes da missa, o pessoal trazia o lixo seco e colocava em cima do nosso caminhão. Os papeleiros estavam juntos a essa Paróquia com o caminhão e o povo vinha pra missa: uma velhinha lá trazia um pacote de jornais, outro um pacote de plásticos, ou tudo misturado lixo seco, então nós enchíamos o caminhão. O DMLU veio ver esse trabalho e se laçou na coleta seletiva sem combinar nada conosco. Nos entulhou de lixo desde o fundo do Galpão até a boca, que nós tivemos que ir pra Canoas, pedir às mulheres lá das comunidades de base de Canoas. Fomos à associação Santíssima Trindade, fomos também às mulheres que trabalham no lixão, para que elas viessem nos ajudar na Ilha pra desentulhar o corredor que estava entupido de lixo do começo ao fim. Bom, aquilo que era o nosso sonho, de cada unidade, cada Galpão inserido na sua comunidade, como Ilha Grande dos Marinheiros, como Santíssima Trindade, cada Galpão teria que fazer o

resgate da sua vila, e esse resgate, essa inserção comunitária se faria também através da educação do pessoal do Galpão, que eles, esses papeleiros iriam montar, como temos em Canoas, não sei se até hoje, os entrepostos que serviriam as suas unidades. Isso não aconteceu, o que pra mim seria a maravilha das relações interpessoais a serem criadas entre o produtor de lixo, que é o morador, e o reciclador. A exemplo do carteiro: o carteiro sai do correio e vai de porta em porta entregando cartas e estabelece relações interpessoais ricas com o dono da casa ele é conhecido, que quando chega o natal, que nem o entregador de gás, o cara que entrega o gás ele deseja um bom natal, recebe uma gorjeta, a gente dá uma coisa: quer dizer, ele é um amigo nosso, é o cara que é do PT e ele entra já dizendo: “pô, ganhamos aqui em cima, mas aqui em baixo, que horror!” etc. porque a gente vai conscientizando em quem tu vai votar... coisa que acontece na feira ecológica, que nós vamos todo o Sábado, a Matilde e eu: lá tem uns colonos de Vila Ipê, de Antônio Prado. Ontem, à noite, um cara me telefonou de Vila Ipê, o Tom Belo: “cara, esse fim de semana eu vou lá na feira etc e tal, preciso falar contigo”, digo “ não, esse fim de semana eu vou pro Rio de Janeiro”. Mas vê, o povo que vai comprar lá estabelece as relações interpessoais: “como é que tu trata isso, como é que vem de lá, vem isso, vem, aquilo”, o colono falando, estabelece relações muito ricas, interpessoais que eu chamo.

Sobre a minha ideia, vou dar um exemplo concreto: aqui, bem próximo, numa rua de Porto Alegre, todos os sábados de manhã, quando nós vamos lá na Feira Ecológica tem um carroceiro que vem da zona sul de Porto Alegre. Ele tem umas quatro crianças. Esse carroceiro deixa as crianças aí e as donas de casa da Barros Cassal saem, entregam os saquinhos tudo bonitinho para as crianças, e o carroceiro faz uma, duas, três viagens. Às vezes as donas de casa dão café para as crianças. Quer dizer, é uma relação maravilhosa. A coleta seletiva em Porto Alegre, é completamente anônima e vem um lixo que é uma coisa horrível, vem de tudo. Se você tem esse relacionamento de casa em casa, isso nós iríamos construir aos poucos. A única que tem isso é o Centro de Educação Ambiental, da Vila Pinto, coordenado pela Marli Medeiros. Lá, ela faz convênios. Por isso que eu estou com a Marli e, aos poucos, estou sonhando em com ela ampliar, a gente poder fazer mais demonstrações de que isso é o caminho. Por exemplo, Colégio São Pedro me telefonou essa semana, o baby deles vai toda a semana no Colégio São Pedro, as

professoras tão me perguntando agora: “mas quantos livros vocês já levaram para a biblioteca da Marli, que a gente vai precisar fazer um relatório pra não sei o que”. “A Marli já tem a quantidade de livros que eles receberam”. E, assim, vê, estabelecem-se as relações que são uma maravilha”.

É isso que eu digo: o meu relacionamento com o DMLU é conflitivo desde o início da coleta seletiva.

8. Esse fato do convênio do DMLU ocorreu em que período e quais circunstâncias que influenciaram para esse acontecimento? Porque acabou existindo tipo um convênio, uma parceria, que período acontecendo isso?

Em 1989, o prefeito Olívio Dutra me chamou no gabinete dele e pediu para eu ser o subprefeito das ilhas. Existia até então um administrador das ilhas, ligado diretamente ao gabinete do prefeito e ele disse: “como nós vamos fazer o Orçamento Participativo e não tem ninguém com a nossa filosofia lá nas ilhas, tu vais ficar subprefeito e as Ilhas farão a experiência-piloto do Orçamento Participativo”. E depois de março de 1989, comecei a organizar o Orçamento Participativo, via entidades primeiro, nas ilhas, como subprefeito, para acabar com a triste figura do subprefeito.

Em função do lixo eu ia todas as semanas, o Olívio me chamava, às 7h30min, no gabinete do prefeito, falando o negócio do lixo, que eu já estava metido. Ele sugeriu que via Campani (O Diretor do DMLU), a gente fizesse lá uma reunião, em função desse trabalho que o prefeito queria apoiar. Então, organizamo-nos, dentro do DMLU, em três setores. Nós fomos nessa reunião lá, o DMLU com o Jaques Saldanha, com Magda Renner, Nilton Fisher, estava lá o Ademir, estava o Campani, estava não sei quem mais. Bem, dividimo-nos em três grupos dentro do DMLU, esses três grupos tinham três serviços diferentes: Ademir e eu iríamos organizar grupos de papeleiros; Magda Renner, Jaques Alfonsim e companhia limitada iriam procurar criar consciência de coleta seletiva de lixo, educar a sociedade; e o DMLU, via campanha etc. e tal, ele cuidaria da infraestrutura, montar galpões, essa coisa toda...

Fizemos uma reunião, distribuíamos tarefas mas não surgiu mais nenhuma segunda reunião. Então nós organizamos os papeleiros, de vez em quando vinha o Ademir me pedir ajuda, aí eu passei de membro daquela arrancada, que agora

começamos a organizar papaleiros, e o Aeroporto, a Vila Tripa e a Vila Santíssima Trindade, aí na Dique, eu comecei nesses três lugares porque eram as três maiores concentrações de papaleiros, disse que nós vamos tocar...quer dizer, eu fui fiel, eu não interrompi, eu ontem, com o Galpão da Ilha, foi primeiro, fui ampliando, montei o Galpão da Vila Santíssima Trindade e montei a Vila Tripa, quando ela foi transferida eu já trabalhava com eles lá, pra não, digo: eu não vou deixar o trabalho no meio do caminho.

9. Como o Senhor vê o Galpão de Reciclagem hoje, 2002? Atualizado – 2012.

Bom, eu acho que é o patinho feio de todos os galpões do Rio Grande do Sul, foi o laboratório inicial, onde nós realmente fizemos a grande experiência e, infelizmente, ele está abandonado, aquilo foi um sonho, eu queria fazer daquilo um galpão modelo, ninguém me tira da cabeça que aquilo lá sendo parque ecológico, seria um lugar ideal para se fazer a reciclagem do lixo. Lutzenberg sempre dizia que lixo é o maior problema ecológico. Então, de lá eu alimentei um sonho de, por exemplo, aquele trapiche que está lá na frente, depois botamos em Igrejinha, mas era dentro de um projeto que eu tinha até com o Ministério da Educação, lá atrás do Galpão nós íamos fazer uma construção onde faríamos o museu do lixo, porque veio um sociólogo que me visitou e disse: “olha, não há como um museu do lixo para dar a história de uma cidade: colocar um exemplar de todo o tipo de material que vem no lixo no museu. Além disso, vem o negócio da reciclagem, então tudo o que se refere à reciclagem, tudo que se refere à reutilização de materiais, etc.” Então vê, os turistas eles viriam de barco para visitar as ilhas do parque ecológico, lá no Galpão, eles viriam de barco visitariam a reciclagem, depois lá atrás, no museu, etc. Seria um negócio para o próprio parque ecológico ali perto do Jacuí. Bom, tudo isso foi água abaixo.

10. Dá para fazer algum tipo de comparação com os outros tempos os quais o Sr. estava presente de forma direta na organização do Galpão?

Quando Matilde e eu trabalhávamos lá tínhamos limpeza no galpão, não admitíamos trabalhar com lixo de maneira suja, não chegamos a realizar todo o nosso sonho em termos de higiene, por exemplo, na questão das luvas, compramos uma meia dúzia de vezes luva pra todo mundo, mas o pessoal jogava fora, porque

trabalha com as mãos. Então, realmente, o Galpão estava muito mais bem organizado, mais eficiente, tinha mais gente trabalhando, e vê, o nosso sonho era, aos poucos, trabalhar em vários turnos. Quer dizer, o Galpão decaiu, não totalmente, porque hoje eles se autogovernam com todos os problemas que têm, mas é uma pena ele estar em tão precária situação quando, tendo sido o primeiro, ele poderia ter sido o modelo para todos os outros galpões.

11. Em sua avaliação, o que aconteceu, que fato determinou a situação da Associação instaurada nos últimos anos? 2002–2012.

O que eu sempre digo, o que faltou no galpão foi assessoria, porque o povo sozinho não se liberta, ele necessita de uma assessoria, de um educador, ou de vários educadores que o ajudem a ir para frente, numa permanente formação de lideranças. Se o povo entregue a si mesmo conseguisse se organizar, a libertação do Brasil há muito tempo já teria acontecido. Então, isso foi sempre a insistência, para a Matilde e eu, por isso não deixamos o galpão entregue a si mesmo, fizemos uma ata para registro e a Matilde tem a ata aqui que fizemos no DMLU.

Quando nós vimos que o nosso trabalho não era mais educativo nós dissemos ao DMLU: “nós não temos mais condições, nós somos educadores e nós entregamos pra vocês”. Aí foi feito uma ata, foi assinado, tudo bonitinho, mas o DMLU não assumiu, não assumiu o galpão e eles sempre dizem: “o povo é que tem que se organizar”! Não vai, não vai, volta e meia eu tenho vontade, se eu tivesse tempo, de voltar ao galpão, voltar porque eu sinto um peso, de noite eu me acordo e digo: mas que vergonha, como é que a gente deixou isso aí. Tenho uma vontade ir lá, retornar, eu acho que ainda com a Matilde, vou falar com ela, pra ver se ela junto comigo ela retorna, e nós fazermos a reflexão com aquele pessoal.

Perguntas em relação a questões futuras:

12. Como o Senhor está vendo o papel do Poder Público em relação à Ilha Grande dos Marinheiros e nas demais Ilhas?

Eu acho que fizeram avanços, mas eu acho que o poder público nas ilhas foi omissa ao longo do tempo. A grande esperança é, exatamente, o rezoneamento, porque o mesmo governo, prefeitura e governo do estado, o rezoneamento iria dar a

infraestrutura básica, porque vê, enquanto o povo, as casinhas, não têm o mínimo de condições e o negócio dos aterros, pra evitar as enchentes. Enquanto não tem o mínimo de higiene, nem instalações. Então, aquilo está sempre a Deus dar, e o povo não consegue dar uma arrancada. Então eu agora sinto que aquilo que nós acabamos fazendo com que o governo PT, com os coletivos de trabalho, pequenas cooperativas, tentativas, lá a SADI, os maristas entraram lá com filantropia, então na creche, quer dizer, houve uma ascensão social. Não vou dizer que não vai surgir, não, se deu um salto qualitativo, se vai continuar... mas a nossa esperança vai ser contida, porque o rezonamento talvez não vai acontecer.

13. Como o Senhor está vendo o trabalho que os Irmãos Maristas desenvolvidos na Ilha Grande dos Marinheiros?

Eu saúdo o trabalho dos Maristas, afinal de contas é a minha congregação, agora, espero, nesse sentido, eu to observando que a gente continua se reunindo mais e mais com os que estão lá, com o pessoal da PUC. Porque o que eu tenho como sensação, não sei se eu vou fazer uma crítica, que eu como Marista enquanto trabalhava nos colégios, nos conventos, eu era a pessoa das instituições e eu virei, indo trabalhar nas ilhas, pessoa de comunidade.

Então vê, os maristas têm um ótimo trabalho nas instituições, por exemplo, com as creches, e essa turma que vem para apoiar mais essas incursões, que são contidas de saúde, tudo muito bem, mas veja, esse pessoal não têm melhores condições, pessoal da Pastoral Universitária, o voluntariado, porque falta ligação das instituições com a comunidade.

Bem, não dá pra aceitar, por exemplo, que as crianças naquelas creches, lá mães que estão ali, uma beleza, roupas limpas, trabalho anda solto, usar aqueles uniformes, todo aquele negócio caprichado. Bom, a criança sai de lá e vem no meio do lixo. Então vê, como é que deveria ser feito: reuniões de mães, lá nas creches e assessoria às famílias, essas mães iam ser cobradas, “escuta, vocês estão tristes que os filhos de vocês estejam aqui com essas roupas tão limpinhas, a comida, tudo uma beleza, toda a atenção?” Sim, mas como é que vocês esperam depois essa criança na casa de vocês, lixo, bicho, porco, não sei o que ... Quer dizer, a gente teria que educar a partir das mães, porque nas Ilhas são mães que funcionam como chefes de família, são as mulheres as protagonistas mais válidas. Os homens se

encontram em petição de miséria. Realmente a mulher é mais conservada e também mais alfabetizada.

14. Com toda a sua experiência, como o Sr. pensa que devam ser organizados os trabalhos de apoio a comunidade da Ilha Grande dos Marinheiros?

Era como eu te expliquei, tendo como base a organização da comunidade a gente incidir de maneira inteligente sobre os problemas que a comunidade tem, fazendo com a comunidade uma caminhada.

15. O que o Senhor acha da ideia de construir um grupo ampliado de trabalho juntamente com os trabalhadores do Galpão da Ilha Grande dos Marinheiros, e nesse encontro, possam ser realizadas reflexões e movimentações concretas em relação aos problemas que hoje são observados nesta Associação?

Eu acho que esse grupo seria fundamental, agora, quem vai ser esse grupo, nós temos que conseguir que eles queiram, nós não podemos incidir de forma que agora nós vamos fazer e acontecer. Eu acho que, por exemplo, tem uma porta de entrada aí que é a Matilde, lá no galpão ela sempre foi a mãe brasileira. Quando havia algo de mais grave, era eu que entrava para dar duro.

Da entrevista de 2 horas, essas foram as questões formais do questionário, houve outros assuntos informais que aqui não estão descritos que não estavam relacionados com esta pesquisa.

